

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

JOÃO HENRIQUE RIBEIRO GOMES DIAS

**COPA ALÉM DA COPA: DITADURA MILITAR, *EL GRÁFICO* E A
CONSTRUÇÃO EDITORIAL DA “VERDADEIRA ARGENTINA” (1976-1978)**

Monografia

MARIANA

2026

JOÃO HENRIQUE RIBEIRO GOMES DIAS

**COPA ALÉM DA COPA: DITADURA MILITAR, EL GRÁFICO E A
CONSTRUÇÃO EDITORIAL DA “VERDADEIRA ARGENTINA” (1976-1978)**

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Frederico de Mello
Brandão Tavares

MARIANA

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

D541c Dias, Joao Henrique Ribeiro Gomes.

Copa além da Copa [manuscrito]: ditadura militar, El Gráfico e a construção editorial da "verdadeira Argentina" (1976-1978). / Joao Henrique Ribeiro Gomes Dias. - 2026.

91 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Copa do Mundo (Futebol) (11. : 1978 : Argentina). 2. El Gráfico (Revista). 3. Argentina. 4. Ditadura - Argentina. 5. Jornalismo. I. Tavares, Frederico de Mello Brandão. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070:32

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário CRB6 1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

João Henrique Ribeiro Gomes Dias

COPA ALÉM DA COPA: DITADURA MILITAR, EL GRÁFICO E A CONSTRUÇÃO EDITORIAL DA "VERDADEIRA ARGENTINA" (1976-1978)

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 27 de fevereiro de 2026.

Membros da banca

Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Ana Carolina Lima Santos - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Frederico de Mello Brandão Tavares, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 25/03/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Frederico de Mello Brandao Tavares**, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR, em 25/03/2026, às 12:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1081084** e o código CRC **D1EFA9BE**.

Com o maior respeito e reconhecimento, dedico este trabalho à todas as pessoas que foram resistência e lutaram bravamente contra os monstros dos regimes ditatoriais em toda a América Latina.

Memoria, Verdad y Justicia. Nunca más.

AGRADECIMENTOS

Parafraseando a grande Mercedes Sosa, que também foi alvo do Regime e teve de se exilar por alguns anos, gostaria de dar *gracias a la vida* por realmente ter me dado tanto até aqui. Se fosse para listar todas as pessoas que me marcaram e fazem parte do que sou, felizmente tardaria e nem todas essas páginas seriam suficientes. Porém, algumas delas merecem essa singela homenagem.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Marina e Edson, por todo esforço, amor e cuidado, assim como por terem me proporcionado todos os privilégios possíveis para ser quem eu quisesse. Mesmo não tendo as mesmas oportunidades, e em alguns momentos nem entendendo o que de fato é isso de faculdade – que eles até chamam de escola –, sempre me inculcaram que a educação era o caminho para um futuro melhor. Da mesma forma, me lembro da minha saudosa vó-mãe, Andreлина, que, sem sequer saber ler e escrever, e talvez justamente até por isso, também remarcava a necessidade de correr atrás dos estudos.

Seguindo essa mesma linha, não poderia deixar de lembrar de minha prima-irmã Samyra e minha Tia Cida. Certamente por termos algumas vivências parecidas, Samyra, doutora em Biodiversidade pela Universidade Federal de Juiz de Fora – o digo com maior orgulho –, foi a primeira grande referência que tive e desde muito novo me incentivada a ler e estudar, assim como sua mãe, que com a ajuda do meu primo Samyr, me levavam para fazer provas e sempre fizeram de tudo por mim.

À minha titia querida, Ana Maria, confesso que faltam até palavras. Ainda que “não entenda” quase nada de toda essa linda loucura que é a vida, me ensinou algumas das mais puras e belas coisas. O meu amor mais puro e sincero é seu.

À Universidade Federal de Ouro Preto, agradeço pelo ensino público e de qualidade. Aqui, em Mariana, para além dos conteúdos que remetem ao fazer jornalístico, aprendi sobre a vida. Não foi fácil sair de casa com 18 anos recém cumpridos e ir parar em uma cidade completamente desconhecida; mas por algum motivo, optei por esse destino e agora, passados quase quatro anos, percebo que encontrei mais do que buscava e que tudo valeu a pena.

Agradeço aos professores do curso de Jornalismo por cada ensinamento e troca de vivências. Em especial, ao meu orientador Fred, que me encontrou – e eu o encontrei – em um momento mais que oportuno, com o convite para trilhar esse caminho do TCC e também de uma IC, despertando um sincero interesse pessoal pela pesquisa. Estendo o agradecimento aos demais membros da banca, Carol e Coração, que também me marcaram, cada um em seu momento e a partir de suas áreas de pesquisa e estilo próprio.

Nada é por acaso. Cada escolha que fiz durante esse período foi pensada e tinha um propósito. Nisso, a Assessoria de Comunicação Institucional (ACI) da UFOP e todos os jornalistas e bolsistas com os quais convivi, na qual foi a minha primeira experiência prática de fato, tem muito que ver. Graças ao apoio, carinho e confiança, posso dizer que me marcaram um antes e depois. O mesmo aconteceu no momento do estágio, onde Aline e a Converso Comunicação foram mais que uma mera obrigação que o componente curricular impõe, sendo uma das grandes experiências que vivenciei.

Aos amigos que fiz neste caminho, aquele abraço. Menção especial ao grupo Globo Esporte, formado desde os primeiros períodos e que se mantém até hoje, sempre com muita resenha e companheirismo envolvido, apesar de nossas diferenças de vivência e em alguns momentos até de pensamento – não é fácil conviver com três atleticanos e um cruzeirense sendo flamenguista, vice-versa. Ao Desolaris, grupo de amigos-vizinhos, agradeço pela pronta acolhida e amizade, com nossos programas familiares e essa rede de apoio essencial.

À Giovanna, meu primeiro amor e quem mais me conheceu/entendeu, agradeço pelo companheirismo. Admiro, respeito e valorizo a grande pessoa e pesquisadora que você é. Muito orgulho envolvido.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer aos colecionadores de revistas de futebol, Ezequiel de los Ríos e Martín Damián, que gentilmente me cederam todo o material digitalizado que eu necessitava e fizeram com que esta pesquisa fosse possível. *Gracias de corazón, hermanazos.*

Este foi o primeiro passo de uma longa caminhada. As salas de aula do ICISA felizmente seguirão sendo parte do meu cotidiano, pelo menos durante os próximos dois anos, agora no curso de Mestrado do PPGCOM. Mesmo ainda sem entender tudo que tem acontecido, de não cair na real, aproveito para também agradecer a todas as pessoas que fazem parte dessa nova conquista. *Venimo' de la nada, vamo' por todo.*

Tentei não me estender tanto, por mais difícil que fosse, sem me esquecer de algumas das principais pessoas. Aproveito para enfatizar – e me defender –, que não me esqueço de absolutamente ninguém, tendo aqui mencionado ou não. Minha sincera gratidão.

Valeu, valeu!

RESUMO

O presente trabalho busca investigar a relação entre jornalismo esportivo e poder político no contexto da última Ditadura Militar argentina (1976-1983), focando na atuação da revista *El Gráfico* durante a Copa do Mundo de 1978. O estudo delimita como *corpus* analítico os editoriais publicados entre janeiro de 1976 e dezembro de 1978 – do período pré ao pós evento, desde a expectativa pelo durante até pelo suposto legado do depois. A pesquisa parte da premissa de que a publicação, histórica e hegemonicamente consolidada como a “Bíblia do Esporte”, atuou, desde o primeiro momento, na defesa institucional da Copa e do prestígio do futebol argentino frente ao mundo e, com isso, acabou por convergir com interesses de legitimação da Junta Militar, que passou a administrar e ver com bons olhos a realização da competição no país. Sob uma perspectiva teórica fundamentada na história da mídia e na análise discursiva, examina-se como foi construída uma narrativa de “blindagem” do torneio e, indiretamente, do Regime. Assim sendo, ao defender a realização da Copa contra as críticas internacionais, enquadradas sob a insígnia da “campanha anti-Argentina”, a voz editorial *El Gráfico* não apenas protegeu o espetáculo esportivo, mas, por extensão, validou a “paz” e a “ordem” impostas pelo governo de fato, divulgando uma ideia de “verdadeira Argentina”. Neste sentido, a análise também aciona alguns elementos chamativos desta cobertura, como a crescente presença do Ditador Jorge Rafael Videla nas páginas da publicação e a carta falsa que seria de um jogador holandês para sua filha. E evidencia que, ao priorizar o sucesso do Mundial como “uma causa nacional e que importaria a todos os argentinos, sem exceção”, a revista: operou uma mediação discursiva e também se colocou como ator político ao expressar suas próprias opiniões; naturalizou a presença militar; e silenciou denúncias de violações de direitos humanos, transformando a euforia esportiva em um valioso capital político.

Palavras-chave: *El Gráfico*; Mundial 78; Argentina; Ditadura Militar; Jornalismo.

RESUMEN

El presente trabajo busca investigar la relación entre periodismo deportivo y poder político en el contexto de la última dictadura militar argentina (1976-1983), centrándose en la actuación de la revista *El Gráfico* durante la Copa del Mundo de 1978. El estudio delimita como corpus analítico los editoriales publicados entre enero de 1976 y diciembre de 1978 – del período previo al posterior al evento, desde la expectativa por el durante hasta por el supuesto legado del después. La investigación parte de la premisa de que la publicación, histórica y hegemoníamente consolidada como la “Biblia del Deporte”, actuó, desde el primer momento, en la defensa institucional de la Copa y del prestigio del fútbol argentino frente al mundo y, con ello, terminó por converger con intereses de legitimación de la Junta Militar, que pasó a administrar y ver con buenos ojos la realización de la competición en el país. Bajo una perspectiva teórica fundamentada en la historia de los medios y en el análisis discursivo, se examina cómo se construyó una narrativa de “blindaje” del torneo e, indirectamente, del Régimen. Así, al defender la realización de la Copa contra las críticas internacionales, encuadradas bajo la insignia de la “campana antiargentina”, la voz editorial *El Gráfico* no solo protegió el espectáculo deportivo, sino que, por extensión, validó la “paz” y el “orden” impuestos por el gobierno de facto, divulgando una idea de “verdadera Argentina”. En este sentido, el análisis también acciona algunos elementos llamativos de esta cobertura, como la creciente presencia del dictador Jorge Rafael Videla en las páginas de la revista y la carta falsa que sería de un jugador holandés para su hija. Y evidencia que, al priorizar el éxito del Mundial como “una causa nacional y que importaría a todos los argentinos, sin excepción”, la revista: operó una mediación discursiva y también se colocó como actor político al expresar sus propias opiniones; naturalizó la presencia militar; y silenció denuncias de violaciones de derechos humanos, transformando la euforia deportiva en un valioso capital político.

Palabras clave: *El Gráfico*; Mundial 78; Argentina; Dictadura Militar; Periodismo.

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1 e 2: capa da primeira edição <i>El Gráfico</i> , e página 3 da mesma edição (com o primeiro destaque para o futebol)	34
Figura 3: primeira capa <i>El Gráfico</i> dedicada ao futebol	35
Figura 4: capa <i>El Gráfico</i> do dia exato do Golpe de 76'	49
Figura 5: editorial denunciando a “campanha anti-Argentina”	56
Figura 6: editorial <i>El Gráfico</i> “Cabelo grande e bigode ...”	58
Figura 7: editorial <i>El Gráfico</i> “(...) é um Mundial excepcional”	62
Figura 8: matéria (carta) “Exclusivo para 22 argentinos”	69
Figura 9: suposta carta de Ruud Krol para sua filha Mabelle	71
Figura 10: matéria destaca encontro de Videla com jogadores no vestiário	73
Figura 11: reportagem especial “A quem há que agradecer”	75
Figura 12: encontro e entrevista especial <i>El Gráfico</i> com o presidente Videla	77
Figura 13: editorial “Carta aberta ao país”	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 01 - DITADURA E REPRESSÃO NA ARGENTINA: UM PANORAMA HISTÓRICO E POLÍTICO	21
1.1. O percurso autoritário argentino (1955–1976)	22
1.2. O consenso social e o imaginário militarista	25
1.3. O aparato repressivo e seus alvos prioritários	27
1.4. Meios de comunicação, propaganda e legitimação simbólica	29
CAPÍTULO 02 - A REVISTA <i>EL GRÁFICO</i>: HISTÓRIA, LUGAR NO CAMPO JORNALÍSTICO E A VOZ EDITORIAL	32
2.1. Breve trajetória da publicação e seu prestígio como “A Bíblia do Esporte”	33
2.2. A importância e o peso do editorial na cultura <i>El Gráfico</i>	37
2.3. Alinhamentos ideológicos do <i>Editorial Atlántida</i> frente ao Regime	39
2.4. A mudança de direção e o silêncio seletivo	40
CAPÍTULO 03 - A VOZ DA REVISTA: ANÁLISE DOS EDITORIAIS PRÉ, DURANTE E PÓS-MUNDIAL (JANEIRO DE 1976 A DEZEMBRO DE 1978)	43
3.1 O caos pré-golpe e a demanda social/esportiva por mudanças	45
3.2 A virada discursiva e as mudanças editoriais	56
3.3 O êxtase da “ <i>Fiesta de Todos</i> ”	65
3.4 Do êxtase da conquista às cobranças pelo legado	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

INTRODUÇÃO

O futebol, enquanto fenômeno cultural de dimensão global, transcende os limites de sua função esportiva e de entretenimento, interligando-se a aspectos políticos, sociais e midiáticos. Sua grandiosidade simbólica é inegável e, em contextos autoritários, essa potência pode ser manipulada para reforçar discursos de poder, mobilizar a opinião pública e projetar imagens favoráveis aos regimes vigentes. A Copa do Mundo de 1978, realizada na Argentina, se insere nesse contexto, já que foi utilizada pela última Ditadura Militar (1976-1983) como uma vitrine cuidadosamente elaborada para projetar um país forte, unido e eficiente diante dos olhos do mundo, ao mesmo tempo em que abafava as denúncias de repressão e violações de direitos humanos que marcavam o cotidiano nacional.

Por trás da atmosfera de celebração, dos estádios repletos e da conquista da seleção nacional, escondia-se um aparato de repressão violenta e controle ideológico, no que se configurou como um dos episódios mais significativos da convergência entre esporte, política e mídia no século XX – uma leitura que se articula às reflexões de Magalhães (2014) sobre o papel do futebol na construção de consensos políticos em contextos autoritários. Como ressaltam Novaro e Palermo (2007), o evento apresentou a imagem de uma nação coesa, em harmonia e paz, mesmo diante da ausência de apoio social genuíno ao Regime. Essa articulação entre aparência e realidade só foi viabilizada graças a um trabalho propagandístico cuidadosamente preparado e liderado pelo *Ente Autárquico Mundial* (EAM) 78¹, órgão responsável por viabilizar a realização do torneio e disseminar mensagens como “o que se faz para 78 fica para depois de 78”², uma da série de propagandas oficiais que foram veiculadas nos mais diversos meios de comunicação e também se faziam presentes nas ruas.

Nada disso era novidade. Isso porque, em outros regimes autoritários anteriores, a instrumentalização de competições esportivas como ferramentas de legitimação já havia ocorrido (Agostino, 2002). Exemplos disso foram a Itália fascista de Benito Mussolini, em 1934, e a Alemanha Nazista de Hitler durante as Olimpíadas de 1936, que se aproveitaram das competições esportivas para promover discursos nacionalistas e consolidar imagens de

¹ Criado pela Junta Militar em 2 de julho de 1976, através de decreto-lei, com a finalidade de organizar a Copa do Mundo e acelerar as obras de infraestrutura que se encontravam atrasadas desde a comissão instituída por Perón. Com status autárquico e amplo poder orçamentário, o órgão refletia a prioridade atribuída pelo regime ao torneio como vitrine internacional (Lllonto, 2005, p. 45; Roldán, 2007, p. 132).

² (Tradução livre) “Lo que sea hace para el ‘78 queda para después del ‘78”, resaltaba la propaganda oficial de la dictadura militar. No aclaraba para quiénes.”

progresso e unidade. O mesmo aconteceu na Copa de 1974, disputada na então Alemanha Ocidental, onde o governo chileno de Pinochet, que não pôde capitalizar uma conquista esportiva, usou o momento do desfile das delegações para difundir sua visão política da cultura nacional. Se pensamos no Brasil, a Copa de 1970, que terminou com o tricampeonato no México, foi amplamente explorada pelo governo Médici, com o uso de marchinhas de forte teor nacionalista, como a conhecida “Pra frente, Brasil”, e também da imagem de Pelé. Nessa perspectiva, “os esportes funcionam como uma espécie de ‘reduto’ do nacionalismo moderno, particularmente através da possibilidade de reificação da nação em um competidor ou time, encurtando os caminhos para o processo de identificação” (Guedes, 2002, p. 4). No caso argentino, esse uso foi ainda mais potencializado, visto que o futebol “[...] na Argentina era uma velha paixão nacional, uma obsessão, o lugar do orgulho e do desencanto, da alegria e da tristeza, e um importante cenário para a obtenção da vitória e do reconhecimento global” (Archetti, 2004, p.182).

Justamente por toda essa relação quase que complementar com o esporte, é que os argentinos já haviam tentado sediar a Copa do Mundo em outras oportunidades. “Durante vários anos, o país platino tentou organizar o torneio, mas só conquistou o direito de fazê-lo num dos períodos políticos mais conturbados de sua história” (Dantas, 2014, p. 25). Foi assim em 1948, 1962 e em 1970, tendo inclusive apresentado candidatura, mas o México foi o escolhido. Finalmente, em 1966, 12 anos antes da realização deste que seria o 11º Mundial da história, a confirmação da escolha aconteceu.

A motivação e entusiasmo pela realização da competição era tanto esportiva quanto simbólica, visto que Brasil e Uruguai, dois vizinhos geográficos e eternos rivais esportivos, já tinham dois títulos cada, bem como sediado mundiais. Roldán (2007) ressalta que, desde o primeiro governo do general Juan Domingo Perón, já se compreendia bem que nos esportes com crescente profissionalização e alta competência era impossível conformar-se com uma participação digna ou meritória, a vitória era necessária.

Inicialmente, a organização da Copa estava sob a responsabilidade de um governo civil, mas com dois golpes militares – um no mesmo ano de 1966³ e o definitivo em 1976 –, a Ditadura assumiu o controle da organização do torneio, ainda que com algumas incertezas e opiniões divididas em um primeiro momento. Isso porque o general Jorge Rafael Videla e o ministro da

³ “Todo lo que se batalló para ser sede mundialista no se condice con la calma que siguió a la consecución de tal objetivo. Quizás, el nuevo golpe de Estado que volvía, en el ‘66, a interrumpir la débil vida democrática nacional haya tenido que ver. Juan Carlos Onganía depuso al radical Arturo Illia del sillón presidencial en junio de aquel año”. Disponível em <https://papelitos.com.ar/nota/argentina-sede-del-mundial-78>

Economia, José Alfredo Martínez de Hoz, consideravam o evento como um “gasto desmedido”. Por outro lado, Emilio Massera, o membro da Junta com perfil mais político, deixou clara sua posição desde o início e conseguiu se sobressair sob a justificativa de que “politicamente é conveniente realizar o Mundial”, como aponta Pablo Llonto na obra *“La verguenza de todos - El dedo en la llaga del Mundial ‘78”* (2005).

As posturas mudaram, ainda que dúvidas e divergências seguissem permeando entre os militares, e o Mundial passou a ser visto para além de uma vitrine para exibir ao mundo a suposta estabilidade da nação, sendo uma oportunidade de reafirmar sua legitimidade interna. A Junta Militar investiu massivamente na infraestrutura esportiva e urbana, destinando grandes quantias à construção e reforma de estádios, como o Monumental de Núñez, na capital Buenos Aires, palco da abertura e também da grande final, assim como a construção do edifício da nova *Argentina 78 Televisora* (A78TV), entre outras.

É importante frisar que por parte da FIFA, organização-mãe do futebol, nenhuma contrariedade foi colocada à mesa: “apesar das denúncias de violação de direitos humanos e perseguições políticas, o recém-eleito presidente, João Havelange, sustentou a permanência do torneio no país por dever à AFA o apoio que recebera à sua candidatura” (Dantas, 2014, p. 25).

Ao todo, ainda que até hoje não se tenha um número oficial⁴, estima-se que o gasto total tenha sido de cerca de 700 milhões de dólares, dez vezes mais do que as projeções iniciais, conforme assegurado anos mais tarde pelo então secretário da fazenda Juan Alemann⁵. Primo da esposa de Videla e homem de confiança de Massera, Carlos Alberto Lacoste, número dois no papel – e chefe na prática – do EAM 78, foi quem controlou e tomou grande parte das ações, em uma espécie de carteira livre. Anos depois, em 1984, foi denunciado pela *fiscalía nacional* devido ao crescimento de 443% que seu patrimônio econômico obteve entre 1977 e 1979. Já em 1990, a Câmara Federal considerou que Lacoste não havia dado “explicações suficientes”⁶.

⁴ Mesmo sem confirmação oficial, em setembro de 2017, a secretaria da presidência entregou documentos de época ao Archivo Nacional de La Memoria (ANM). Dentro dos dois mil metros lineares de material estão planos de obras, contratos, dentre outros, realizados pelo EAM. (La memoria del Mundial Argentina 78. 2017.) Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/noticias/la-memoria-del-mundial-argentina-78>

⁵ Em 21 de junho de 1978, enquanto a seleção Argentina vencida o Peru, em uma das partidas mais recordadas da história do futebol, o secretário recebeu em sua casa uma “surpresa”: uma bomba com um quilo e meio de explosivos. O atentado foi atribuído, inclusive pelo próprio Alemann, a Massera e seus aliados, como um recado para que não se metesse com as questões de gastos. Ele não foi atingido, somente sua esposa sofreu ferimentos leves. (LA NACIÓN. Los atentados del Mundial 78. 17 nov. 2022)

Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/opinion/los-atentados-del-mundial-78-nid17112022/>

⁶ EL PAÍS. El organizador del Mundial 78, acusado de "ilícito enriquecimiento". 18 abr. 1985. Disponível em: https://elpais.com/diario/1985/04/19/deportes/482709607_850215.html

Através do lema “*Argentina, un país en serio*”, a Ditadura procurou demonstrar ao mundo uma imagem de um país moderno e forte, enquanto nos bastidores da repressão, prisioneiros políticos sofriam torturas a poucos metros dos palcos dos jogos – a *Escuela Superior de Mecánica de la Armada* (ESMA), maior centro de tortura e detenção durante a Ditadura Militar na Argentina, por exemplo, encontrava-se a apenas um quilômetro do El Monumental, principal palco da competição, onde foram celebradas a abertura e a final. Os meios de comunicação, nesse contexto, tiveram um papel crucial, como intermediários entre o Regime e a população, além de atuar como um elo midiático entre a Argentina e a comunidade internacional.

Entre os veículos de comunicação que desempenharam papel estratégico durante todo o processo, a revista *El Gráfico* ocupou posição de destaque. Fundada em 1919, a publicação, que era parte do *Editorial Atlántida*, consolidou-se como o principal nome do jornalismo esportivo argentino e de toda América Latina ao longo do século XX, se convertendo em uma instituição cultural para além do meio de imprensa (Archetti, 2003). Com forte apelo visual, textos acessíveis e circulação massiva entre os leitores, a publicação assumiu um posicionamento alinhado aos interesses do Regime, ainda que indiretamente, exaltando os feitos institucionais da organização e omitindo sistematicamente as denúncias de violações aos direitos humanos. Sendo assim, a revista não apenas noticiou os preparativos e jogos da Copa, mas também funcionou como mediadora entre o discurso oficial e o imaginário popular, oferecendo uma versão da Argentina desejável aos olhos internacionais, como aponta Rein (2019).

Dado esse contexto, o presente trabalho busca analisar de forma crítica o papel desempenhado pela *El Gráfico* na cobertura do Mundial 78’, do pré ao pós, com foco exclusivo em suas publicações editoriais (colunas de opinião). O objetivo é investigar como a voz oficial da revista, mais precisamente no período de janeiro de 1976 a dezembro de 1978, atuou na defesa da realização da competição em um primeiro momento, na aprovação da organização militar posteriormente e, logo, na construção de um discurso de legado, o que, propositalmente ou não, pode ter recaído como legitimação.

O editorial é selecionado como objeto central por representar a posição institucional do veículo, indo além da reportagem cotidiana que pode trazer opiniões/visões de terceiros. Será analisado como esses textos de opinião abordaram temas-chave, como a organização do evento, a segurança pública e a resposta às críticas internacionais, conhecidas como “campanha anti-Argentina”, entre outras questões específicas. Observa-se a apropriação de uma linguagem e estética tipicamente esportiva para veicular discursos institucionais, aspecto que será explorado

na análise como indício da complexidade da atuação da mídia esportiva em contextos autoritários.

Segundo Bauso (2018, p. 223), durante a Ditadura, *El Gráfico* “evitou qualquer menção às denúncias de violações aos direitos humanos e adotou um tom ufanista na cobertura desta Copa, retratando o torneio como um símbolo da grandeza argentina sob o governo militar”. Essa ausência de posicionamento crítico pode ser interpretada não só por via de escolha editorial, já que passou a ser uma quase necessidade de sobrevivência em um ambiente onde a imprensa estava sujeita a perseguições e controle estatal. A expressão “*mejor no hablar de ciertas cosas*”, popularizada na Argentina da época, resume a atmosfera de autocensura e coerção, na qual os jornalistas precisavam decidir quais assuntos poderiam ser tratados e quais deveriam ser evitados para não comprometer suas carreiras e até mesmo suas vidas.

Sendo assim, a análise aqui proposta parte do pressuposto de que *El Gráfico* se alinhou aos interesses do Regime Militar, tendo contribuído ativamente para a construção simbólica da competição como elemento de coesão e identidade nacional, entrecruzando uma estética padrão do jornalismo esportivo ao contexto político, sem tensioná-lo, entretanto. A preferência por este objeto de estudo justifica-se não apenas pela relevância histórica, mas pela natureza híbrida de sua atuação no período em questão: entre o entretenimento esportivo e a propaganda política, entre a euforia popular e o silêncio sobre a repressão. Como apontam Novaro e Palermo (2007, p. 212), “houve entusiasmo autenticamente patriótico e esportivo”, assim como cooptação e manipulação dos sentidos coletivos em prol da narrativa oficial.

Ainda sobre os motivos da escolha do contexto e do objeto específico, é preciso enfatizar algumas questões que dizem respeito a este que vos fala. Penso, antes de mais nada, que tudo deve ser feito com dedicação e há de se entrelaçar com sentimentos próprios. O futebol e a Argentina, de uma forma ou de outra, sempre fizeram parte da minha história. Mesmo nos períodos iniciais da faculdade, quando o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sequer passa pelas cabeças de calouros, eu já sabia que a minha pesquisa final teria relação com o esporte mais popular do país. Depois, com o passar do tempo, o jornalismo de fato foi se tornando cada vez mais presente, e *El Gráfico*, que eu já acompanhava de forma mais tímida, também. Menção especial ao fato de que entender o que eram as ditaduras também me fascinava. De certa forma, e mesmo sem saber, acho que fui um aprendiz de historiador e pesquisador desde muito novo. Então, o que acabou acontecendo foi a junção natural de todas essas coisas. De tudo que eu gosto, de tudo que me motiva.

Para além destas questões pessoais e sentimentais, que sem dúvidas também importam e sempre devem ser consideradas, a relevância de toda essa parte da história se faz ainda mais

notória quando lembrado que neste ano de 2026 se completa exato meio século do Golpe que desencadeou toda essa violência de Estado na Argentina e ainda hoje se faz presente nas “veias abertas” – parafraseando Galeano – de nossos *hermanos* e de toda a nossa América Latina. De certa forma, é também uma homenagem e uma mensagem de resistência.

Pensando no trabalho em si, a opção por não analisar apenas a competição propriamente dita, que foi o ponto culminante, também se deu de maneira natural, partindo de uma premissa pessoal de que os militares tinham a plena consciência do poder e influência que o futebol exerce nos argentinos. O campo e bola já falavam por si só. Era preciso pensar e investir nos momentos prévios, gerar ainda mais expectativa para a “festa de todos”⁷ e maquiar a imagem do país. Prova disso foram os expressivos investimentos dedicados à propaganda e ao controle da narrativa, mesmo antes de a bola rolar. Em junho de 1976, por exemplo, o EAM 78 firmou dois contratos secretos, num montante total equivalente a mais de 10 milhões de dólares nos dias de hoje, com a agência norte-americana Burson-Marsteller (via sua subsidiária mexicana Comunicaciones Interamericanas S.A.) e com a empresa argentina Diálogo S.A, conforme documentos revelados pela Comissão de Memória Histórica do Ministério das Relações Exteriores da Argentina.

Assim sendo, o foco da investigação se desenvolve por meio da análise discursiva dos editoriais publicados pela *El Gráfico* entre janeiro de 1976 e dezembro de 1978. Embora outras seções da revista, como a “*El Mundial*”, ou reportagens específicas (a exemplo da conhecida suposta carta do jogador Ruud Krol para sua filha) reforcem essa tese e sirvam como contexto complementar, a análise se concentrará nos editoriais devido à sua capacidade de sintetizar a posição ideológica geral do veículo. Pretende-se identificar os valores-notícia priorizados, as vozes que ganharam centralidade e as omissões estratégicas que permitiram a manutenção do clima de aparente normalidade durante o evento. O que seria diferente sem Ditadura e onde tem algo que escapa do esperado, especialmente para um veículo focado nos esportes, são duas indagações norteadoras.

O ponto de partida para a constituição do *corpus* documental foi o mapeamento integral das 156 edições que circularam ao longo deste triênio estabelecido. Apesar de não estarem disponíveis em acervos online de domínio estatal ou mesmo da própria empresa, tais exemplares foram gentilmente cedidos por um colecionador argentino. Divididas em quatro fases/períodos, que dizem respeito tanto ao contexto histórico quanto ao do trabalho, as edições

⁷ “*La fiesta de todos*”, em tradução livre, além de ser um dos grandes mantras para falar sobre a competição, foi também o título de um longa-metragem dirigido posteriormente por Sérgio Renan, que exaltava a realização do mundial no país.

terminaram por ser agrupadas, visando observar com maior precisão as possíveis coincidências e tendências, sem se esquecer do tempo cronológico da própria cobertura, que também foi considerado. Depois do processo de análise, foram selecionados 57 editoriais, que compõem o *corpus* final, e assim foram divididos: 20 no subcapítulo 3.1, 19 no 3.2, 8 no 3.3 e 10 no 3.4. Vale ressaltar que o detalhamento minucioso deste percurso metodológico, bem como a descrição específica dos critérios de inclusão e exclusão aplicados a cada uma dessas fases, serão apresentados com profundidade no mencionado Capítulo 3, dedicado à análise empírica.

Estabelecida a base documental, é importante enfatizar que a abordagem analítica busca ultrapassar a visão do jornalismo como espelho neutro e fundamenta-se, primeiramente, na concepção de Héctor Borrat (1989) sobre o periódico como um ator político que narra e intervém nos conflitos de seu tempo, sofrendo e exercendo pressões, sobretudo a partir de um discurso pautado para além do mero relato e contando também com comentários/opiniões. Para adensar essa leitura, a pesquisa desloca-se de uma análise focadamente conteudista para dialogar com a perspectiva dos Estudos Culturais e da Análise Discursiva, ancorando-se fundamentalmente em Stuart Hall (2016), que, entre outras coisas, mobiliza suas concepções sobre a representação não como um reflexo passivo da realidade, e sim como uma prática constitutiva, capaz de produzir sentidos e disputar a direção moral da sociedade. Para Hall, “a representação é uma prática, um tipo de ‘trabalho’, que usa objetos materiais e efeitos. Mas o sentido depende, não da qualidade material do signo, mas de sua função simbólica” (Hall, 2016, p. 41). Nessa chave, o Mundial 78’ não é tratado como um evento externo narrado pela revista. A cobertura do evento possui um significado fixado discursivamente através de processos de articulação, conectando êxito esportivo à eficiência organizacional, e também de identificação, buscando a sutura do leitor à uma identidade nacional forjada na ordem e moral dos bons costumes.

Simultaneamente, o papel pedagógico da publicação é examinado sob a ótica de Mayra Rodrigues Gomes (2009), situando o jornalismo para além da função informativa, como já destacado, compreendendo-o como um dispositivo disciplinar. Investiga-se como a gestão da visibilidade atuou como técnica de vigilância, transmitindo palavras de ordem voltadas à modelagem da conduta do torcedor ideal. Para a necessária contextualização histórica, também são incorporadas contribuições de estudos que articulam futebol, política e sociedade, como Agostino (2002), Archetti (2004), Llonto (2005), Novaro e Palermo (2007), Roldán (2007), Marczal (2013), Dantas (2014) e Magalhães (2014), entre outros, cujos estudos fornecem arcabouço empírico e interpretativo fundamental para compreender a instrumentalização do futebol e da imprensa naquele período. Menção especial para o já destacado jornalista e escritor

uruguaio Eduardo Galeano, que para além de suas visões acerca do futebol e também desta Copa em específico, que estão presentes em obras obra “Futebol ao sol e à sombra”, inspira na forma romantizada – no melhor sentido da palavra – de entender o esporte e escrever sobre ele.

Por fim, mas não menos importante, a pesquisa adota conceitos operatórios como ferramentas metodológicas centrais, privilegiando uma abordagem que compreende a cultura sendo um campo de batalha ideológico. A categoria de hegemonia, na chave de leitura gramsciana recuperada por Hall, é mobilizada aqui como um processo contínuo e instável de busca por consenso. Para ele, ela “não é um ‘estado de coisas’ estático, mas tem de ser ativamente conquistada e garantida, assim como pode ser perdida.” (Hall, 2003, p. 267). Utiliza-se esse conceito para investigar como a revista atuou na construção de um “regime de verdade” específico, interditando narrativas dissidentes e estabelecendo o que poderia ser dito e tido como verdadeiro naquela conjuntura. Cabe ressaltar que a memória social aparece nesta investigação não propriamente como um conceito operatório de análise, e sim como contexto vital e terreno de disputa simbólica, onde essas batalhas discursivas pela legitimação política se desenrolam.

Tendo tais noções em vista, o primeiro capítulo deste trabalho é dedicado a fixar o contexto histórico que a pesquisa busca analisar. O capítulo procura lançar luz sobre o percurso do cenário político nacional argentino à época e contextualizar as leituras sobre as noções que permeiam o debate político histórico. Deste modo, ao compreendermos o panorama que está sendo analisado, torna-se mais fácil entender o modo como o objeto se apresenta e se encaixa no estudo.

O segundo capítulo é responsável por apresentar e explicar o objeto escolhido. O capítulo divide as nuances do objeto, de tal forma que cada conceito abordado, ao fim, o explique. O terceiro capítulo é reservado para a análise dos editoriais das edições selecionadas com base na metodologia já explicada anteriormente, relacionando contextos com conceitos. Realiza-se a ligação entre expectativa, construção discursiva (dito e não dito), entre outros.

Nas Considerações Finais serão apresentados os resultados da análise realizada que demonstram como a revista *El Gráfico* e seu discurso jornalístico esportivo (com caráter politizado) foram mobilizados/mutados para exaltar feitos esportivos e organizacionais durante o triênio 1976-1978, o que terminou por legitimar um regime ilegítimo e fortaleceu uma imagem maquiada de realidade argentina frente ao mundo. Com isso, pretende-se contribuir para a reflexão crítica sobre o papel dos meios, especialmente da imprensa esportiva, na construção de sentidos políticos, fortalecendo este campo de estudos em constante desenvolvimento. Da mesma forma, há a preocupação pessoal-acadêmica em compreender e

fazer com que o futebol também seja compreendido para além da equivocada ideia de “ópio do povo”, ao mesmo tempo que se lança luz sobre os limites éticos e profissionais do jornalismo sob censura e repressão.

CAPÍTULO 01 – Ditadura e repressão na argentina: um panorama histórico e político

Para situar a atuação da imprensa esportiva durante a Copa do Mundo de 1978, é imprescindível, primeiramente, compreender o terreno político acidentado sobre o qual esse evento foi erguido. A Argentina do século XX, com todas as suas peculiaridades, não pode ser lida sob a ótica da estabilidade democrática, mas sim como um laboratório de crises institucionais recorrentes, onde a alternância de poder raramente se deu pelas urnas de forma contínua. O Golpe de Estado de 1976, foco central deste capítulo, por exemplo, não foi um evento isolado, visto que representou o ponto culminante e mais violento de uma cultura política marcada pela pendularidade exaustiva entre governos civis enfraquecidos e intervenções militares corretivas.

Essa característica de instabilidade crônica é descrita com precisão pela jornalista Janaína Figueiredo na obra “¿Qué pasa, Argentina?” (2023). Brasileira com formação pela Universidade de Buenos Aires (UBA) e correspondente na capital argentina por quase duas décadas (1999-2018), além de passagens por veículos argentinos e atual função de repórter especial *O Globo*, ela oferece um olhar analítico fundamentado e carregado de vivências pessoais acerca da complexidade do país vizinho. A autora destaca a vertiginosa sucessão de mandatos interrompidos que caracterizou a vida pública argentina desde 1930, narrando como a sociedade se habituou a uma rotina de golpes, proscições e violência política, criando um cenário onde a democracia era a exceção e o estado de sítio, a regra. Segundo Figueiredo, sobretudo no capítulo dedicado a um pouco de história, como é o próprio título, essa dinâmica gerou um desgaste profundo nas instituições, pavimentando o caminho para que soluções autoritárias fossem vistas, paradoxalmente, como instrumentos de ordem.

Essa percepção de um país em constante convulsão é corroborada por Ariel Palacios, também correspondente internacional no país e autor de “América Latina Lado B” (2024). Palacios argumenta que a Argentina se destaca no cenário regional por sua propensão a crises cíclicas e profundas, operando em uma lógica de instabilidade que desafia os padrões de seus próprios vizinhos – que também não ficam atrás e possuem suas adversidades. Para ele, a recorrência de rupturas institucionais e o colapso econômico frequente não são acidentes, mas sintomas de uma estrutura política onde o conflito é permanente. Essa visão alinha-se às análises de cientistas políticos como Steven Levitsky, que em “*Argentine Democracy: The Politics of Institutional Weakness*” (2005), aponta que a instabilidade argentina segue um padrão consistente de fraqueza institucional, onde as regras do jogo político são constantemente reescritas ou ignoradas pelos atores no poder.

Nesse contexto, o conceito de normalidade institucional torna-se difuso. Ao longo de décadas, a sociedade conviveu com a interrupção sistemática da ordem constitucional, criando um imaginário coletivo onde a presença militar no poder executivo deixava de ser uma anomalia para se tornar uma alternativa política recorrente. Essa naturalização do autoritarismo, até certo ponto e com necessárias ressalvas, apontada tanto por jornalistas quanto por acadêmicos como uma marca da história argentina, é a chave para entender como um regime que implementou o terrorismo de Estado pôde, inicialmente, contar com parcelas de consenso ou passividade social.

É necessário observar, contudo, que a Ditadura instalada em 1976 difere qualitativamente das intervenções estratégicas anteriores. Se os golpes das décadas de 1950 e 1960 tinham caráter muitas vezes provisório, o autodenominado *Proceso de Reorganización Nacional* tinha ambições fundacionais. Tratava-se de um projeto de reengenharia social, econômica e cultural, destinado a exterminar o que os militares consideravam as raízes da subversão. Para tanto, o Estado apropriou-se do monopólio da violência para aniquilar fisicamente o dissenso, operando sob a lógica da Doutrina de Segurança Nacional.

Assim, este primeiro capítulo se propõe a mapear as engrenagens desse sistema. Inicialmente, será feito um recuo histórico para entender o ciclo de instabilidade que se abre em 1955, fundamental para explicar a radicalização política dos anos 1970. Em seguida, analisa-se como o Regime buscou construir uma base de legitimidade social através de um imaginário de ordem e eficiência. Posteriormente, o aparato repressivo propriamente dito será examinado, para, finalmente, abordar o papel dos meios de comunicação como ferramentas de legitimação simbólica.

1.1. O percurso autoritário argentino (1955–1976)

Como mencionado, para a compreensão da última Ditadura argentina, o autodenominado *Proceso de Reorganización Nacional* que se instalou em 24 de março de 1976 com a deposição do governo de María Estela Martínez de Perón, é necessário um recuo histórico ao ano de 1955. Este marco, com o golpe que depôs o ex-presidente Juan Domingo Perón e ficou conhecido como *Revolución Libertadora*, inaugura um ciclo de instabilidade institucional que duraria quase três décadas, atravessado por sucessivos regimes militares e frágeis transições civis, caracterizado, como apontam Devoto e Fausto (2004), pela ausência de continuidade política e pela militarização da vida pública. A sequência de intervenções militares, rupturas constitucionais e períodos de exceção, estabelece um horizonte de longo prazo, frequentemente

chamado na bibliografia especializada de “percurso autoritário argentino”. Esta trajetória diz respeito à instabilidade institucional marcada por golpes militares e suspensão da democracia ao longo do século XX, o que torna inteligíveis as derivações e radicalizações políticas observadas na década de 1970.

Neste período, destacam-se três momentos centrais de intervenção militar no poder: em 1955, a ascensão dos generais Eduardo Lonardi e Pedro Aramburu; em 1966, o golpe que instituiu a chamada *Revolución Argentina* sob o comando do general Juan Carlos Onganía (substituído subsequentemente por Roberto Marcelo Levingston e Alejandro Agustín Lanusse); e, por fim, em 1976, a implantação do Regime Militar que se tornaria o mais repressivo da história argentina contemporânea. Entre essas rupturas, o retorno eleitoral de Juan Domingo Perón (1973) e sua morte em 1974 abriram uma nova fase de crise e fragmentação política. A presidência de sua esposa María Estela Martínez de Perón, popularmente conhecida como *Isabelita*, por exemplo, foi caracterizada por instabilidade ministerial, sucessivas crises econômicas e o crescimento de organizações paramilitares, fatores que contribuíram decisivamente para a vulnerabilidade do regime civil e para a margem de manobra dos institutos armados (Agostino, 2002; Romero, 2006).

É importante sublinhar que, embora se trate de eventos separados, os golpes e governos militares entre 1955 e 1976 não foram casualmente episódicos, visto que constituíram um padrão de intervenção cuja lógica combinava tutela política, tecnocratização e repressão seletiva. No caso da chamada Revolução Argentina (1966-1973), por exemplo, a tentativa de implantar uma governabilidade tecnocrática, despolitizando espaços e reestruturando a economia, entrou em choque com fortes mobilizações sociais, como o *Cordobazo* (1969) e outros protestos operários e estudantis que corroeram a legitimidade dos governantes de fato e precipitaram mudanças de cúpula (Devoto; Fausto, 2004). Segundo Romero (2006, p. 181), esse processo revelou que “a sociedade argentina se mantinha altamente mobilizada e politizada, mesmo sob tutela militar”, o que evidenciava os limites das políticas de controle impostas pelas Forças Armadas.

No arco que vai de 1955 a 1976, o peronismo permaneceu formalmente proscrito durante longos interregnos e fragmentado internamente em outros momentos, o que combinou tensões sociais com crises econômicas recorrentes, agravando o clima político e facilitando a emergência de soluções autoritárias como “saída” para o conflito (Novaro; Palermo, 2007). A crise econômica que antecedeu o golpe de 1976, marcada por hiperinflação, aumento do

desemprego e um episódio notório de ajuste conhecido como *Rodrigazo* (1975)⁸, constitui elemento-chave para entender a aceitação, por amplos setores, de alternativas autoritárias que prometiam “estabilidade e ordem” (Devoto; Fausto, 2004; Novaro; Palermo, 2007).

A partir do Golpe de 1976, inicia-se formalmente o chamado Processo de Reorganização Nacional, como foi nomeado pela Junta Militar, que era composta por representantes das três Forças Armadas – Exército, Marinha e Aeronáutica –, com predominância do primeiro. Os principais nomes públicos desse triângulo de mando foram o tenente-general Jorge Rafael Videla (Exército), o almirante Emilio Eduardo Massera (Marinha) e o brigadeiro-general Orlando Ramón Agosti (Aeronáutica). No ordenamento prático do novo Regime, o chefe do Exército desempenhava a função de figura política central, frequentemente descrita na literatura como *presidente de facto*⁹.

Por meio de decretos e intervenções, a Junta dissolveu partidos, interveio em sindicatos e universidades e impôs severas restrições às liberdades civis, instituindo mecanismos permanentes de exceção que consolidaram um regime militarizado de longa duração. Segundo Romero (2006, p. 182), essas medidas transformaram o sistema político argentino em “uma estrutura de controle e vigilância constante sobre a sociedade”, reforçando o caráter autoritário do governo. Novaro e Palermo (2007) complementam, destacando que a essa atuação se estendeu a todos os níveis do Estado, garantindo centralidade e predominância do Exército na definição das políticas públicas.

O Regime autodeclarou-se salvacionista e messiânico, alardeando a restauração da ordem pública, a reforma institucional e a construção de uma “autêntica democracia” futuramente promissora. No entanto, essa retórica legitimadora serviu de cobertura para práticas de eliminação física e marginalização política de adversários, incorporando categorias como “subversão” e “guerra suja” ao vocabulário oficial, o que foi decisivo para justificar detenções sem processo, torturas e desaparecimentos (Novaro; Palermo, 2007; Águila, 2011a).

Finalmente, cumpre situar ideologicamente todo esse processo. O discurso e as práticas do Regime assentaram-se na Doutrina de Segurança Nacional, uma matriz conceitual difundida na América Latina durante a Guerra Fria que definia a segurança como problema total e legitimava a repressão contra ameaças internas percebidas como vinculadas a um suposto

⁸ Pacote de choque econômico implementado pelo ministro Celestino Rodrigo, no governo de Isabel Perón, que resultou em forte desvalorização salarial e escalada inflacionária, contribuindo para a crise que antecedeu o golpe de 1976 (Ver: Novaro; Palermo, 2007; Devoto; Fausto, 2004).

⁹ Expressão corrente na historiografia argentina e latino-americana para indicar governantes que exercem o poder sem base constitucional, fruto de golpes militares; termo usado para distinguir tais chefes de Estado dos presidentes eleitos (Ver: Romero, 2006).

comunismo internacional. Segundo Mattelart (1978), tal doutrina se articulava com estratégias de controle da informação, enquanto Borrelli (2012) destaca a circulação de cursos, assessorias e fluxos militares internacionais que reforçavam tais conceitos. Novaro e Palermo (2007) enfatizam que essa combinação transformou a repressão em instrumento estratégico da política de Estado, sendo central para compreender a instrumentalização simbólica do futebol e da mídia nos capítulos seguintes.

Considerando esse quadro histórico, que passa pela sucessão de golpes, a tecnocratização autoritária, a crise econômica e a consolidação de um aparato ideológico-militar, torna-se necessário analisar, em seguida, como o aparato repressivo se organizou em termos concretos e quais foram seus alvos prioritários. O subcapítulo 1.3 abordará a constituição prática desse aparelho repressivo (centros clandestinos, forças conjuntas, grupos paramilitares) e a dinâmica de aniquilamento das organizações opositoras entre 1976 e 1978, sobretudo. Mas, antes disso, é preciso respeitar a ordem cronológica dos fatos e discorrer acerca dos primeiros meses do Regime e o apoio recebido logo de cara.

1.2. O consenso social e o imaginário militarista

A adesão inicial de setores médios ao golpe de 1976 é um aspecto central para compreender a legitimidade obtida pela ditadura. Como apontam Devoto e Fausto (2004), boa parte da população via nos militares uma resposta eficaz à crescente desordem e violência política que marcava os anos anteriores. Essa percepção é reiterada por Romero (2006), ao identificar no medo e na insegurança os combustíveis para a aceitação do autoritarismo.

Tal apoio era sustentado por uma retórica moralizante, na qual os militares se apresentavam como médicos sociais encarregados de curar o corpo da nação, expurgando um “câncer interno”¹⁰ que ameaçava sua sobrevivência. Essa metáfora biomédica, recorrente no repertório discursivo e nas narrativas públicas da época, contribuiu para naturalizar medidas de exceção como procedimentos necessários à “salvação” coletiva (O’Donnell, 2004). A linguagem médica e biopolítica funcionou, portanto, como um recurso semântico que deslocava a responsabilidade política da repressão para a “necessidade terapêutica” do Estado. Essa operação discursiva facilitou tanto o silêncio de parte da opinião pública quanto a aceitação tácita de medidas extremas.

¹⁰ Metáfora recorrente nos discursos da época que justificava intervenções repressivas como “cirurgias” necessárias ao corpo social (Ver: Novaro; Palermo, 2007).

O imaginário militarista construído pela Junta apoiou-se em três vetores centrais que orientaram suas ações e mensagens: a retórica da restauração da ordem e do progresso, a responsabilização de setores considerados “subversivos” pelo suposto caos civilizatório e a promessa de modernização institucional e econômica. Novaro e Palermo (2007) destacam que tais vetores circulavam simultaneamente nas comunicações oficiais, nos discursos de setores empresariais e nos meios de comunicação, consolidando um quadro de expectativas que tornava plausível, para muitos, a convicção de que o golpe “era necessário”. Esse panorama de aceitação social é reforçado por Devoto e Fausto (2004), que ressaltam que amplos setores da população viam nos militares uma resposta eficaz diante da desordem e da violência política que marcavam os anos anteriores.

O projeto da Junta, no entanto, ia além da contenção da violência. Tratava-se de reconfigurar profundamente a sociedade argentina. Como observa Roldán (2007, p. 131-132), os militares desejavam construir um “extenso consenso social” que permitisse eliminar os grupos armados e qualquer traço do legado justicialista/das esquerdas. A repressão era, portanto, estruturante, e, desde o primeiro dia, centenas de prisões foram efetuadas contra considerados “subversivos” (Steinke, 2011). A lógica era dupla: por um lado, perseguir e destruir a capacidade de organização política da oposição; por outro, simular um processo de “normalização” pública que, pela soma de medidas simbólicas (discursos, celebrações cívicas, eventos de visibilidade internacional) e práticas repressivas, consolidasse um novo sentido de ordem social.

Essa violência sistemática, muitas vezes naturalizada pelos discursos oficiais e pelos meios de comunicação, integrava o próprio funcionamento do Regime. Águila (2011a, p. 600) destaca como a repressão foi uma tática de combate à insurgência e também um instrumento de controle social mais amplo, voltado à disciplina generalizada da população. Se utilizava da Doutrina Francesa da “guerra contrarrevolucionária”¹¹, com práticas como tortura, desaparecimentos forçados e centros clandestinos de detenção espalhados pelo território nacional. Adicionalmente, é importante ressaltar que essas práticas foram legitimadas, ou, no mínimo, pouco contestadas, em um contexto internacional que, em muitos momentos, priorizava a antipatia ao comunismo e o alinhamento geopolítico, o que facilitou a circulação de doutrinas e treinamentos – inclusive com conexões e cursos militares no exterior¹².

¹¹ Refere-se a técnicas e doutrinas desenvolvidas em teatros como Argélia, que influenciaram centros militares latino-americanos nas décadas de 1960-1970 (Ver: Mattelart, 1978).

¹² Entre as influências citadas nas literaturas sobre a repressão argentina estão cursos e intercâmbios militares com Estados Unidos e outros países; essa transferência técnico-doutrinal é discutida em estudos sobre a Doutrina de Segurança Nacional e seu impacto na região (Ver Mattelart, 1978).

A construção do “consenso” não foi homogênea nem total. Importa sublinhar que a adesão pública de amplos setores (classe média urbana, segmentos empresariais, aparatos burocráticos) conviveu com resistências diversas da militância política clandestina, dos movimentos sociais (destaque para as Mães/Avós da Praça de Maio) e de setores intelectuais críticos que sofreram perseguição.

Portanto, o consenso do qual se fala nos estudos refere-se mais a uma hegemonia discursiva e a uma condição de governabilidade parcialmente consolidada do que a um apoio popular incondicional (Novaro; Palermo, 2007; Roldán, 2007).

Entre os mecanismos que permitiram a reprodução desse imaginário militarista destacam-se: (i) a ocupação de espaços institucionais (intervenção em sindicatos, universidades e partidos); (ii) o uso estratégico de espetáculos e símbolos de massa (desfiles, paradas cívicas, eventos esportivos); (iii) a imposição de um regime de censura e autocensura nos meios de comunicação; e (iv) políticas econômicas que, mesmo impopulares, foram apresentadas como “corrigidoras” de males anteriores.

Esses elementos atuaram de modo articulado, fazendo com que a “ordem” perdida fosse reapresentada como restituída, ainda que isso implicasse o silenciamento e a eliminação física de opositores (Devoto; Fausto, 2004; Águila, 2011a; Mattelart, 1978).

Convém lembrar, por fim, que essa maquinaria simbólica adquiriu especial relevância quando passou a buscar legitimação internacional por meio de projetos de grande visibilidade. Entre eles, a organização da Copa do Mundo de 1978, que aqui nos interessa. A instrumentalização do futebol como espetáculo de massa e a operação comunicacional que o cercou funcionarão como exemplo prático de como o consenso midiático e o imaginário militarista puderam ser mobilizados para fins de legitimação política.

Esse ponto será desenvolvido no subcapítulo 1.3, que trata do aparato repressivo e de seus alvos prioritários, e, em seguida, com mais aprofundamento, no Capítulo 2, onde se analisa o papel específico da imprensa esportiva, com enfoque específico para a revista *El Gráfico*.

1.3. O aparato repressivo e seus alvos prioritários

Entre 1976 e 1978, anos iniciais do último Regime Militar argentino, consolidou-se aquilo que Devoto e Fausto (2004) denominaram “triênio sombrio”, um período marcado pelo aniquilamento sistemático das organizações armadas de oposição. O aparato repressivo foi estruturado de forma coordenada entre as três Forças Armadas, a Polícia Federal e grupos

paramilitares, criando uma rede de centros clandestinos de detenção, tortura e extermínio, muitas vezes invisíveis ao público e à comunidade internacional.

Entre os alvos mais diretamente atacados estavam organizações de esquerda, como o Exército Revolucionário do Povo (ERP), vinculado ao trotskismo e ao Partido Revolucionário dos Trabalhadores, praticamente liquidado já em 1976. Paralelamente, os *Montoneros*, grupo *peronista* armado de orientação nacional-popular, que se reivindicava como vanguarda do povo argentino e tinha discurso antiimperialista, foi progressivamente enfraquecido ao longo do período. A organização mantinha ações armadas urbanas e rurais e buscava resgatar o legado do peronismo revolucionário, mas foram sistematicamente perseguidos pelo Regime Militar, que os utilizou como exemplo simbólico da “subversão” a ser erradicada (Di Tella, 2010b).

Outros grupos de oposição incluíam organizações socialistas, comunistas e anarquistas, assim como trabalhadores e trabalhadoras – que segundo fontes oficiais, correspondem a 30% dos desaparecidos, que mesmo com menor ou nenhuma capacidade militar, também se tornaram alvos prioritários da repressão. A lógica não se restringia apenas à neutralização militar, e o aparato repressivo tinha função disciplinadora e simbólica, visando desarticular qualquer rede social e política que pudesse ameaçar a hegemonia militar, seja em sindicatos, universidades ou bairros periféricos (Águila, 2011a). A violência estatal, portanto, substituiu e radicalizou os mecanismos de contenção social que o *peronismo* havia tentado implementar em diferentes governos anteriores. Como observa Di Tella (2010a), o que antes constituía conflito social e ideológico transformou-se, sob os militares, em guerra total contra qualquer oposição à nova ordem, com regras próprias e ausência de limites jurídicos formais.

O impacto da Ditadura Militar argentina de 1976 a 1983 foi devastador. Como sustenta Archetti (2004), cerca de 30 mil pessoas foram assassinadas ao longo desse período, número aceito amplamente pelos movimentos de direitos humanos. De acordo com dados do *Registro Unificado de Víctimas del Terrorismo de Estado* (RUVTE)¹³, 834 centros clandestinos de detenção funcionaram entre 1974 e 1983, sendo 265 destes somente na província de Buenos Aires. Nestes espaços, além de perder suas identidades, as pessoas presas passavam por diferentes processos de tortura, que iam desde a pressão física/psicológica até os chamados “*vuelos de la muerte*”, que jogavam corpos de aviões às águas do *Río de la Plata* ou do *Mar Argentino*. Somado a isso, o Regime também operou um cruel e sistemático plano de apropriação de menores, que estima-se ter roubado cerca de 500 bebês, nascidos nos centros clandestinos ou sequestrados junto com seus pais, adulterando suas identidades e entregando

¹³ Ver: <https://www.argentina.gob.ar/derechoshumanos/ANM/rutve>

ilegalmente à famílias de militares ou aliados do governo. É justamente na denúncia contínua desse crime e na busca incansável por essas crianças, hoje já adultos, que atuam organizações históricas como as *Abuelas de Plaza de Mayo*.

Embora grande parte dessas ações tenha ocorrido de forma clandestina, Águila (2011a, p. 599) ressalta que muitas operações também foram realizadas na presença de testemunhas, revelando uma dimensão social da violência muitas vezes velada e pouco analisada.

Esse caráter simultaneamente oculto e público das práticas repressivas contribuiu para que grande parte da sociedade desconhecesse a extensão do que se passava, consolidando o terror e a obediência como elementos centrais do Regime (Novaro; Palermo, 2007). A violência física e simbólica foi instrumentalizada para criar consenso social, enquanto censura e propaganda moldavam a percepção pública sobre a legitimidade do governo.

O desmantelamento de grupos armados, a perseguição de líderes políticos, estudantes e militantes sociais, os chamados “inimigos da pátria”, bem como a intimidação de setores médios, constituíram etapas essenciais de um projeto de controle total da sociedade.

Além disso, é relevante notar que a repressão foi estruturada como parte de um aparato burocrático e sistemático, como já evidenciado, envolvendo coordenação entre ministérios, forças policiais e militares, centros de inteligência e unidades de propaganda. Essa articulação permitiu a manutenção do controle social e a preparação do terreno para estratégias de legitimação simbólica, incluindo a utilização de grandes eventos esportivos e midiáticos, como a Copa do Mundo de 1978, que serviram para consolidar a imagem de estabilidade e normalidade diante da comunidade internacional (Mattelart, 1978; Borrelli, 2012).

O estudo da repressão e dos alvos prioritários do Regime prepara o caminho para compreender como o controle da mídia e a propaganda foram integrados à estratégia de legitimação simbólica da Ditadura.

O próximo subcapítulo abordará a forma como jornais, rádios, televisões e campanhas internacionais foram instrumentalizados para construir consensos e silenciar a violência.

1.4. Meios de comunicação, propaganda e legitimação simbólica

A repressão física não esgotava os mecanismos de poder. Desde seus primeiros dias, a Junta Militar compreendeu que a sustentação não poderia depender apenas do medo e da violência, e exigiria também a produção de consenso e administração de sentidos. Para isso, a mídia desempenhou papel central, seja pela censura, seja pela difusão de mensagens alinhadas ao projeto autoritário. Como observa Borrelli (2012), os meios de comunicação foram parte

constitutiva do “dispositivo de poder”¹⁴ do Regime, operando tanto como canais de legitimação quanto como espaços de silêncio estratégico.

O controle sobre jornais, rádios e televisões não se dava somente por meio da repressão direta, mas pela imposição de pautas e pelo direcionamento da cobertura¹⁵. A Junta buscava projetar uma imagem de ordem, progresso e unidade nacional, em contraste com o caos e a violência que supostamente justificavam o golpe de 1976. Neste sentido, o discurso midiático convergia com a lógica repressiva, e aquilo que não se podia eliminar fisicamente era, muitas vezes, apagado simbolicamente pela ausência de cobertura. Águila (2011a, p. 603) aponta que “a censura operava em duas dimensões: a explícita, por meio da proibição de determinados conteúdos, e a implícita, ao induzir um jornalismo que reforçava a normalidade institucional”.

A imprensa escrita, especialmente os principais jornais do país, *Clarín* e *La Nación*¹⁶, desempenhou papel estratégico no alinhamento das notícias aos interesses do Governo Militar. Conforme menciona Borrelli (2012), o *Clarín* funcionava como canal de legitimação, adequando a narrativa de suas notícias para reforçar a imagem de estabilidade e ordem promovida pela Junta. Relatórios sobre segurança, economia e ordem social enfatizavam a ação benevolente do Estado, minimizando conflitos e omitindo a violência sistemática praticada pelos centros clandestinos de detenção. Paralelamente, emissoras de rádios e a televisão pública funcionavam como canais de propagação de uma imagem de estabilidade e modernidade, transmitindo mensagens que reforçavam valores nacionalistas e moralizantes, como disciplina, família tradicional e heroísmo militar. Neste contexto simbólico, o futebol e outros elementos da cultura popular também contribuíam para legitimar a narrativa de unidade nacional, como destaca Alabarces (2008).

A Ditadura argentina seguiu um padrão semelhante a outros regimes latino-americanos, nos quais a comunicação política se consolidou “arma de guerra simbólica”. Como analisa Mattelart (1978), a informação foi tratada como recurso estratégico de doutrina, articulando repressão e propaganda em um mesmo projeto de disciplinamento social. Nesse quadro, a mídia serviu para ocultar a violência e para construir a legitimidade de um Estado que se apresentava como “guardião da pátria e da modernidade”.

¹⁴ O termo refere-se à articulação de diferentes instrumentos (repressão, mídia, instituições e símbolos), que permitem ao Estado autoritário exercer controle social de forma ampla e sistêmica (Foucault, 1975).

¹⁵ A censura explícita incluía a revisão prévia de matérias jornalísticas, proibição de determinadas palavras e temas, e vigilância sobre jornalistas; a censura implícita consistia na autocensura induzida pelo medo de represálias, demissões ou processos legais (Águila, 2011a).

¹⁶ Esses conglomerados não apenas adaptaram a cobertura, mas também receberam incentivos econômicos e privilégios estatais, como acesso a publicidade oficial e créditos, em troca de alinhamento ideológico com a Junta (Borrelli, 2012).

A manipulação discursiva foi especialmente visível em momentos de maior exposição internacional, como no Mundial 78'. Em 1976, o Regime contratou a agência norte-americana Burson-Marsteller, através de sua subsidiária mexicana *Comunicaciones Interamericanas S.A.*, e a empresa argentina *Diálogo S.A.* para estruturar uma campanha global de comunicação destinada a contrabalançar as denúncias de violações de direitos humanos. O contrato, no valor de mais de dois milhões de dólares da época (cerca de 10 milhões em valores atuais), previa a criação de uma “nova imagem progressista e estável” da Argentina (*Comisión de Memoria Histórica*, 2007).

Além das campanhas institucionais, a propaganda se manifestava também em materiais impressos, programas televisivos e anúncios públicos, todos projetados para reforçar a legitimidade do governo e moldar a percepção social¹⁷. Noticiários da *Televisión Pública Argentina*, por exemplo, reforçavam narrativas de ordem e progresso, destacando obras públicas e conquistas esportivas, enquanto silenciavam sistematicamente a repressão e os desaparecimentos forçados (Archetti, 2004). A convergência entre censura e propaganda resultou em uma normalidade fabricada, em que o cotidiano da população era estruturado por representações midiáticas que naturalizavam o controle autoritário.

Como não poderia ser diferente, dado todo o contexto que vem sendo discorrido, a imprensa esportiva também assumiu papel central na projeção internacional do Regime, sendo *El Gráfico* um dos casos paradigmáticos. A revista consolidou-se como instrumento de divulgação do discurso ufanista, promovendo a seleção argentina e a realização do evento como vitrine do país perante o mundo. Sua função como porta-voz indireto da Junta Militar e sua adesão explícita ao discurso oficial serão detalhadas no próximo capítulo, funcionando como elo de transição entre a análise geral da mídia e a instrumentalização específica do futebol.

¹⁷ Na televisão, programas como *El Mundo de Hoy* e *Documentales Nacionales* eram utilizados para apresentar a Argentina como um país moderno, disciplinado e seguro, escondendo a violência política. Tais programas combinavam cobertura de obras públicas, esporte e eventos culturais com mensagens de moral e ordem (Archetti, 1999).

CAPÍTULO 02 – A revista *El Gráfico*: história, lugar no campo jornalístico e a voz editorial

A compreensão do papel desempenhado pela revista *El Gráfico* durante o Mundial 78' exige, preliminarmente, um deslocamento do olhar sobre o que significava a imprensa esportiva no contexto latino-americano do século XX. Longe de ser um subgênero menor do jornalismo ou um mero repositório de estatísticas e resultados, a mídia especializada em esportes constituiu-se, historicamente, como um dos mais potentes dispositivos de pedagogia social e de construção de identidades nacionais.

Como observa o sociólogo Pierre Bourdieu (1997), o esporte moderno não existe em um vácuo, ele é estruturado dentro de um “campo esportivo” onde a mídia detém o poder de consagrar heróis, codificar éticas de comportamento e narrar a nação para si mesma. Na América Latina, esse fenômeno adquiriu contornos específicos. Em sociedades marcadas por rápidas urbanizações e pela busca de símbolos de coesão, o futebol tornou-se uma linguagem comum, e os periódicos que o cobriam assumiram a função de intérpretes dessa nova realidade de massas.

Cabe demarcar que este fenômeno não é exclusivo da Argentina. No Brasil, por exemplo, a atuação do *Jornal dos Sports*, fundado em 1931 por Mário Filho, desempenhou papel análogo na consolidação do futebol como paixão nacional. Assim como a publicação brasileira ajudou a transformar o estádio do Maracanã em um “templo” e as rivalidades locais em epopeias nacionais, utilizando uma linguagem que aproximava a crônica da literatura, a imprensa esportiva argentina também operou como uma “fábrica de mitos”. Revistas como a também brasileira *Placar* (fundada posteriormente, na década de 1970), pela Editora Abril, na mesma linha da própria *El Gráfico*, não só cobriam o evento, elas conferiam sentido a ele, estabelecendo o que o historiador Eric Hobsbawm (1984) chamaria de “tradições inventadas”. Ao narrar as vitórias e derrotas do esporte nacional, essas publicações definiam quem “nós” éramos em oposição aos “outros” em um campo de batalha de disputas simbólicas.

No entanto, o caso argentino guarda especificidades que conferem à *El Gráfico* um peso institucional talvez sem paralelo no continente. A Argentina do início do século XX apresentava índices de alfabetização superiores à média regional e uma cultura letrada urbana vibrante, convém salientar. Nesse cenário, a revista ilustrada não era apenas consumida, sendo debatida,

colecionada e reverenciada. A cultura de *kiosco*¹⁸ em Buenos Aires transformou publicações semanais em rituais de consumo cívico. Ler *El Gráfico* era muito mais que se informar sobre os jogos da rodada e o desempenho dos jogadores do campeonato local, era participar de uma comunidade imaginada de leitores que compartilhavam os mesmos valores estéticos e morais sobre o esporte que em muitos momentos é associado ao “ser argentino”.

Portanto, ao eleger este objeto de análise, se lida com uma verdadeira instituição cultural que detinha o monopólio da interpretação legítima do esporte na Argentina e é considerada para além do trabalho de mediação/repasse de informações. Sua autoridade foi construída ao longo de décadas, sedimentando-se na memória afetiva de gerações. É justamente essa acumulação de capital simbólico, que passa pela credibilidade, pelo prestígio e também pela capacidade de emocionar, que a tornou um alvo estratégico tão cobiçado pelo poder político. Para um regime autoritário como a Ditadura Militar em questão, que carecia de legitimidade popular de origem, apropriar-se do discurso sobre o futebol significava, em última instância, tentar apropriar-se da alma da nação.

2.1. Breve trajetória da publicação e seu prestígio como “A Bíblia do Esporte”

O marco inicial daquela que viria a se tornar uma das publicações esportivas mais emblemáticas da América Latina pode ser rastreado com precisão: sexta-feira, 30 de maio do ano de 1919. Nesse dia, chegava às ruas de Buenos Aires a revista *El Gráfico*, fundada pelo empresário uruguaio radicado na Argentina Constancio Cecilio Vigil. A publicação não surgiu como uma peça isolada, sendo lançada como um dos pilares fundamentais do *Editorial Atlántida*, empresa que viria a se tornar um dos maiores conglomerados de mídia do país, responsável também por títulos de massiva influência e circulação em outros segmentos, como a revista *Gente* (voltada a atualidades e celebridades) e a *Para Ti* (segmento feminino).

Originalmente, e para a surpresa de muitos que pesquisam sobre, a revista não nasceu voltada ao esporte. Seu nome, *Gráfico*, devia-se à proposta inicial de ser um semanário ilustrado de interesse geral que refletisse sobre atualidades culturais e sociais, no qual a fotografia e a imagem tinham primazia sobre o texto, retratando a vida cotidiana e os eventos da elite portenha. É simbólico, como resgatam López e López (2011), que sua primeira capa não estampasse um atleta, mas sim uma fotografia de alunos de escolas públicas desfilando na *Plaza*

¹⁸ Como se fosse uma mescla de mercearia e banca de jornal, trazendo para o contexto do Brasil, os *kioscos* são pontos de venda de rua e fazem parte do cenário urbano da Argentina e de outros países latinos. Eram o principal canal de distribuição da *El Gráfico*, servindo como o termômetro imediato do sucesso popular de cada edição.

de Mayo diante do presidente Hipólito Yrigoyen. Porém, ainda que não fosse o enfoque principal, é necessário demarcar que, logo nessa primeira edição, o futebol recebeu destaque na terceira página, devido à cobertura fotográfica do campeonato sul-americano que havia sido disputado no Brasil e terminou com a vitória dos locais no dia anterior.

Figuras 1 e 2: capa da primeira edição *El Gráfico*, e página 3 da mesma edição (com o primeiro destaque para o futebol)



Fonte: reprodução Revista *El Gráfico* - Edição 001, 30/05/1919.

Em 26 de julho de 1919, na quinta edição, a goleada por 4x1 do Uruguai diante da Argentina, válida pelo “Prêmio de Honra do Ministério de Introdução Pública do Uruguai” dominou o primeiro plano. A capa apresentava seis imagens da partida, que contou com a presença de 10 mil espectadores. “O jogo em geral foi sem brilho, por causa das más condições em que se constituiu o time argentino, e em parte também, pelo mau estado do campo devido à chuva caída no dia anterior”, rezava o texto. Ennis Hayes, histórico atacante do Rosario Central, foi quem marcou o gol de honra da Argentina e se converteu no primeiro jogador argentino a

ser mencionado pela revista.¹⁹

Figura 3: primeira capa *El Gráfico* dedicada ao futebol



Fonte: reprodução Revista *El Gráfico* - Edição 005, 26/07/1919.

Assim, não demorou muito, e a direção editorial notou uma tração comercial diferenciada nas coberturas esportivas. Esse interesse foi impulsionado por eventos catalisadores, como as lutas de boxe de Luis Ángel Firpo, o “touro selvagem dos Pampas”, que,

¹⁹ No entanto, se pensamos em capas, houve que esperar até o número 158, quando Américo Tesoriere, do Boca Juniors, foi destacado. Como não poderia ser diferente, Diego Armando Maradona foi quem mais vezes recebeu essa “honra”, com 138 presenças, seguido de longe por Daniel Passarella, com 58. Disponível em:

<https://www.elgrafico.com.ar/articulo/%C2%A1habla-memoria!/67550/el-grafico-y-su-genesis-la-primera-tapa-de-futbol-de-la-revista>

em 1923, protagonizou a “luta do século” contra Jack Dempsey em Nova York. Diante dessa demanda crescente de um público urbano em expansão, a publicação se especializou exclusivamente em esportes a partir de 1925, como resultado de um movimento que decorria desde 1921. Essa mudança de rumo coincidiu e, em grande parte, impulsionou a consolidação do futebol como o fenômeno de massas dominante no país (Archetti, 2003).

Com o passar do tempo, *El Gráfico* consolidou-se como “A Bíblia do Esporte”, designação que refletia fielmente a sua hegemonia incontestável no jornalismo esportivo. A revista chegou a cobrir mais de 44 disciplinas diferentes em suas capas, do remo à aviação, embora o futebol tenha gradualmente monopolizado as atenções (López; López, 2011). Sua liderança foi testada por concorrentes de peso, como a revista *Goles*, fundada em 1948, que chegou até a se sobressair na preferência do público durante a década de 1960, muito por conta de uma proposta mais popular e econômica sem perder a qualidade do conteúdo. No entanto, devido a um incêndio nos escritórios da concorrente, que fez com que a mesma desaparecesse dos comércios e perdesse todo o ímpeto conquistado no período, *El Gráfico* prevaleceu, de certo modo também por méritos próprios, estabelecendo o padrão-ouro para o jornalismo do gênero em todo o mundo de língua espanhola.

Sua relevância não advinha apenas da reportagem factual, e passava muito pela capacidade de transformar o esporte em mitologia, o que fez com que a revista fosse o berço da crônica esportiva argentina entendida como um gênero literário híbrido. Seus jornalistas não eram meros repórteres, eram as *plumas*²⁰, escritores célebres que narravam as partidas com uma prosa épica, poética e profundamente analítica. Nomes como Ricardo Lorenzo, Dante Panzeri e Félix Frascara formaram uma escola de jornalismo onde a identidade do futebol argentino foi forjada e codificada, notavelmente através da dicotomia entre o original estilo *criollo* (baseado na habilidade, improvisação e na figura do *pibe*) e o estilo britânico (baseado na força, disciplina e tática), tido ora como modelo, ora como antítese da identidade nacional.

Como define o antropólogo Eduardo Archetti (2003), *El Gráfico* foi o periódico de classe média de maior influência no país, desempenhando um papel decisivo na definição das áreas do pensamento moral masculino e nacional. Em suas palavras:

El Gráfico es la revista deportiva semanal de la clase media que tuvo mayor influencia en la Argentina. [...] Los periodistas de El Gráfico, excelentes escritores en su mayoría, pensaban como miembros de la clase media pero a su vez daban lugar a la expresión y diseminación de voces, imágenes y actuaciones de jugadores de fútbol y otros hombres de origen popular y de clase trabajadora. La transformación de estos últimos en “héroes” o “villanos” [...] son ejemplos de construcción simbólica de “lo nacional” a través de

²⁰ Em alusão às canetas com penas, tal qual conhecemos, o que demarcava um estilo clássico e elegante.

análisis de virtudes deportivas. (Archetti, 2003, p. 90-91).

A análise de Archetti é fundamental para este estudo, pois estabelece a revista não apenas como uma crônica dos fatos, mas como um agente ativo de construção simbólica de *lo nacional*, como será abordado nos próximos capítulos. A publicação mediava as façanhas de heróis de origem popular para uma classe média leitora que, através desse consumo, moldava seu entendimento sobre o que significava ser argentino.

Essa profunda influência cultural e ideológica traduzia-se em um poder de mercado avassalador. Archetti (2003) aponta que a tiragem da revista cresceu consistentemente, estabilizando-se em 100.000 exemplares na década de 1930 e atingindo 200.000 exemplares por semana durante seu primeiro apogeu nas décadas de 1940 e 1950. Contudo, foi no contexto analisado por esta pesquisa que os números explodiram. Segundo López e López (2011), a edição que celebrou o título da Copa do Mundo de 1978 atingiu o recorde histórico de 595.924 exemplares vendidos²¹, como é destacado nas próprias páginas, um salto quantitativo que evidencia o momento de clímax na relação entre a publicação e a sociedade. Portanto, é crucial pontuar que, no momento em que a Ditadura Militar decide organizar o Mundial, *El Gráfico* não era apenas uma revista de esportes, mas sim a principal mediadora da paixão nacional, o que tornaria seu controle ou alinhamento em uma questão de preocupação para o Estado.

A revista circulou por quase 100 anos, de maio de 1919 a dezembro de 2018. Atualmente, assim como grande parte do jornalismo contemporâneo geral, sua atuação se remete mais às redes sociais, e não mais como um semanário manual especializado.

2.2. A importância e o peso do editorial na cultura *El Gráfico*

O prestígio de *El Gráfico*, como estabelecido, se concentrava tanto na qualidade icônica de suas fotografias quanto na sofisticação de seus textos. A revista consolidou a crônica esportiva como um gênero que flertava com a literatura, valorizando a figura do jornalista-escritor. E diferente da notícia ou reportagem, que se atém aos fatos, a crônica permitia ao autor usar metáforas, juízos de valor e um tom épico para interpretar o significado cultural de uma partida. Como aponta Archetti (2003, p. 91), e cabe aqui reforçar, os jornalistas eram “excelentes escritores em sua maioria”, responsáveis por mediar as ações dos heróis esportivos

²¹ O poder de circulação da revista em Copas do Mundo se confirmaria e aumentaria em 1986. Na consagração da Argentina de Diego Maradona no México, a revista superou seu próprio recorde, vendendo 690.998 exemplares (López; López, 2011, p. 21).

para o público.

Nessa cultura de valorização da palavra, nenhuma seção possuía maior peso institucional que o editorial. Por si só, em qualquer veículo jornalístico, este funciona como a voz oficial da empresa, o espaço onde a instituição se posiciona. Na cultura interna de *El Gráfico*, essa função era elevada a um patamar de solenidade. Em uma sociedade que buscava na revista a interpretação final dos principais fatos esportivos, o editorial funcionava como um púlpito: ditava a moral, definia o que era correto, criticava o que era impróprio e estabelecia o tom do debate público nas ruas e rodas de amigos.

Essa tradição de intervenção moral e cívica, intrinsecamente ligada à construção da identidade nacional, tornou o editorial o espaço mais politicamente sensível da publicação. Enquanto as reportagens descreviam o que aconteceu e as crônicas interpretavam como aconteceu, podendo trazer opiniões e visões de terceiros, o editorial explicava o que se devia pensar sobre o assunto. Ele era o principal instrumento de mediação entre o fato bruto (o jogo e seus desenrolares) e o sentido coletivo (a nação).

É por essa razão que, para compreender o papel da revista durante a Ditadura, o editorial se torna o objeto de análise central deste trabalho. Ele é a expressão máxima da hegemonia²² que a revista exercia, onde o consenso sobre o futebol, e, por extensão, sobre a nação, era forjado e disseminado. Por isso, a hipótese central é que o Regime e o *Editorial Atlántida* compreenderam esse poder e cooptaram essa voz institucional. O espaço, tradicionalmente usado para debater a moralidade do estilo de jogo ou a conduta de um atleta, foi apropriado para debater a moralidade da nação perante o mundo externo que tanto criativa e por consequência feria o orgulho de ser argentino.

A análise que será desenvolvida no Capítulo 3 desta monografia busca demonstrar como essa voz foi mobilizada para fins políticos. Editoriais como o emblemático “Para os de fora e para os de dentro”²³, publicado na primeira rodada do Mundial, são as provas evidentes dessa apropriação. Neles, *El Gráfico* deixa de falar apenas do esporte, dentro das quatro linhas, e passa a falar explicitamente em nome do país e de todos os argentinos, defendendo o Governo, ainda que indiretamente e não de forma explícita, atacando o “jornalismo estrangeiro maldoso” e validando a Copa como um sucesso incontestável de organização e ordem. O editorial tornou-se, assim, a principal trincheira discursiva da revista durante essa “batalha”.

²² O conceito de hegemonia de Antonio Gramsci (1978) é aqui utilizado não no sentido de dominação pela força, mas como a capacidade de construir um consenso cultural, fazendo com que os valores e a visão de mundo de um grupo (no caso, o regime militar) sejam aceitos e internalizados pela sociedade como o “senso comum”.

²³ Revista *El Gráfico*, edição 3061, 6 de junho de 1978.

2.3. Alinhamentos ideológicos do *Editorial Atlántida* frente ao Regime

Para analisar a voz editorial de *El Gráfico*, antes é fundamental compreender que ela não era uma entidade autônoma, mas sim um dos principais produtos do *Editorial Atlántida*, conglomerado de mídia comandado pela família Vigil e tido como um dos grandes aliados civis do *Proceso de Reorganización Nacional* (1976-1983). Essa adesão, cabe destacar, não foi sutil, visto que se tratou de um projeto editorial explícito e multifacetado, alinhado à tendência majoritária da grande imprensa argentina da época.

Como aponta o historiador de mídia Carlos Ulanovsky (2011), o discurso de *El Gráfico*, assim como o do jornal *Clarín*, por exemplo, acompanhou o consenso midiático em apoiar o evento como uma causa nacional. A realização do Mundial foi vista como uma oportunidade de negócio e de patriotismo, onde a defesa da imagem do país se sobrepôs a qualquer consideração ética sobre as denúncias de violações de direitos humanos. Nas palavras de Ulanovsky:

En rigor, para los médios y también para la prensa escrita, el torneo fue una oportunidad para batir el parche de que aquí se vivía en paz y que nada de que le decían los médios extranjeros era cierto, sino una campaña de desprestigio de alcance internacional. El tema fue cubierto sin fisuras por la prensa local, que encontró además una buena veta para aumentar las ventas. (Ulanovsky, 2011, p. 102-103).

Essa postura do editorial se materializava em uma estratégia dupla de comunicação, utilizando suas duas principais publicações. Se, por um lado, a revista de atualidades *Gente* servia como a propaganda explícita do Regime – chegando até a publicar capas com slogans como “*Los argentinos somos derechos y humanos*” para rebater denúncias internacionais de tortura –, por outro, *El Gráfico* desempenhava um papel de propaganda implícita, mais sutil e talvez até mais eficaz. Sua missão era construir o consenso e a “normalidade”, fornecendo a distração em massa e mobilizando o “entusiasmo autenticamente patriótico” em torno da seleção (Novaro; Palermo, 2007).

A própria Junta Militar, a exemplo de outros regimes –e como não poderia ser diferente em um país como a Argentina –, entendia o esporte como ferramenta de legitimação. Como destaca Gotta (2008), o General Jorge Rafael Videla, mesmo não sendo um aficionado por esportes, buscou ativamente, sobretudo a partir de 1977, associar sua imagem a ídolos nacionais. O sucesso global de atletas como o tenista Guillermo Vilas foi capitalizado para projetar uma imagem de sucesso e normalidade. Gotta descreve que Videla, durante uma

viagem conturbada aos EUA em 1977, fez questão de ser fotografado sorrindo ao lado de Vilas, dias antes deste se consagrar campeão do *US Open*. Esse suposto e forjado bom cenário do esporte de elite foi um terreno fértil que a publicação também explorou.

A modernização da mídia enquanto setor comercial para a Copa, em si, foi um ato político, e a introdução da televisão em cores pode ser colocada de exemplo máximo. Como aponta Varela (2013, p. 280), a cor foi introduzida na Argentina em 1978 especificamente para a transmissão do Mundial de futebol ao exterior, enquanto o público local assistia majoritariamente em preto e branco (esse recurso só seria implementado internamente em 1980). Varela define isso como o “ponto culminante da esquizofrenia” da Ditadura, criando “imagens contrastantes de um país dividido entre o *adentro* e o *afuera*”.

Ao adotar a impressão colorida massivamente no mesmo período, a revista participou dessa mesma lógica, com a construção de uma imagem moderna e vibrante para exportação, que servia como propaganda política. Nas páginas da publicação, tal qual observado na análise, construiu-se com grande empenho a narrativa de que 1978 seria o “ano do esporte argentino” – e deixaria um legado –, um momento de apogeu nacional que exigia um veículo de comunicação à altura. Esse argumento justificou investimentos vultosos em novas rotativas e na ampliação do uso de páginas coloridas, transformando a revista em um produto visualmente sofisticado. Todas essas transformações se faziam presentes nas próprias páginas dos editoriais, o que também pode evidenciar um fortalecimento da ideia de produto feito por e para os argentinos.

2.4. A mudança de direção e o silêncio seletivo

Por coincidência ou não, a materialização desse alinhamento ideológico e comercial terminou gerando reflexos profundos na estrutura de comando da revista. Durante 15 anos (1962-1977), a direção editorial da *El Gráfico* esteve a cargo de Carlos Fontanarrosa. Nascido em 1921, Fontanarrosa foi uma figura central no jornalismo esportivo argentino do século XX e conduziu a publicação durante sua chamada “época de ouro”, a partir da revolução editorial de 1963, quando a revista passou a priorizar a atualidade absoluta nas capas e a cobertura exaustiva das rodadas do futebol argentino e demais acontecimentos esportivos (López; López, 2011). Além de gestor, era um escritor de prestígio, conhecido por um estilo que mesclava rigor técnico com uma visão humanista do esporte.

Contudo, em maio de 1977, a quase um ano do início da Copa do Mundo e quando a chamada “campanha anti-Argentina” ganhava força na Europa, ao mesmo tempo em que crescia a preocupação do Regime com a organização, Fontanarrosa deixou a direção da revista.

A saída repentina de um diretor tão longevo e identificado com o veículo, às vésperas do maior evento da história do esporte nacional, levanta a hipótese de um ponto de inflexão mais político do que meramente administrativo. Embora não existam documentos públicos que comprovem uma demissão motivada por divergências ideológicas, os indícios sugerem que a *Atlántida* buscava um perfil de liderança mais ajustado às novas necessidades impostas pela conjuntura da ditadura e pelos interesses comerciais do Mundial que se aproximava.

Um sintoma dessa tensão interna pode ser observado meses antes da troca. Em 29 de março de 1977 (Edição 2999), a revista publica um editorial assinado por Fontanarrosa intitulado “Cabelo longo e bigode, uma moda que já não é moda”. Antecipando a análise de fato que está por vir no próximo capítulo, percebemos que no texto se criticava o uso de cabelos compridos por jogadores e atletas, uma característica comum da época e dita como verdadeiramente argentina no imaginário social, alegando que estavam “fora de onda”. A peça destoa da então tradição analítica da revista e aproxima-se da estética repressiva do *Regime*, que identificava o cabelo comprido como símbolo de subversão e tinha a “aparência limpa” (cabelo curto e rosto barbeado) como um símbolo de ordem moral e patriotismo. O manuscrito pode ser interpretado como uma tentativa, forçada ou não, do próprio Fontanarrosa de se adequar aos novos tempos ou, talvez, do cumprimento de uma nova diretriz da empresa. O fato de sua saída ter ocorrido apenas dois meses depois permite pensar que tal esforço de alinhamento foi insuficiente ou que a decisão de renovar o comando para o projeto Copa já estava tomada.

Dentro de tudo isso, é relevante relembrar o contexto político que cercava a organização do torneio. A Junta Militar, e especificamente a facção da Marinha liderada por Emílio Massera, via a Copa como uma operação de propaganda vital. Conforme aponta Llonto (2005), Massera foi um dos principais artífices da realização do Mundial, compreendendo seu potencial legitimador. Nesse cenário, o controle sobre a narrativa da principal revista esportiva do país tornava-se estratégico, e a permanência de um jornalista da velha guarda poderia representar um risco ou um obstáculo para a adesão total e irrestrita que o momento exigia.

O que se seguiu à saída de Fontanarrosa reforça a hipótese de uma mudança de paradigma, com uma transição burocrática e opaca. A edição 3008, de 31 de maio de 1977, foi a última a listá-lo como diretor e teve um editorial dedicado especialmente como forma de agradecimento pelos serviços prestados, alegando que essa foi uma decisão eminentemente profissional.

Embora Héctor Tassino, homem de confiança da empresa, tenha assumido funções executivas, supervisionando a modernização tecnológica e a introdução da cor, a figura do

diretor-autor desapareceu das páginas. Os editoriais, antes assinados e personalizados com claras marcas de autoria pessoais, passaram a ser publicados sem assinatura e sob a chancela institucional da revista. Esse silêncio autoral e a despersonalização da opinião sugerem que a voz da *El Gráfico* deixava de ser a de um jornalista independente para se tornar a voz institucional da empresa e, por extensão, dos interesses do evento que ela passaria a defender com fervor patriótico.

É fundamental, contudo, qualificar a natureza da nova postura e desse silêncio, visto que a mudança de direção não implicou o fim de toda e qualquer crítica nas páginas da revista, mas sim um redirecionamento estratégico de seus alvos. Observa-se que questionamentos e preocupações voltadas à Associação do Futebol Argentino (AFA) e ao desempenho esportivo da seleção comandada por César Luis Menotti, mantiveram-se presentes. A revista continuava se colocando como um ator político que defende o esporte argentino e cobrava um melhores atuações em campo, lembrando que o Mundial também se tratava, afinal, de futebol e que a equipe nacional precisava corresponder à grandeza do evento.

Ao mesmo tempo, porém, parece ter se desenhado uma linha de proteção em torno da organização do torneio. Problemas de infraestrutura e atrasos nas obras, que anteriormente – prévio ao Golpe e a confirmação da organização do evento pelo Regime – poderiam ser pauta (e de fato o foram), desapareceram do discurso editorial ou foram minimizados. Estabeleceu-se uma narrativa de que, no que tange à preparação institucional e logística (área de atuação do EAM 78 e dos militares), tudo caminhava bem e dentro da normalidade. Essa crítica seletiva, que parecia mais dura com o futebol em si e complacente com a organização, será um dos pontos centrais analisados no capítulo seguinte, com base nas próprias edições, evidenciando como a revista operou para blindar o evento politicamente, mantendo a aparência de rigor jornalístico apenas “dentro das quatro linhas”.

CAPÍTULO 03 – A voz da revista: análise dos editoriais pré, durante e pós-Mundial (janeiro de 1976 a dezembro de 1978)

Após a tentativa de breve estabelecimento das bases históricas sobre o contexto político argentino da época e a compreensão do lugar institucional ocupado pela revista *El Gráfico* no campo jornalístico, este capítulo é dedicado exclusivamente à análise empírica do discurso da publicação durante todo o ciclo mundialista. O objetivo central é investigar as estratégias discursivas adotadas pela revista em seus textos de opinião, observando as convergências entre a defesa da realização do evento esportivo e a legitimação da ordem política vigente.

Para a constituição do *corpus* documental desta pesquisa, como já explicado de forma inicial na introdução geral, realizou-se o mapeamento das 156 edições da revista que foram lançadas durante o período integral de janeiro de 1976 a dezembro de 1978. A extensão do recorte temporal justifica-se pela necessidade de apreender toda a trajetória discursiva que antecedeu e sucedeu o momento da competição, permitindo observar as variações na voz editorial frente às mudanças na conjuntura nacional.

A partir da leitura preliminar deste universo, procedeu-se a uma seleção que resultou na desconsideração inicial de 69 edições, que nada ou pouco tinham relação com a proposta. O critério de inclusão baseou-se na pertinência temática, selecionando peças que abordassem, direta ou indiretamente, a seleção argentina de futebol, a organização do Mundial, a situação institucional do país, a relação da sociedade com o evento ou respostas a críticas externas.

Depois de mais um repasse “pente fino”, foi estabelecido, dentro das 87 edições antes escolhidas, um *corpus* final de 57 editoriais. O critério de inclusão baseou-se na pertinência temática, selecionando-se peças que abordassem, direta ou indiretamente, a organização do Mundial, a situação institucional do país, a relação da sociedade com o evento ou respostas a críticas externas. Ainda assim, é importante demarcar que, a nível de complementação ou mesmo curiosidade, algumas outras edições, que não necessariamente tenham ligação direta com o contexto que aqui nos interessa, foram acionadas.

A abordagem analítica deste trabalho, tal qual foi previamente explicado também na introdução, compreende a revista para além de uma mediadora neutra de informações esportivas, e sim como um ator político, conforme a definição proposta por Héctor Borrat (1989). Embora a obra de Borrat foque no jornalismo periódico diário, suas categorias são perfeitamente aplicáveis à *El Gráfico*, dada sua influência hegemônica. A revista é entendida aqui como uma instituição que exerce influência e participa ativamente dos conflitos de sua época, operando através de mecanismos de inclusão, exclusão e hierarquização de temas. Ao

narrar a Copa do Mundo, a publicação, que relata fatos e repassa informações, também intervém na realidade, emitindo opiniões e comentários que podem visar uma orientação da percepção pública, atuando ora como observadora interessada, ora como parte integrante das disputas pela legitimação do evento.

Para aprofundar essa compreensão da revista como agente interventor, recorre-se à perspectiva das práticas discursivas delineada por Stuart Hall (2016). Sob essa ótica, entende-se que *El Gráfico* operou ativamente na produção de sentidos, constituindo o que Foucault, relido por Hall, define como um “regime de verdade”. A análise parte do pressuposto de que o sentido do Mundial, seja como “festa da paz” ou instrumento político, não era algo dado *a priori*, tendo sido construído discursivamente. Busca-se observar, portanto, como a publicação trabalhou na articulação entre o êxito esportivo e a eficiência organizacional, promovendo a identificação do leitor com uma identidade nacional forjada na disciplina e na ordem, enquanto interditava narrativas dissidentes e as alocava como parte da “falácia da campanha anti-Argentina”.

Nessa mesma linha, a função social da publicação é examinada através das lentes de Mayra Rodrigues Gomes (2009), que situa o jornalismo como um dispositivo disciplinar. Se, por um lado, se iluminava os feitos da organização (a “política do olhar”), por outro, essa visibilidade operava como uma técnica de vigilância e modelagem de condutas. A análise considera que, ao selecionar o que era “importante” e ditar as normas do “bom torcedor”, entre outros fatores, a revista atuou delineando a ordem desejável. Os editoriais são lidos, assim, para além da ideia de opinião/informação sem pretensão, e sim funcionado como a transmissão de “palavras de ordem” que buscavam educar o corpo social para performar a imagem de civilidade exigida pelo Regime perante o atento olhar estrangeiro.

Metodologicamente, essa leitura crítica fundamenta-se na perspectiva teórica de Oswald Ducrot (1977) sobre os implícitos discursivos, buscando identificar não apenas o conteúdo posto (explícito), mas os pressupostos e subentendidos que permeiam possíveis interpretações de leitores. Investiga-se a hipótese de que, em um contexto de restrição das liberdades civis, a adesão da revista ao projeto do Mundial pode ter operado através de uma construção implícita de legitimidade. Complementarmente, mobiliza-se o conceito de “política do silêncio” de Eni Orlandi (1992) para examinar as omissões estratégicas, questionando se a saturação do discurso em torno da celebração e da unidade nacional funcionou como mecanismo de apagamento de tensões sociais e políticas.

Para operacionalizar a análise, os editoriais selecionados foram categorizados em quatro fases cronológicas, que correspondem à estrutura dos subcapítulos a seguir:

- **O caos pré-golpe e a demanda social/esportiva por mudanças (janeiro a março de 1976):** examina-se o discurso da revista no período anterior à ruptura institucional, observando-se como as críticas à desorganização administrativa e aos atrasos nas obras podem ter contribuído para a formação de uma demanda social por reordenamento.
- **A virada discursiva e as mudanças editoriais (julho de 1976 a março de 1978):** analisa-se o período marcado pela criação do *Ente Autárquico Mundial 78*. Investiga-se a transição no tom editorial, que passa a enfatizar a capacidade organizacional do novo comando, e a construção de uma defesa da Copa contra as críticas internacionais, denominadas pela publicação como “campanha anti-Argentina”.
- **O êxtase da “Fiesta de Todos” (maio e junho de 1978):** foco no período de realização do torneio, observando-se a materialização do discurso de “paz e união” nas páginas da revista e a consagração da imagem de eficiência estatal através do êxito esportivo.
- **Do êxtase da conquista às cobranças pelo legado (julho a dezembro de 1978):** aborda o período pós-título, analisando a construção da narrativa sobre o esperado (e prometido) legado do evento e o retorno gradual de pautas críticas voltadas à gestão esportiva e à continuidade do projeto da seleção nacional.

Essa organização visa demonstrar a evolução da linha e voz editorial de *El Gráfico*, permitindo verificar em que medida a defesa institucional do evento esportivo, operada por um ator político influente e disciplinador, pode ter convergido com os interesses de legitimação do Regime.

3.1. O caos pré-golpe e a demanda social/esportiva por mudanças

Como explicado anteriormente, a ideia da análise dos editoriais é ir caminhando juntamente com a revista, de edição em edição, para entender como o Mundial 78’ aparecia nesse momento de preparação e como foram as mudanças (ou não) de postura/abordagem com o passar do tempo.

A primeira menção, dentro do período estabelecido, acontece logo na segunda edição do ano de 1976, de número 2936, mais especificamente no dia 14 de janeiro. Intitulado

“Acredite: existem argentinos que trabalham para o amanhã”²⁴, o editorial traz um boletim informativo da Associação do Futebol Argentino (AFA) com a programação detalhada das atividades que serão desenvolvidas pela seleção nacional. Indo em direção contrária a improvisação, característica comum do futebol argentino e grande responsável por decepções e fracassos internacionais, como destacado, esse planejamento é recebido com muita satisfação e expectativa, desde que seja realmente cumprido à risca por todos os envolvidos, o que deveria “ser assegurado pela entidade matriz que assume em nome do país a responsabilidade de organizar o Mundial de 1978: A AFA”²⁵.

Na segunda menção, na edição seguinte (2937), datada de 21/01/1976, o editorial intitulado “Isso também é começar a jogar o Mundial 78” traz algumas informações acerca de questões ligadas à infraestrutura hoteleira das cidades-sedes e as possíveis empresas privadas que serão escolhidas por meio de uma espécie de concessão para “dar uma imagem exemplar da organização turística argentina que sirva de promoção ao nosso país”. Com confiança, evidenciando que a competição já está em marcha, pelo menos fora dos gramados, a posição da revista, que informa e também cobra, se colocando como ator político, é de reconforto no momento, sem se esquecer do que não está sendo feito também. Ainda neste mesmo editorial, é interessante destacar o seu início:

Além da formação de uma grande equipe de futebol e da construção ou acondicionamento de grandes estádios, uma Copa do Mundo exige a concretização de fatos que contribuam para a infraestrutura do país em matéria de turismo, comunicações internas e comunicações externas. Quando sustentamos que o Mundial de 78 demandará gastos, mas que esses gastos serão na realidade um investimento para o país, pensamos em tudo o que deve ser feito para melhorar essa imagem da Argentina que transmitiremos a todo o mundo desde o pontapé inicial da Copa (Editorial El Gráfico, Edição 2937 - 21/01/1976)

Quebrando um pouco o clima de paz e união que parecia estar instaurado, com elogios à organização e planejamento, o editorial da Edição 2939, de 04/02/1976, já começa alarmante no título “Quem salva a seleção?”. No texto, o diretor editorial Carlos Fontanarrosa, que era o responsável técnico e sempre assinava essa parte essencial da revista, discorre sobre a venda de jogadores do selecionado para o exterior, o que poderia causar problemas para a preparação da

²⁴ Tradução livre (“Créalo: hay argentinos que trabajan para el mañana” - Edição 2936, 14/01/1976). Aproveitando, justifico que, buscando facilitar a compreensão no momento da leitura, tendo em consideração algumas diferenças entre o português e o espanhol, todos os títulos e textos dos editoriais serão traduzidos.

²⁵ Apenas para não haver dúvidas, e evitar o uso excessivo de notas de rodapé, aclaro que a grande maioria dos trechos que aparecem com aspas foram retirados da própria revista. Assim sendo, eles já são propositalmente parte da análise e ajudam a explicar algumas percepções/observações pertinentes. Falamos por si só.

equipe no ciclo pré-Copa, a depender de suas respectivas adaptações nos novos clubes. Neste sentido, há uma cobrança para que se pense no sucesso esportivo do país:

É necessário que cada um assuma sua responsabilidade na área em que atua. A AFA, os dirigentes, Menotti e os jogadores. Demos, POR PRIMEIRA VEZ, uma imagem de seriedade ao tema selecionado nacional. Repetimos o que dissemos há muito pouco: pensamos que o Mundial de 78 temos que fazê-lo muito bem (no sentido da organização), mas também tratemos de chegar com uma equipe que seja capaz de ganhá-lo. A seleção deve ser salva. (Editorial El Gráfico, Edição 2939 - 04/02/1976)

Acerca desta relação de amor e ódio, de certa forma, com mudanças entre elogios e críticas em questões de semanas, o editorial da Edição 2940, de 11/02/1976, destaca a paralisação momentânea de obras em Córdoba por falta de pagamentos. Reagindo a alertas emitidos pelo jornal *La Nación* e por rádios locais, a revista tenta tranquilizar o público sobre a retomada das obras, ao mesmo tempo em que mantém o papel de fiscalizador severo ao lembrar a “inexorável sentença do tempo”, definindo a FIFA como esse “fiscal implacável”. Ao reproduzir o informe oficial recebido, se faz questão de manter em caixa alta (estratégia comum) a ressalva de que os prazos serão cumpridos “sempre que não existam problemas com as verbas de dinheiro necessárias”, evidenciando que, apesar do discurso de volta à normalidade, o temor de um vexame internacional por erros técnicos (um dos motivos que poderia ter causado o não pagamento) era latente.

Um dos editoriais mais longos dentre todos os analisados, o da Edição 2942, de 25/02/1976, traz uma espécie de boletim de uma reunião geral. Para além de questões do futebol nacional, é importante destacar os elogios ao trabalho sério do técnico César Luis Menotti, ao mesmo tempo em que a AFA é duramente criticada. Acerca do Mundial, enfatizam a responsabilidade da Instituição como então entidade organizadora e denunciam a falta de qualquer tipo de informação sobre obras e afins, o que acaba por deixar tanto o jornalismo nacional quanto o internacional “órfãos de comunicação sobre o tema” e coloca dúvidas quanto a validação da Copa no país – inclusive com o Brasil, destacado como “exemplo de difusão e diplomacia” (ainda que também estivesse sob um regime totalitário, cabe recordar), se colocando como possível substituto.

Avançando já para o mês de março, às vésperas do que seria a instauração do golpe, o tom de preocupação se desloca das obras físicas para a própria identidade do futebol nacional perante o mundo, algo que acontecia com certa frequência, visto que no fim das contas esta era – ou pelo menos se imagina que seria – a preocupação principal de uma revista esportiva. Assim sendo, na Edição 2943, de 03/03/1976, o editorial “Somos de segunda categoria?” reflete o

impacto negativo de publicações internacionais, como a *FIFA-News* e a *France Football*, que ranquearam a Argentina abaixo de rivais continentais como Peru e Brasil. Para justificar a cobrança por seriedade, que não era nenhuma novidade, Fontanarrosa é enfático ao afirmar que “o melhor embaixador esportivo de um país sempre será uma reconhecida seleção nacional”. Pela segunda vez em um curto intervalo de tempo, a suposta organização brasileira é colocada como espelho para expor as carências locais, citando a massiva cobertura midiática e o apoio institucional que a Seleção Brasileira recebia, em contraste com a “orfandade” e o estado de “desídia” da equipe argentina. A desorganização interna é exposta de forma crua, informando que a menos de uma semana para o início de uma excursão internacional, a AFA ainda não havia definido o cronograma de partidas, reforçando o clima de improvisado. O texto conclui que, “se tudo transcorre nesse tom de insegurança, se nada for feito para fortalecer algo que é para o bem de todos, se não se declararem autênticos torcedores da seleção”, o país não conseguiria se desvencilhar do rótulo de segunda categoria, uma imagem incompatível com as ambições de uma nação sede.

Na manhã de 24 de março de 1976, data exata da tomada do poder pelos militares, a Edição 2946 da *El Gráfico* chegava às bancas como um estranho vestígio de um país que, horas antes, deixara de existir. Ainda que fosse, teoricamente, o primeiro exemplar a circular sob o novo governo, seu conteúdo havia sido fechado antes, transformando a revista em uma espécie de cápsula do tempo. Ignorando a ruptura institucional que ocorria do lado de fora, as páginas vibravam com uma epopeia esportiva ocorrida dias anteriores, na vitória heroica da seleção sobre a União Soviética. Sob a neve de Kiev, a equipe de Menotti impôs a primeira derrota dos soviéticos como mandantes na história, um feito narrado com tintas épicas pelo enviado especial Héctor Onesime, que enfatiza que foi “contra a neve, contra o frio, contra tudo...”.

Porém, enquanto a revista celebrava o passado recente, o presente se impunha com uma ironia brutal. Naquele mesmo dia 24, a televisão e o rádio, tomados para a reprodução contínua de comunicados da Junta Militar e marchas marciais, abriram uma única e significativa fenda na censura: a transmissão ao vivo do amistoso entre Argentina e Polônia. A bola rodando em Chorzow serviu como o único refúgio visual, permitindo que a população, entre atônita e distraída, visse a vitória por 2 a 1. O surrealismo do momento foi imortalizado na manchete do *Diario Clarín* do dia seguinte, que estampava, lado a lado, a nova ordem e o placar do jogo²⁶. Para os jogadores, a ficha só cairia no retorno, como lembrou Leopoldo Luque em uma entrevista anos depois: “Saímos em democracia. Quando voltamos, no aeroporto de Ezeiza

²⁶ Ver em <https://tapas.clarin.com/tapa.html#19760325>.

havia mais soldados que na Segunda Guerra Mundial”²⁷.

Figura 4: capa *El Gráfico* do dia exato do Golpe de 76’



Fonte: reprodução Revista *El Gráfico* - Edição 2946, 24/03/1976.

Coincidência ou não, em meio a esse turbilhão político, *El Gráfico* apresentava, pela primeira vez, nessa mesma edição, um grande dossiê sobre o andamento das obras nas quatro sedes do Mundial. O contraste com o mês anterior era gritante. Se fevereiro foi marcado por

²⁷ EL GRÁFICO. Fútbol y dictadura: cuando la pelota siguió rodando. 24 mar. 2025 Disponível em: <https://www.elgrafico.com.ar/articulo/%C2%A1habla-memoria!/62885/futbol-y-dictadura-cuando-la-pelota-siguio-rodando>

denúncias de paralisação em Córdoba e temor pela falta de verbas, a edição que foi às ruas no dia do golpe trazia um balanço tranquilizador. Os correspondentes garantiam que tudo corria dentro do previsto, uma súbita normalidade infraestrutural que destoava do caos político, mas que, curiosamente, parecia antecipar a imagem de ordem e eficiência que o novo Regime passaria a exigir.

Passada a excepcionalidade da semana de ruptura, a Edição 2947, de 31 de março de 1976, inaugura um posicionamento/diálogo indireto com o novo governo através do sugestivo editorial “Esportivamente falando...”. Ao referir-se ao golpe de forma eufemística como “o tema que comoveu a Argentina e os argentinos” e enfatizar que falariam dele a partir de uma forma “egoísta que a condição de revista esportiva obriga”, há uma certa legitimação da intervenção militar como uma oportunidade para encerrar um ciclo descrito negativamente e marcado por promessas vazias e falta de infraestrutura. Sob a bandeira de que o esporte não deve vir “tingido com nomes políticos”, o texto clama por um “banho de seriedade” e pela “erradicação da selvageria e da incivilidade” nos estádios (pedido de ordem, em outras palavras). No que tange especificamente à Copa, a cobrança abandona o tom de denúncia de verbas para focar na gestão tecnocrática, visto que exige-se o fim do amadorismo administrativo e a presença de “funcionários que funcionem” nos comitês organizadores. Ao encerrar reconhecendo que o esporte não é a prioridade nacional no momento, mas que deve ser parte da chamada “reorganização” (termo chave do período e que era usado pela Junta) e é algo que depois será visto por toda a sociedade, *El Gráfico* deixa de apenas narrar conflitos e se coloca também como participante de todo o contexto, com seu discurso pautado tanto no relato quanto no comentário/opinião/pedido.

Quase um mês após a instauração do Regime, o contínuo caos institucional da AFA soava como uma dissonância intolerável para a linha editorial da *El Gráfico*. Na Edição 2951, de 28 de abril de 1976, o editorial “O homem que a AFA necessita” expõe a impaciência da revista com os ritos da velha política “cartolarial”²⁸, ainda vigente na entidade. Diante da paralisia, a diplomacia é abandonada e o perfil do líder ideal, com adjetivos que parecem ecoar a retórica do momento, é desenhado. Exige-se um homem com “decisão, personalidade, valor e convicção”, e que, sintomaticamente, “saiba mandar”. A pauta de reivindicações é clara e hierarquizada: em primeiro lugar, a “definitiva organização” da Copa, expurgando oportunistas;

²⁸ Nesse caso, o termo refere-se pejorativamente a um modelo de gestão marcado pelo excesso de burocracia, formalismo arcaico, lentidão administrativa e falta de transparência. No discurso da revista, essa expressão servia para estigmatizar a administração civil da AFA como obsoleta e ineficiente, criando o contraste retórico necessário para legitimar a intervenção “técnica” e “modernizadora”.

em segundo, o “apoio total à Seleção de Menotti, com autoridade para exigir sacrifícios dos clubes”. Ao pedir o fim das “influências” e o cumprimento férreo dos regulamentos (“fazer-se escravo da lei”), a revista, conscientemente ou não, prepara o terreno discursivo para o fim da autonomia civil na AFA, sugerindo que a solução para a desordem do futebol exigiria o mesmo tipo de mão forte que acabara de assumir o comando da nação. Interessante observar que, após listar todas as qualidades e ações esperadas, é enfatizado que este homem em questão não precisa ser necessariamente do meio do futebol, mas que deve “saber se rodear” (de boas influências? Quais seriam?).

A relação entre *El Gráfico* e AFA, como já mencionado, parecia ser 8 ou 80 e constantemente se modifica a depender de contextos e acontecimentos. Na Edição 2954, de 19/05/1976, o editorial intitulado “Uma medida reconfortante” destaca uma atitude do Doutor Alfredo Cantilo, advogado de profissão e recentemente escolhido como presidente da instituição, de preservar os jogadores convocados e impedir que joguem por seus respectivos clubes em vez da seleção. Neste sentido, é mencionada a necessidade de apoio e profissionalismo, pensando também no tão enfocado prestígio internacional: “Investir na seleção, ainda que hoje possa parecer gastos desnecessários, pode trazer alto lucro. O público e o jornalismo já se decidiram. Agora só faltam os dirigentes”²⁹.

Seguindo a linha de direcionar pedidos (in)diretos às instâncias de poder, o editorial da Edição 2955, de 26 de maio de 1976, rompe com o modelo usual de se basear em um acontecimento específico do esporte para focar na gestão do evento em si. Sob o título “O respaldo que o mundial necessita”, o texto cruza uma fronteira discursiva decisiva, deixando de cobrar apenas que a AFA resolva seus problemas internos, e passa a declarar que a organização do torneio haveria de transbordar a “capacidade operacional” da entidade. O argumento é pragmático e alinhado aos novos tempos, defendendo que o “panorama complexo” de obras exigiria “decisão e executividade”, atributos que a revista parecia não encontrar nos civis, mas sim na “orgânica de alto nível” que sugere ao Estado criar. Ao pedir que o governo pense em “homens capazes de dirigir tão importante empresa”, a publicação indica a oficialização do controle militar sobre o Mundial:

A data de 1º de junho de 1978 continua se aproximando com mais celeridade do que parece. E para esse momento em que será inaugurada a Copa do Mundo, a Argentina deverá mostrar sua capacidade organizativa. A Comissão nomeada pela AFA tem sua função especificada (importante e valiosa), mas nas circunstâncias atuais entendemos que o Estado deveria criar uma orgânica de alto nível que o represente e garanta frente à FIFA o cumprimento do compromisso assumido. O curto tempo que nos separa do evento torna

²⁹ Editorial *El Gráfico*, Edição 2954 - 10/05/1976.

necessário colocar em marcha estruturas que assegurem decisão e executividade. O panorama é complexo: estádios, estradas, hotéis, comunicações... Isso exige esforço e talento. Em tal medida consideramos que haverá de transbordar a capacidade operacional da AFA. Portanto sugerimos que o Governo medite sobre a responsabilidade que hoje tem o país e pense em métodos (e em homens) capazes de dirigir tão importante empresa. Será a última etapa de um longo processo. E então sim – definitivamente – o Mundial sentirá o respaldo que buscava para converter-se em uma digna realidade. A que sonhamos todos os argentinos. (Editorial El Gráfico, Edição 2955 - 26/05/1976)

Como se o editorial anterior tivesse funcionado como uma premonição, ou um *briefing* bem executado, a resposta para a angústia organizacional começa a se desenhar poucas semanas depois. Na Edição 2957, de 9 de junho de 1976, o tom de cobrança dá lugar a um indisfarçável suspiro de esperança. Ao mesmo tempo em que a própria publicação anunciava sua preparação interna para uma cobertura “extraordinária” com mais páginas e serviços, usando eventos prévios como teste para estar à altura do momento histórico que se aproximava, ela enxergava no cenário nacional um movimento similar de eficiência. O texto utiliza o então recente sucesso do Congresso da FIFA em Buenos Aires – classificado por João Havelange, presidente da instituição mãe do futebol, como “o melhor de todos os realizados” –, para atestar a capacidade argentina de realização, sempre e quando se comprometem. É sob essa ótica que a revista visualiza o futuro do torneio, com “satisfação e tranquilidade”, celebrando o fato de que o Mundial “já tem sua casa”, citando o endereço físico na rua Bartolomé Mitre, 2085, onde funcionaria o comitê organizador. Para a linha editorial, a simples existência desse espaço era um indício de que o evento finalmente entrava em uma zona de seriedade, visto que a constituição de um Ente Oficial para assumir a carga total da organização, embora ainda tratada com a cautela de algo que “parece ser sua realidade”, sinalizava que o pedido por uma gestão estatal centralizada estava sendo atendido.

A confirmação definitiva daquela realidade que apenas se palpitava chegou pouco mais de um mês depois, na Edição 2962, de 13 de julho de 1976. Com o (quase rogatório) título “Que esta lei tenha vida”, o editorial celebra a promulgação da Lei Nº 21.349 pelo Poder Executivo Nacional, ato que institucionalizou a criação do *Ente Autárquico Mundial 1978* (EAM 78) sob dependência direta da presidência da nação. Além de informar, a revista valida a militarização do comando ao citar nominalmente o general de brigada Omar Actis como presidente e o capitão de navio Carlos Lacoste como vice, enxergando nessa hierarquia o “respaldo sério e decidido” do governo argentino que tanto cobrava em edições anteriores. O texto detalha com evidente otimismo os “superpoderes” administrativos concedidos ao novo órgão: autonomia

plena, classificação de “reconhecida urgência” para as obras e, crucialmente, como a garantia de um fluxo robusto de recursos, variando de 5% do PRODE (loteria esportiva) a verbas diretas do orçamento nacional e isenções fiscais. Assim sendo, a assinatura da lei não foi encarada como um trâmite burocrático formal, e sim como o marco de que o Mundial estava, enfim, “definitivamente em marcha”, blindado financeiramente e juridicamente pelo aparato estatal para operar a menos de dois anos do evento.

Apesar dos elogios e da satisfação em ver uma mudança de postura organizacional, pode-se dizer que a posição editorial da *El Gráfico* ainda não era de satisfação plena. Pegando gancho em uma partida da Copa Libertadores entre River Plate e Cruzeiro, o texto da Edição 2965, de 03/08/1976, destaca a postura da equipe brasileira no que diz respeito a questões de relações públicas no tratamento de jornalistas, por exemplo. O Brasil era constantemente colocado como exemplo positivo, cabe recordar, e isso escrevia Fontanarossa:

Eles, sem um Mundial à vista, trabalham desta maneira. Nós, que o temos, não nos preocupamos. Por isso a experiência é interessante. Não pelo que passou, mas pelo futuro, para que aproveitemos bem os dois anos que ainda nos separam do grande acontecimento. Dentro de poucos dias se inicia o recesso futebolístico em nosso meio. A maioria dos clubes tem previstas excursões, alguns chegarão a lugares muito distantes. A todos eles deve-se dar diretrizes precisas. **ALGUM ENTE DEVE ENCARREGAR-SE DE SUPERVISIONAR DESDE HOJE O QUE NOSSO FUTEBOL REALIZA NO EXTERIOR.** Serão os exportadores de nossa imagem e, além disso, os 'vendedores' do nosso Mundial. Por isso já não cabem improvisações nem descuidos. Cada delegação que sai é o **PAÍS E SEU MUNDIAL QUE SE MOSTRAM.** Atenção, que amanhã não se lamentem os que hoje pensam que isto é um exagero. (Editorial *El Gráfico*, Edição 2965 - 03/08/1976)

Ao final e ao cabo, ainda que as questões de organização do evento sempre estivessem presentes, *El Gráfico* era uma revista esportiva e o Mundial era uma competição de futebol. É por isso que na edição 2967, de 17/08/1976, o editorial foi focado em lembrar, caso alguém tivesse esquecido, que o campo e bola também necessitava de atenção e preparação séria. No primeiro, bastante longo em relação ao que se via de costume, foi criticada a venda de jogadores ao exterior (algo que não era inédito) e a atuação omissa de dirigentes, pouco empenhados com a questão de formação do selecionado que representaria o país. De modo curioso, o texto, depois de toda a apresentação e análise, propunha um exercício de suposição, onde todos os demais problemas de infraestrutura e organização estariam resolvidos, assim como a conscientização da população para fazer com que os turistas se sentissem “cômodos e seguros”, e questionava que equipe seria apresentada em campo.

Neste mesmo sentido de cobrança e preocupação pela seleção nacional, o editorial da Edição 2972, de 21/09/1976, traz, quase que no rodapé, a insatisfação pela falta de um lugar

adequado para os treinamentos dos comandados de Menotti, que buscava formas próprias de solucionar o problema. Em um tom de inquietação, e de certa forma cobrança indireta a quem correspondesse, era mencionado: “Nos perguntamos, não há uma empresa, uma entidade ou uma sociedade privada com espírito de colaboração que diga ‘venham que lhes daremos o lugar’”. Enfatizando que em muitos países do mundo essa realidade era diferente e as respectivas seleções possuíam seus próprios centros de treinamento, o texto é finalizado com um quase pedido de ajuda, indicando que “talvez a iniciativa privada possa resolver este assunto prioritário e urgente”, o que, pelo menos em teoria, era dever do Estado via algumas de suas instituições, seja a AFA (que possuía ligação direta) ou o próprio EAM.

Como já mencionado em outros momentos, a publicação, além de informar, também ditava “ordens” e temas a serem discutidos tanto em rodas de conversas informais quanto nos mais importantes gabinetes. Entre estes, a questão da comoção nacional, com “todos os argentinos de acordo”, apoiando a Copa e a seleção, era um dos principais. E como não poderia ser diferente, cada acontecimento ou atitude, seja positivo ou negativa, recebia o devido destaque em suas páginas. Tanto é assim, que na Edição 2977, de 26/10/1976, o editorial informou sobre um acordo entre a AFA e os jogadores/comissão para o pagamento de premiações atrasadas e futuras. Enfatizando que a seleção era “um bom negócio”, o texto mostrava satisfação em ver que os homens que estão representando bem a “empresa que o público argentino deu seu apoio e entregou sua esperança” sendo recompensados à altura. Era de fato um grande negócio, que fazia os corações baterem mais forte e fazia com que o país respirasse o Mundial, conforme destacado na edição seguinte (2978, de 02/11/1976), onde a tradicional *Cena dos Campeones*, organizada pela revista para juntar os destaques do esporte argentino ao final de cada ano. O assunto era um só, independente do contexto.

Caminhando para a finalização do primeiro ano do triênio do corpus, podemos afirmar que o editorial da Edição 2982, de 30/11/1976, pode ser tido como uma síntese de quase tudo que foi falado até aqui. A partir de uma partida da seleção argentina disputada no Monumental, o texto foca em analisar a organização do evento (o que é classificado como prioridade) e na imagem que está sendo vendida ao exterior (o que parece não estar sendo bem executado). Ainda que não estivesse tudo pronto, a realização do jogo foi considerada satisfatória, sendo algo que deve fazer parte das obrigações e não seria nada fora do comum, como se fosse um padrão de qualidade mínimo a ser seguido. Já sobre a imagem que se deve vender, algo que já está foi mencionado e será cada vez mais focado, é colocado que as notícias devem sair das próprias fontes do país que trabalham em prol do Mundial. Além disso, é cobrado, diretamente,

tanto da AFA quanto do EAM, que tenham mais presença em todos os eventos realizados e aproveitem as oportunidades para difundir a imagem e as informações do país.

O ano de 1976 havia terminado, e 1977 já estava em andamento. Ainda que fosse um novo tempo, as preocupações com a competição que batia na porta permaneciam – e eram somadas a outras novas. Prova disso é que logo na primeira edição (2987), de 04/01/1977, o editorial “Cuidado, estamos na boca de todo o mundo” introduz um elemento de tensão que pautaria grande parte do discurso nacionalista da época: a existência de uma campanha externa contra a Argentina e sua Copa do Mundo. Ilustrado pela reprodução impactante de um cartaz italiano que pregava o boicote ao evento (“*Perchè il Mondiale non si farà*”), o texto utiliza a iminência do “Grande Prêmio de Fórmula 1”, em Buenos Aires, como um teste de fogo para a imagem internacional, adotando a retórica de alerta máximo, visto que erros internos de organização poderiam servir de munição para os “detratores estrangeiros” que orquestravam essas campanhas.

O ponto central da argumentação, contudo, foca na coletivização absoluta do dever, com a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso deixando de ser exclusividade da AFA, do EAM ou de qualquer entidade, e quem venderia sua capacidade organizativa agora seria o país com um todo. Assim, sob a justificativa de “nos defendermos de ataques externos”, estabelece-se a narrativa de que qualquer improviso local e/ou não apoio é uma traição à defesa da pátria, exigindo de todos os setores uma postura de seriedade e rigor para provar ao mundo que o torneio aconteceria de forma exitosa.

Figura 5: editorial denunciando a “campanha anti-Argentina”



Fonte: reprodução Revista *El Gráfico* - Edição 2987, 04/01/1977.

3.2. A virada discursiva e as mudanças editoriais

A primeira metade do ano de 1977 pode ser considerada como um período de mudanças profundas para *El Gráfico*, tanto na forma quanto no conteúdo. Se anteriormente a revista atuou como uma voz externa cobrando organização e profissionalismo, a partir de maio parece passar por um processo de sintonia fina com o projeto grandioso do regime, refletido em uma visível injeção de recursos e expansão editorial. Na Edição 3004, de 03/05/1977, anuncia-se, sob o título “El Gráfico e o Mundial”, o lançamento de um fascículo mensal exclusivo, justificado pela necessidade de acumular informações históricas e atuais de maneira organizada. A produção se propõe a ser um serviço ao público, tratando a competição “a fundo, como merece”. Essa expansão ganha contornos ainda mais abundantes poucas semanas depois, na Edição 3007 (24/05/1977). Nela, o editorial “Nem mil páginas alcançariam...” celebra a decisão de oferecer mais páginas e mais cor aos leitores, rompendo barreiras de custos para cobrir eventos globais.

Dado o contexto, é inevitável questionar se essa súbita capacidade de investimento e modernização gráfica, que coincidia com a obsessão da Ditadura em transmitir uma imagem colorida e moderna da Argentina para o exterior via a recém-criada *Argentina 78 Televisora* (A78TV), seria apenas fruto de sucesso comercial ou se haveria, nos bastidores, algum tipo de incentivo para que o principal veículo esportivo do país estivesse à altura da propaganda oficial.

Curiosamente, em meio a essa modernização, o discurso do ainda diretor editorial Carlos Fontanarrosa parecia tentar, de forma quase desesperada, adequar-se aos rigores conservadores da Junta Militar, chegando a ultrapassar as fronteiras do esporte e passar a policiar a estética dos atletas. Retrocedendo brevemente à Edição 2999, de 29/03/1977 – a primeira pós completar-se um ano de Regime, cabe destacar – encontramos o já mencionado editorial “Cabelo longo e bigode, uma moda que já não é moda”. Nele, Fontanarrosa lança um ataque direto à aparência de jogadores que utilizavam cabelos compridos ou barbas, citando nominalmente ídolos como Villa e La Volpe como exemplos negativos. O texto reproduz fielmente a retórica de higienização social dos militares, associando a estética capilar à sujeira e clamando por uma presença mais formosa e delicada como dever do ídolo para com o público. Sendo assim, o argumento de que o cabelo curto traria vantagens aerodinâmicas ou de visão soa como um pretexto frágil para uma demanda puramente disciplinar. Resta a dúvida se este texto foi uma convicção pessoal do diretor, que possuía total confiança dentro da empresa e com isso uma certa liberdade criativa, ou uma tentativa final de demonstrar alinhamento total aos valores impostos pelos militares, em um momento onde a revista se tornava cada vez mais vital para o sucesso do evento e, conseqüentemente, do governo.

Figura 6: editorial *El Gráfico* “Cabelo grande e bigode ...”



Fonte: reprodução Revista *El Gráfico* - Edição 2999, 29/03/1977.

Se foi uma tentativa de adequação, como observamos e consideramos, ela parece ter sido mesmo o canto do cisne. Apenas uma semana após anunciar a expansão colorida da revista, o editorial da Edição 3008, de 31/05/1977, foi intitulado “Algo íntimo que deve ser público” e comunicou a saída de Carlos Fontanarrosa após 15 anos de direção, no que é considerado a era de ouro da revista. O texto de despedida é polido, mas carregado de entrelinhas que mencionam que a separação ocorre por questões de “linhas de seu significado” – o que seria isso, nos perguntamos – e reafirma que ele deixa um produto de opinião consolidado. A saída dessa figura que conduziu toda a narrativa de cobrança pela organização do Mundial, justamente quando a estrutura (via EAM 78) estava montada e a revista se expandia tecnicamente, levanta suspeitas. Essa nova *El Gráfico*, mais colorida, mais robusta e totalmente integrada ao aparato do Mundial, talvez exigisse uma liderança menos autoral e ainda mais alinhada para navegar os

mares políticos que estariam por vir. Fato é que saía o crítico ferrenho da desorganização, e com isso entrava a era da celebração técnica.

As cenas dos próximos capítulos não demoraram a ser exibidas, confirmando que a mudança de comando poderia significar também uma mudança de tom na relação com o poder vigente. Apenas duas semanas após a despedida de Fontanarrosa, é possível perceber, na Edição 3010, de 14 de junho de 1977, um editorial trazendo um indício forte dessa nova postura. Ao comentar inicialmente sobre a visita de equipes estrangeiras de diversas modalidades ao país, o texto, que a partir dali deixava de ser assinado por um nome em específico, dividido em três assuntos, reservou seu espaço central para fazer algo inédito até então: reproduzir um trecho do Panorama Semanal Informativo do exército argentino. O comunicado militar, entre outras coisas, pregava a necessidade de condutores com “fé na tarefa e firmeza nos procedimentos” para hierarquizar a função, um discurso de ordem que a revista publica e valida, afirmando textualmente que “coincide com este enunciado e espera que todos os vinculados ao esporte também o façam”.

Essa aproximação discursiva ganha um cenário físico meses depois, na Edição 3029, de 25/10/1977. Tendo como título “Um abraço de juventude e esporte”, a publicação cobre com entusiasmo um tradicional torneio realizado dentro das instalações do Colégio Militar da nação. O que chama a atenção é a descrição do ambiente, descrito como um espaço onde a “juventude estudiosa e desportista” se encontra para celebrar valores morais. Deste modo, a presença militar no cotidiano parecia naturalizada, apresentando o modelo como o ideal de formação para o jovem argentino e que deveria ser replicado em todo o país, enfatizando que é uma necessidade e fará bem a todos.

A partir deste novo cenário onde a ordem e a disciplina eram valores supremos, *El Gráfico* parece ter assumido para si a missão de educar a arquibancada, pregando que o sucesso do Mundial dependia tanto das obras de engenharia quanto da postura civilizada da população. Na Edição 3009 (07/06/1977), sob o título “Consciência de Mundial e consciência de serviço”, o editorial celebra o comportamento da torcida em um amistoso contra a Alemanha Ocidental no estádio La Bombonera, do Boca Juniors. Ignorando o resultado de campo, o texto exalta a “compreensão máxima da verdade esportiva” demonstrada pelo público, que aplaudiu e respeitou o rival. Para a linha editorial, essa atitude era a prova de que o país havia finalmente atingido uma “consciência de Mundial”, onde o torcedor deixava de ser apenas um fanático por resultados para se tornar um anfitrião maduro, alinhado à imagem de nação séria que se desejava exportar.

Contudo, essa defesa irrestrita da paz e compreensão não era unanimidade e gerava atritos com a parte mais exigente e *futbolera* da sociedade. Prova disso é que semanas depois, na Edição 3012, de 28/06/1977, a revista se viu obrigada a descer do pedestal pedagógico para entrar na discussão de fato e defender a continuidade do trabalho técnico. Assim, o editorial “...Vocês, que defendem a Seleção” nasce como resposta a cartas de leitores que acusavam a publicação de ser cúmplice de um “fracasso total e responsáveis por um possível vexame no próximo mundial”. Porém, longe de recuar, o texto funciona como um manifesto de fidelidade ao processo dos comandados por *El Flaco*³⁰, admitindo que a equipe atravessava sim uma má fase em sua excursão internacional, mas contra-atacando com um discurso de maturidade e equilíbrio, recusando-se a cair no “dramatismo sem sentido” que historicamente levava à demissão de treinadores e ao conseqüente caos.

Em um dos trechos mais contundentes, a direção define sua postura política-esportiva: “seguimos estando a favor, a esta altura do ciclo, porque não temos pautas totalmente claras, irreversíveis e definitivas que nos indiquem a necessidade de repensar essa posição”. De modo geral, ao declarar que “qualquer corte prematuro e violento” equivaleria a jogar fora a experiência recolhida, se distanciaram do tradicional jornalista-torcedor e se colocaram como fiadora da estabilidade do projeto, mesmo diante de opiniões contrárias – apenas para pegar esse gancho, e não passar batido, importante destacar o profissionalismo com que seus colaboradores buscavam tratar cada assunto, de acordo com eles próprios, para além de contextos e relações interpessoais/comerciais.

A revista parecia estar em todos os detalhes, se preocupando com tudo. E, de certa forma, estava. Por isso, retomando a narrativa de busca por legitimação externa que havia sido deixada um pouco de lado, a Edição 3019, de 16 de agosto de 1977, traz um elemento de peso para combater as desconfianças internacionais sobre a segurança na Argentina. Embora o editorial leve o título “Graças a Deus” – referindo-se, na primeira parte, ao alívio por não ter ocorrido uma tragédia no automobilismo –, seu trecho final revela uma articulação política de bastidores obtida pelo enviado especial Héctor Onesime no Rio de Janeiro. A página destaca uma foto de João Havelange, então presidente da FIFA, ao lado de seu neto de três anos, Ricardo Teixeira Havelange. A imagem, longe de ser apenas um registro familiar, é utilizada para anunciar que a criança seria a encarregada de retirar as bolinhas no sorteio dos grupos em

³⁰ Devido a sua marcante e elegante compostura física (ou falta dela), o técnico César Luis Menotti era chamado de “O Magro” desde a época de jogador.

janeiro. Contudo, a escolha carregava um simbolismo muito mais profundo, verbalizado pelo próprio Havelange como uma demonstração definitiva para silenciar críticas externas:

Com a designação do meu neto para fazer o sorteio do Mundial quis expressar meus sentimentos de amizade para com os argentinos. Por outra parte, se ainda existe alguém que duvida sobre a segurança e tranquilidade que oferece seu país para organizar o torneio, esta é uma definitiva demonstração de confiança. Eu levo a Buenos Aires o que mais quero na vida. Os argentinos e o mundo entenderão por que o faço. (Editorial *El Gráfico*, Edição 3019 - 16/08/1977)

Para a linha editorial de *El Gráfico* (e conseqüentemente para o Regime), esse gesto funcionava como um escudo inquebrável, visto que ao colocar sua própria família em solo argentino, a autoridade máxima do futebol validava, pessoal e institucionalmente, a narrativa de paz e ordem que se esforçavam para vender ao mundo. Essa validação pessoal serviu de alicerce para que a revista ampliasse sua retórica, revelando, contudo, uma sutil disputa de hegemonia sobre quem eram os verdadeiros artífices da imagem nacional.

Tal movimento é perceptível já na Edição 3025, de 27/09/1977, quando, ao celebrar que o “primeiro objetivo do Mundial” (a difusão externa) havia sido alcançado, a publicação não entrega os méritos apenas ao governo. Pelo contrário, faz questão de enfatizar o protagonismo de seus próprios enviados especiais e fotógrafos espalhados pela Europa, sugerindo nas entrelinhas um recado claro de que ainda que os militares detinham o poder político e as obras, a competência narrativa e a credibilidade para “vender” o país eram capitais que *El Gráfico* possuía e negociava a depender de contextos e dos seus próprios interesses. Essa postura de atuação como uma autoridade moral acima das partes, e não como subordinada total, reaparece na Edição 3030 (01/11/1977). Ao cobrar a resolução de conflitos burocráticos sobre o autódromo municipal de Buenos Aires, a revista adota um tom professoral, que não era para nada inédito, lembrando às autoridades que o ano seguinte seria “muito especial” e que a missão de “inserir a Argentina no mundo” exigia que as responsabilidades fossem compartilhadas, sem espaço para disputas menores que manchassem o projeto coletivo.

O clima de expectativa, cuidadosamente construído através dessa simbiose tensa entre imprensa e Estado, atinge seu ápice retórico no fechamento do ano. Na Edição 3035 (08/12/1977), sob a manchete “Já o estamos vivendo, é um Mundial excepcional”, a revista declara aberta a temporada de euforia antes mesmo da bola rolar. Ilustrado por uma foto que reúne a tríade de poder do evento – Havelange (FIFA), Lacoste (EAM 78) e Cantilo (AFA) – dentro de um carro, o editorial transforma uma visita de inspeção técnica em uma celebração sensorial, afirmando que a experiência vivida naquela semana fazia parecer que o torneio já

estava em pleno apogeu. Aquela imagem, pelo menos para o editorial, indicava que o “verdadeiro pontapé inicial já havia sido dado” e, crucialmente, que a “qualidade técnica do Mundial estava assegurada”, dando indícios de consolidação da narrativa de que a Argentina, sob a tutela militar e a chancela comunicacional/midiática, já estava instalada no centro das atenções globais.

Figura 7: editorial *El Gráfico* “(...) é um Mundial excepcional”



Fonte: reprodução Revista *El Gráfico* - Edição 3035, 08/12/1977.

A prova de que essa qualidade técnica e a narrativa de eficiência haviam de fato seduzido os olhares externos aparece na Edição 3037, de 22 de dezembro de 1977. Nela, o editorial utiliza o convite da confederação internacional de basquete para que a Argentina sediase a Copa William Jones como um troféu político, celebrando a inversão da lógica de dependência: “Não foi um pedido, foi um oferecimento, um “sinal inequívoco de que nos levam em conta”. Contudo, tão ou mais eloquente que o texto é a imagem escolhida para ilustrar essa conquista. A fotografia não mostra apenas dirigentes esportivos, e traz destaque nominal na legenda para o general de brigada Arturo Barbieri e para o onipresente vice-presidente do EAM

78, capitão de navio Carlos Alberto Lacoste. Essa composição visual funciona como uma mensagem subliminar, já que, ainda que a revista não estampasse um manifesto explícito de adesão ao Regime e em alguns períodos “ficasse no muro”, a cada vez maior e mais naturalizada presença hierárquica dos militares nessas mesas de decisão (e por consequência também nas páginas) cimentava a ideia de que os ideais do militarismo e o sucesso do esporte argentino eram, pelo menos naquele momento, uma coisa só.

Com a reta final de 1977 servindo para consolidar o sentimento de que a longa espera estava no fim e de que os objetivos – tanto da revista, quanto do governo e do povo – haviam se fundido em um só, o editorial da última edição do ano (nº 3038, de 29/12/1977), ilustrado por uma foto de três jogadores da seleção, é um brinde à “saúde do Mundial 78”. O texto reflete essa ansiedade coletiva, sugerindo que o desejo da publicação de ver o torneio começar era o mesmo de “todos os argentinos”, uma ideia que já vinha sendo difundida e cada vez mais era explorada.

A fusão de propósitos ganha ares de convocação patriótica logo na primeira edição do ano da Copa do Mundo. Sob o título totalizante “Todos somos Argentina”, a Edição 3040, de 10/01/1978), decreta o fim do tempo de espera e o início do tempo de ação, onde a eficiência dos responsáveis deveria ser acompanhada pela responsabilidade de cada cidadão, desde o mais envolvido diretamente até o mais comum. Essa postura de maturidade nacional geral seria rapidamente testada durante o sorteio dos grupos, na semana seguinte. Ao analisar o fato de a Argentina ter caído na chamada “zona mais difícil”, a linha editorial da Edição 3041, de 17/01/1978, transforma a dificuldade esportiva em um triunfo moral. Longe de reclamar do azar, a revista celebra o resultado como a prova do jogo limpo e da lisura da organização, argumentando que enfrentar rivais poderosos logo de cara servia para calar os críticos internacionais que esperavam algum tipo de manipulação caseira.

No entanto, para que esse clima de seriedade se mantivesse até junho, precisava mais do que obras prontas, era preciso de um público emocionalmente estável. Assim, a revista assume um tom abertamente pedagógico nas edições seguintes, a exemplo do que já havia ocorrido anteriormente, tentando combater o histórico pêndulo emocional do *hinchas argentino*, que oscilava entre a euforia desmedida e a depressão absoluta. Na Edição 3044, de 07/02/1978, o editorial usa o contraste entre o sucesso individual de Guillermo Vilas e as dúvidas sobre a Seleção para criticar essa “esquizofrenia nacional”. O texto pede “equilíbrio conceitual”, incentivando o público a abandonar a postura maniqueísta de se sentirem “os melhores do mundo nas vitórias e um desastre nas derrotas”.

Pode-se dizer que essa tentativa de moldar uma mentalidade vencedora e equilibrada não se restringia ao futebol. Exemplo prático disso foi a busca da revista de inserir o Mundial dentro de um contexto maior de sucesso nacional, batizando 1978 como “O ano do esporte argentino” no título do editorial da Edição 3046, de 21/02/1978. Ao listar conquistas no hóquei e no basquete, a publicação reforçava a narrativa de que o país vivia um momento singular de “capacidade de PODER FAZER” – assim mesmo em caixa alta, um recurso bastante utilizado, como já destacado –, criando uma atmosfera de otimismo generalizado. E, aparentemente, essa pregação surtia efeito. Exatamente um mês depois, na Edição 3050, celebravam o comportamento da torcida em um amistoso, destacando, com ares de missão cumprida vendo nas arquibancadas o reflexo daquela maturidade tão pedida.

Mesmo sendo uma revista de esportes, claro está, *El Gráfico* não se limitava a apenas assuntos de sua atuação e vez ou outra “dava pitacos” em outros acontecimentos. Um desses chamativos exemplos se dá na Edição 3051, de 28/03/1978, onde o editorial intitulado “Nos Estados Unidos buscam os melhores” deixa claro logo de início que não se trata das produções-irmãs *Gente* ou *Somos* e traz uma espécie de perfil quase biográfico (e em tom homenagem) de um ex-secretário de Estado americano, discorrendo acerca da postulação do mesmo para tratar de levar o futebol do país ao máximo nível dentro dos próximos anos. Para contextualizar, a figura em questão é o Doutor Henry Kissinger, Nobel da Paz em 1973 (pela atuação no cessar-fogo no Vietnã), diplomata renomado e figura controversa, sendo apontado como um dos grandes apoiadores/incentivadores dos golpes militares em toda a América Latina à época em que servia aos EUA – essa última parte de sua biografia não é mencionada, cabe demarcar. Mas por quê desse texto (em uma revista de esportes, sobretudo)? Por que essa figura (e justo este país), justo nesse contexto e momento, era exemplo? Entre outras calorosas e curiosas palavras, isso diziam:

Este homem, um apaixonado pelo futebol, quer fazer por este esporte nos Estados Unidos. Sua primeira atitude foi gerir a contratação de Pelé como símbolo inicial de uma corrente universalista em direção ao popular. Agora poderia converter-se em uma figura de condução institucional. (...) O que queremos dizer é isto: ESTADOS UNIDOS CRESCE E SE PROJETA FUTEBOLISTICAMENTE BUSCANDO UMA FIGURA DO MAIS ALTO NÍVEL. Um estadista, algo mais que um diplomático, algo mais que um político, algo mais que ministro. Em poucos anos mais os Estados Unidos terão logrado 90 por cento do que se proponham. Terão um futebol organizado, massivo e poderoso. Para isto aplicarão a mesma fórmula que aplicaram para constituir e consolidar o país: GOVERNAR COM OS MELHORES e sustentar tal governo com apoio e trabalho ainda na oposição. (Editorial *El Gráfico*, Edição 3051 - 28/03/1978)

Pensando cuidadosamente cada passo e seguindo como se fosse uma receita de bolo, a atuação da *El Gráfico* frente ao Mundial, pelo menos na visão de quem de fato poderia interessar, parecia caminhar bem. Com a concretização da ideia de que o sucesso do evento dependia apenas de seriedade e bons comandantes, as desconfianças já não se faziam presentes. Ao longo desses últimos meses, a revista deixou de ser aquela que apontava os buracos no chão para ser a que pedia bom comportamento na arquibancada, costurando um acordo silencioso onde o futebol e a ordem militar caminhavam de mãos dadas, mesmo que indiretamente. A casa estava arrumada, as obras praticamente entregues e a hierarquia definida, sem espaço para as críticas e tentativas de boicote internacional. Agora, não havia mais tempo para ajustes, teorias ou palpites diplomáticos. A bola estava prestes a rolar, e a promessa de organização precisava virar realidade também dentro de campo, dando início ao que se venderia ao mundo como a “inesquecível festa de e para todos”.

3.3. O êxtase da “Fiesta de Todos”

Com a infraestrutura garantida e a autoridade política consolidada, o mês de maio de 1978 inaugurou uma nova etapa na narrativa. Se a preparação do torneio havia seguido, como sugerido em tom de brincadeira, uma rigorosa receita de bolo, este era o momento de aplicar a cobertura, o acabamento final capaz de encher os olhos dos convidados e camuflar qualquer imperfeição que ainda restasse na massa. Desta forma, se a invocação de figuras geopolíticas como Havelange e Kissinger serviu para validar a competência técnica nas páginas anteriores, a revista percebeu que, às vésperas do pontapé inicial, era necessário também blindar moralmente o torneio, transformando a Copa em algo que transcendesse a política e o esporte para se tornar quase sagrado.

Essa transição para o transcendental é marcada solenemente na Edição 3058, de 16 de maio de 1978. Sob o título “A Igreja e o Mundial”, a publicação deixa de lado sua roupagem jornalística informativa para assumir um tom pastoral espiritual, reproduzindo um documento episcopal. Assim, o evento deixa de ser apenas um campeonato sujeito a críticas terrenas para se converter em um “encontro de fraternidade”, onde receber o visitante estrangeiro tornava-se o equivalente teológico a servir a um “Cristo itinerante”. Com isso, decretava-se o início da tão esperada festa de todos, que na visão religiosa (e agora também esportiva/social), é considerada como um espaço de comunhão obrigatória onde qualquer dissonância seria vista não apenas como erro cívico, sendo um pecado contra a hospitalidade nacional. Seguindo o exemplo da

revista, reproduzimos o texto completo – pela primeira vez até aqui, o que também diz muito sobre sua relevância para o trabalho:

A Igreja e o Mundial

Lemos isto nos diários da última quinta-feira e O FIZEMOS NOSSO (melhor dito: cremos QUE É O QUE DEVE SER o pensamento de todos). O documento, dado a conhecer pela Agência Informativa Católica (A.I.C.A.), fixa a posição da Equipe episcopal para a Pastoral de Migrações e Turismo com motivo do Mundial 78. É extenso e abarca profundamente todo o sentido esportivo do acontecimento. Em sua primeira parte confirma a conveniência espiritual para a Argentina de ser sede do acontecimento com este parágrafo: 'O Mundial 78 adquire, neste contexto, uma significação especial, por ser o futebol um esporte tão popular e universal. Por isto, ainda que se suscitem algumas polêmicas em torno a ele, a Igreja, perita em humanidade, se faz presente por meio de nossas palavras.' Logo se sucedem conceitos claros relativos à moral, a conduta e a atitude esportiva dos protagonistas dentro e fora do campo, como assim também a todos aqueles que, de uma ou outra maneira, farão o país frente aos estrangeiros que nos visitam. Um conceito final que vale a pena reproduzir: 'O Mundial 78 é um encontro de povos. Porque o futebol é o mais popular dos esportes, as equipes se constituem em algo assim como embaixadores das nações. Eles e os entusiastas que os acompanham serão uma presença de seus povos em nossa pátria. O tratamento que tenhamos com eles repercutirá em seus países'. O documento finaliza com uma exortação QUE REPRODUZIMOS TEXTUALMENTE (porque este testemunho não resiste amputações, nem interpretações, deve dar-se a conhecer tal como se escreveu) E DIZ: 'O Mundial há de prestar seu serviço ao entendimento e amizade entre as nações. Todo encontro humano deve ser um acontecimento de fraternidade. Todo homem é nosso irmão, o Mundial 78 deve ser uma festa de amizade e de paz. Por outra parte, a Argentina tem sido terra generosa de imigração. Tem sabido receber ao imigrante e este a tem sentido e amado como segunda pátria. Temos, pois, convicções, experiência e história de universalidade. Devemos ser fiéis a elas nesta nova oportunidade. Esta ocasião deve despertar mais ainda em nós a consciência receptiva do turismo. É momento de mostrar a hospitalidade e a decência, a amizade e a dignidade nacional. Ver em quem nos visita um Cristo Itinerante ao qual servir, esperando que ele seja um mensageiro de paz em quem confiar. Que a oração acompanhe tudo, para que Deus seja a fonte do bem e do gozo que desejamos. Orar pelo triunfo e agradecê-lo. Orar na derrota, se acontecer, para nos sustentarmos com altura. Enfim, orar pela nobreza e dignidade dos encontros. Acompanhados por Deus, nos sentimos 'atletas da vida'. O mundo inteiro está buscando seu triunfo como humanidade. Que o Mundial seja um símbolo dessa busca, carregado já em certa medida de uma humanidade melhor. Que as imagens e comunicações pelas quais o mundo se unirá desde a Argentina, levem a verdade de homens que creem no homem, vivem sua dignidade de filhos de Deus e buscam seu destino de fraternidade e de paz'. (Editorial El Gráfico, Edição 3058 - 16/05/1978)

Depois de meses focada em moldar o espírito nacional e garantir a blindagem política, *El Gráfico* voltou seus olhos, quase na véspera da inauguração, para o concreto. O retorno à pauta das obras, assunto que havia quase que desaparecido das páginas ao longo de 1977 – pelo menos dentro do segmento que consideramos – não acontece por acaso e se mostra como um

ato final de vistoria. Na Edição 3057 (09/05/1978), o segundo tema do editorial destaca os estádios do Mundial, com tom triunfalista, sentenciando que “já ninguém duvida da capacidade argentina”, utilizando novamente a validação externa como prova, onde o jornalista alemão Hans Schroeder teria afirmado que “o estádio de Mendoza supera o de Munique”. Para a publicação, os exames finais das sedes comprovavam uma “sólida realização nos trabalhos”, reforçando a narrativa de que a infraestrutura estava impecável.

No entanto, essa busca obsessiva pela perfeição permitiu que a revista demonstrasse, semanas depois, que sua aliança com o projeto mundialista desde antes do início não significava cegueira administrativa. Na Edição 3059, de 23 de maio de 1978, o editorial “O centro de imprensa e Ezeiza” expõe um contraste revelador. Enquanto o centro de imprensa é aclamado como “formidável” e prova de que “fizeram o que se imaginou”, o aeroporto internacional de Ezeiza recebe críticas duras. A revista aponta um “aspecto sujo” e incompleto na principal porta de entrada do país, alertando que a primeira impressão dos visitantes poderia ser comprometida por obras inacabadas e burocracia nos pedágios.

Ao sugerir que seria melhor parar as construções para apenas limpar o local do que exibir um canteiro de obras, deixava-se claro que sua atuação não era como a de uma simples assessoria de imprensa do Regime. Mais do que qualquer coisa, sua lealdade e compromisso era com o sucesso do evento. Ainda que cambiante, a postura passada, sobretudo nesses momentos de divergência de discurso, era a de que se algo ameaçasse a imagem de eficiência que o Mundial deveria projetar, fosse uma obra atrasada ou uma falha logística, a revista não hesitaria em cobrar, reafirmando sua posição de autoridade autônoma dentro daquele objetivo comum. A disputa de hegemonias entre a publicação e o Governo era clara, assim como cada movimento hegemônico de todos os lados envolvidos.

“Chegou a hora”. Isso anunciava a capa da Edição 3060, de 30 de maio de 1978, a primeira dentro do Mundial em si, com a imagem do capitão – e sabido apreciador do militarismo³¹ – Daniel Passarella e 200 mil exemplares de tiragem, como anunciado. No editorial, escrito em tópicos, abaixo de uma imagem com diversas bandeiras de países em tom de *bienvenida*, os desejos e recados (que falar por si só e nem sequer precisariam de nenhum tipo de análise):

- QUE ESTE MUNDIAL PERMITA A EXALTAÇÃO DOS AUTÊNTICOS VALORES DO ESPORTE.

³¹ Apelidado “*El Kaiser*” (algo como “O Imperador”), o capitão da conquista em 78’ e parte do elenco de 86’, sendo o único jogador argentino presente em dois títulos até hoje, é tido como uma figura controversa no meio do futebol e é considerado um dos principais atletas apoiadores do regime à época. Na Copa de 1998, já como técnico, impôs corte de cabelo aos seus jogadores, exemplificando o apreço pelos costumes militares, o que terminou gerando, segundo reza a lenda, a ausência de nomes importantes, como Fernando Redondo.

- QUE EM CADA ESTÁDIO, EM CADA CIDADE E EM CADA RUA SE VIVA UM CLIMA DE VERDADEIRA FESTA.
- QUE CONSAGRE A BELEZA E A PLASTICIDADE QUE CONVERTERAM O FUTEBOL EM UM DOS ESPETÁCULOS MAIS LINDOS E EMOCIONANTES.
- QUE HAJA UM SÓ PERDEDOR: A VIOLÊNCIA.
- QUE HAJA UM SÓ TRIUNFADOR: A PAZ.
- QUE CADA JOGADOR SAIBA QUE MILHÕES DE CRIANÇAS ESTÃO VENDENDO NELES UM MODELO A SEGUIR.
- QUE PARA ALÉM DO SUPER PROFISSIONALISMO IMPERE A LEALDADE E O JOGO LIMPO.
- QUE A HABILIDADE E O TALENTO CONTINUEM SENDO OS FUNDAMENTOS DO ÊXITO.
- QUE SIRVA PARA UMA MAIOR APROXIMAÇÃO E UMA MAIOR COMPREENSÃO ENTRE OS POVOS.
- QUE A VERDADEIRA REALIDADE ARGENTINA, TÃO MAL INTENCIONADAMENTE DISTORCIDA EM ALGUNS PAÍSES, SEJA BEM CONHECIDA E COMPREENDIDA.

(Editorial El Gráfico, Edição 3060, 30/05/1978)

Trazendo a aparência de um decálogo de valores olímpicos e universais, essa lista expõe, talvez até mais do que pretendia, as contradições fundamentais, que passaram imperceptíveis até certo ponto, daquele momento histórico. Ao clamar poeticamente para que haja a violência como único perdedor e a paz como único triunfador, a retórica soa dissonante, e de certa forma até cínica, quando confrontada com a realidade repressiva que sustentava a organização do evento nos bastidores. Porém, pode-se dizer que a suposta neutralidade, ou a postura de quem caminha “em cima do muro” apenas para observar o jogo e assomar interesses próprios, se desfaz completamente nos votos finais. Ao desejar que o Mundial sirva para combater o que classifica como visões “mal-intencionadamente distorcidas”, a publicação abandona definitivamente a isenção esportiva. Ali, fica claro de que lado da trincheira estavam. A “defesa da paz” não era um apelo pelo fim da coerção, e sim uma peça de contrapropaganda perfeitamente alinhada ao discurso oficial da ditadura, que buscava usar o futebol como a ferramenta final para desmentir esse mundo externo e o inimigo comum.

Mesmo que não seja o enfoque principal deste trabalho, que se propõe a focar somente nos editoriais, algumas questões saltam aos olhos e podem ajudar a complementar as análises. Ao revisitar essa mesma edição inicial do Mundial, uma de suas páginas, coincidentemente a última, chamou a atenção. Com o título “Exclusivo para 22 argentinos”, a revista estampa o tenente general Videla recebendo o elenco argentino na Casa Rosada antes da estreia.

Para além do próprio registro do encontro, que por si só já pode ter diversas interpretações, e do texto em si, que é uma espécie de mensagem de apoio e motivação aos “detentores da esperança de todo um país”, a força conceitual da matéria reside justamente na

tensão semiótica entre o dito e o não dito. Enquanto é adotado um tom libertador nas palavras, afirmando que os jogadores não precisavam carregar a obrigação de serem campeões, a imagem sela visualmente a união indissociável entre a seleção e o Regime a partir dali. A presença do ditador apertando as mãos dos atletas transforma aquele momento supostamente descontraído e de caráter formal em um ato de vigilância simbólica, sinalizando o que viria a ser uma das tônicas do torneio, com a onipresença cada vez maior da figura de Videla, que, desde então, faria dos estádios a extensão do seu governo.

Figura 8: matéria (carta) “Exclusivo para 22 argentinos”



Fonte: reprodução Revista *El Gráfico* - Edição 3060, 30/05/1978.

Com a inauguração consumada e a bola finalmente rolando, qualquer vestígio de distanciamento crítico ou frieza analítica evaporou-se instantaneamente. Na Edição 3061, de 6 de junho de 1978, a revista se rende por completo à vertigem do evento, e o editorial “Obrigado ao futebol” funciona como um grito de desabafo e reivindicação. O texto, assumidamente escrito com “lágrimas nos olhos”, se endereça explicitamente “aos de fora e aos de dentro”, decretando que o sucesso organizacional era a derrota definitiva dos céticos e dos críticos.

Naquele momento de dupla euforia (esportiva e editorial) e legitimação, onde a publicação celebrava uma tiragem recorde de 330 mil exemplares (mais de 100 mil a mais em relação à anterior), a distinção entre a pátria, o futebol e a gestão do evento se dissolvia completamente. Para a linha editorial, a realidade palpável do estádio havia esmagado as “distorções” do mundo, sinalizando que, ao menos naquela partida extracampo pela imagem nacional, o projeto oficial goleava. E isso falava o texto:

PARA OS DE FORA E OS DE DENTRO

Obrigado ao futebol

Já estamos metidos na vertigem que produz uma Copa do Mundo. E é o momento de pararmos, de colocar a bola no chão à maneira dos bons jogadores, e de refletir. Porém sem frieza. Queremos pensar com a mente e também com o coração. Porque o impacto emocional que nos provoca isto que passa hoje na Argentina é demasiado forte e demasiado importante como para pretender que não o vivamos apaixonadamente. Nossos correspondentes no Interior e no Exterior não tiveram receios em confessar que viram a festa inaugural com os olhos cheios de lágrimas. Eles, como nós, estavam vivendo um sonho. O que seis meses, um ano atrás, parecia impossível de concretizar: ver um Mundial na Argentina. E vê-lo assim, com esse marco grandioso e esse conteúdo correto, dignamente elaborado e apresentado. Sabemos que há erros. Sempre os há. Mas globalmente considerado, desde o mesmo instante em que os escolares formaram sobre o campo do River a palavra ARGENTINA, este campeonato é um êxito. Ainda sentimos a emoção do primeiro dia da Copa nestes dedos que tremem ao golpear as teclas da máquina de escrever. Ainda nos sacode a vibração da primeira partida que jogou a Argentina. Ainda sentimos o afago e o orgulho de saber em que forma responderam a torcida e o país todo a esta convocatória que nos fez o mais popular dos esportes. Gente que nunca se havia interessado pelo rolar de uma bola sobre um campo de jogo, se aproximou do futebol e o está vivendo ombro a ombro, com as mesmas vontades, junto aos que sempre estiveram firmes nas tribunas dos estádios. Nos segue emocionando recordar como o país todo recebeu os visitantes e o entusiasmo medido, a euforia educada, com que o público ajudou nas tribunas e nas plateias. Para os de fora, para todo esse jornalismo insidioso e mal-intencionado que durante meses tentou uma campanha de mentiras acerca da Argentina, este certame está revelando ao mundo a realidade de nosso país e sua capacidade de fazer, com responsabilidade e bem, coisas importantes. Para os de dentro, para os descrentes que tínhamos em nossa própria casa, estamos seguros de que o Mundial serviu para sacudi-los, emocioná-los e orgulhá-los. Um país como o nosso, tão golpeado e tão caído depois das duras experiências passadas, se está demonstrando a si mesmo suas enormes possibilidades de realização. E isto não tem nada que ver com os resultados futebolísticos. ARGENTINA JÁ GANHOU SEU MUNDIAL.

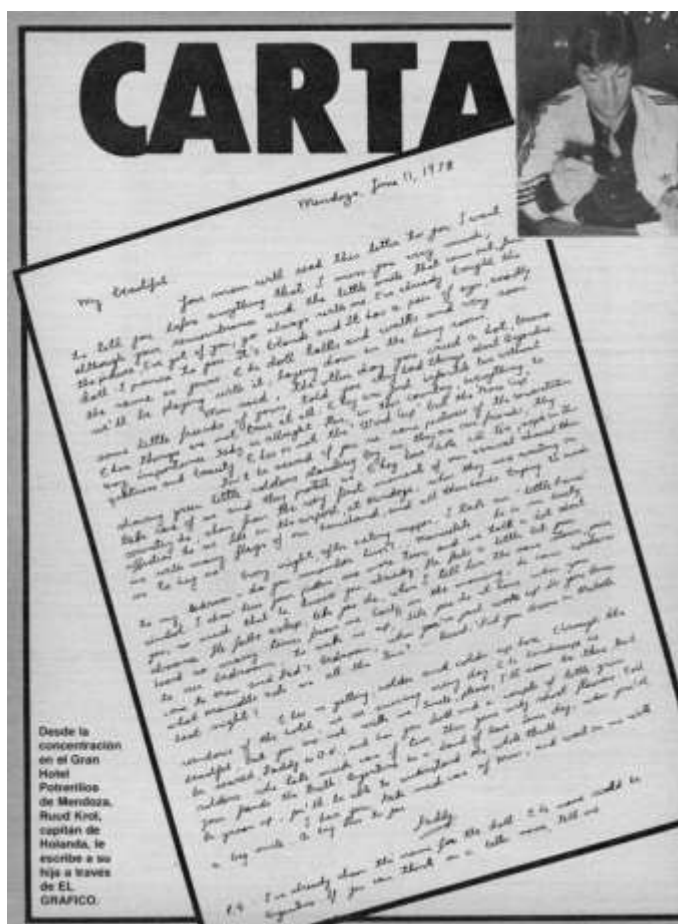
(Editorial El Gráfico, Edição 3061, 06/06/1978)

Se dentro das quatro linhas o revés contra a Itália por 1x0, na terceira partida da primeira fase, poderia começar a arranhar minimamente o clima de euforia, a Edição 3062, de 13 de junho de 1978, tratou rapidamente de blindar o emocional do torcedor argentino. Com o título “Agora mais que nunca: Pra cima Argentina!”, o editorial recusa o luto pela derrota e buscou

manter intacta a narrativa de esperança, reafirmando que a confiança na equipe e no processo deveria permanecer inabalável.

Contudo, a verdadeira operação de blindagem desta edição, ainda que novamente fuja da nossa área de enfoque, não estava no editorial e nem na análise tática, e sim em uma peça de ficção travestida de jornalismo, tendo um papel fundamental para a análise de todo o contexto. Falamos da suposta carta do capitão holandês Ruud Krol para sua filha Mabelle, publicada pela revista, na qual o jogador tranquilizava a menina sobre a segurança no país em que estava. O texto, carregado de um lirismo suspeito, descrevia a Argentina, entre outras qualidades mais, como uma “terra de amor” e chegava ao paroxismo extremo de afirmar que os soldados que vigiavam a concentração da Holanda tinham “fuzis que disparam flores”.

Figura 9: suposta carta de Ruud Krol para sua filha Mabelle



Fonte: reprodução Revista *El Gráfico* - Edição 3062, 13/06/1978.

Como é de se imaginar, ao ler esse conjunto de termos para se referir a um contexto de violência e repressão extrema, tratava-se de uma farsa completa. O texto jamais foi escrito pelo jogador, e sim pelo correspondente da *El Gráfico* em Mendoza, Enrique Romero, descrito por

colegas como alguém que “faria qualquer coisa para ser transferido para a redação principal em Buenos Aires”³². Anos mais tarde, o então chefe de redação, Ernesto Cherquis Bialo, admitiria o erro, classificando a publicação como “um ato imprudente que gerou uma confusão desnecessária”. Krol, que desmentiu o texto em coletiva de imprensa e desencadeou uma ameaça de abandono da delegação holandesa, apontaria décadas depois a falha lógica elementar da montagem, visto que jamais escreveria em inglês para sua filha, “simplesmente porque ela é holandesa”. Ainda assim, reza a lenda que Romero sustentou até a morte a versão de que havia lido o texto para o jogador, que supostamente teria concordado, o que evidencia que, para *El Gráfico* daquele momento, ainda que não em sua totalidade, a verdade era uma variável descartável diante da missão central de fabricar uma “Copa da Paz”.

Enquanto a carta fabricada tentava convencer o mundo pela mentira, a semana seguinte trouxe a validação pela autoridade máxima, em um encontro que materializava a aliança de forças por trás do Mundial. Na Edição 3063, de 20 de junho de 1978, o editorial presta uma “sincera homenagem” a João Havelange, ilustrando o texto com a imagem de um jantar solene dentro das instalações do *Editorial Atlántida*. A foto não é apenas um registro social, e funciona como um retrato dos poderosos do contexto em questão. À mesa, ladeando o presidente da FIFA, estavam Constancio C. Vigil (diretor executivo da revista), o Doutor Alfredo Cantilo (presidente da AFA) e, completando o quadro, o capitão Carlos Alberto Lacoste (homem forte do EAM 78 e representante direto da Junta Militar). Entre outras palavras, o mandatário do futebol destacava que: “pelo que acontece no terreno esportivo vocês já ganharam este Mundial. Se eu nunca tive dúvidas, é porque os observei de fora e sei do que são capazes os argentinos”.

Os jogos seguiam sendo disputados, o trabalho seguia sendo realizado. Se Havelange e Lacoste, entre outros, garantiam o apoio nos gabinetes, era preciso mostrar quem mandava na emoção dos estádios. Na mesma edição, a cobertura da vitória sobre a Polônia por 2x0, mais precisamente na página 47, traz uma imagem que rompe qualquer barreira de privacidade ou neutralidade restante. Com o título “O Presidente Videla no vestiário argentino”, a breve matéria traz duas fotografias que capturam o ditador cumprimentando o jogador Ricardo Bertoni e também ao lado do técnico César Luis Menotti.

O texto descreve a visita como uma “presença para muitos inesperada”, narrando com indisfarçável orgulho os “rostos eufóricos” e o fato de Videla ter sido “elogiosamente recebido pelos atletas”, comportando-se ali dentro “como um torcedor a mais da equipe”. Para além de

³² Essa e as demais informações/curiosidades de referência deste episódio em específico foram retiradas de um texto produzido pelo coletivo Papelitos. Ver em: <https://papelitos.com.ar/nota/la-carta-falsa-de-krol>

ser a “seleção de todos”, que esperançava e fazia vibrar, podemos afirmar que esta passou a ser, pelo menos naqueles instantes, sejam coniventes ou não, a seleção do Regime.

Figura 10: matéria destaca encontro de Videla com jogadores no vestiário



Fonte: reprodução Revista *El Gráfico* - Edição 3063, 20/06/1978.

A hora mais gloriosa do futebol argentino havia chegado, tal qual anunciava a capa da histórica edição 3064, de 27 de junho de 1978, dois dias após a concretização no campo. Para alcançar o topo do mundo, a seleção de Menotti precisou sobreviver a uma segunda fase de alta tensão, travada no duelo tático contra o Brasil e destravada na polêmica goleada de 6 a 0 sobre o Peru, amplamente conhecida e discutida por entusiastas da bola (e também da academia, dado o rico contexto sócio-histórico)³³. O ato final ocorreu em um Monumental de Núñez abarrotado com mais de 70 mil pessoas – e há poucos metros de distância de um dos principais centros de tortura³⁴ –, onde a vitória dramática na prorrogação contra a poderosa Holanda, por 3x1, selou o destino que parecia traçado.

³³ A partida é cercada por suspeitas históricas de arranjo político. O episódio mais notório foi a visita do ditador Jorge Rafael Videla, acompanhado do ex-secretário de Estado dos EUA Henry Kissinger, ao vestiário da seleção peruana minutos antes do jogo, o que foi interpretado como um ato de intimidação. A Argentina precisava vencer por pelo menos quatro gols de diferença, para avançar de fase e tirar a vaga do Brasil.

³⁴ “Os sequestrados do Centro Clandestino da ESMA escutavam a celebração argentina entre tormentos, grilhões e capuzes. Essa convivência forçada com a euforia externa foi uma das singularidades deste campo de concentração, onde os relatos de sobreviventes apontam que os ecos do Mundial invadiam o cativo, criando uma atmosfera onde o horror da tortura se misturava aos gritos de gol da multidão vizinha” (Museo Sitio de Memoria ESMA - *El Mundial en la ESMA: testimonios, objetos y vivencias*). Disponível em: <http://www.museositiesma.gob.ar/el-mundial-en-la-esma-testimonios-objetos-y-vivencias/>.

O clima de êxtase transborda no editorial “Felizes pelo que fizemos e pelo que faremos”, onde a revista tenta traduzir a euforia do momento. O texto admite logo de início que, quando os fatos superam as palavras, resta apenas o sentimento. Por isso, a publicação se declara “tão feliz como todos os argentinos”, sugerindo uma fusão espiritual entre a redação e a arquibancada, onde o coração de torcedor inevitavelmente falou mais alto. Mas para além de sentimentos, o editorial funciona como um relatório de eficiência corporativa, visto que a publicação celebrou o próprio desempenho, autoproclamando que “cumpriu seu papel” dentro do esforço nacional exigido pelo evento. Com indisfarçável orgulho, a direção elenca os superlativos de sua operação, onde mais de 100 homens mobilizados, 232.756 fotografias reveladas para seleção, três edições extras³⁵ e uma tiragem recorde de 500.000 exemplares para aquela edição histórica. A mensagem era clara, evidenciando que toda a organização futebolística e estrutural venceu, assim como a imprensa. E, aproveitando o momento, não perderam tempo e já anunciaram os próximos produtos comerciais da casa (uma edição extra de fotos e o livro assinado pelo próprio técnico campeão), consolidando o que eles mesmos chamaram ali de “A era Menotti ou Operativo Mundial 78”.

Essa validação de sucesso e prestígio institucional materializou-se também nos bastidores, como não poderia ser diferente, com a sede da empresa servindo de palco para a diplomacia e recebendo Henry Kissinger (aquele) para um almoço antes da final para a qual foi convidado de honra. Posando ao lado dos diretores da *Atlántida*, a presença do ex-secretário de Estado estadunidense, que constantemente destacava que a Argentina tinha “um grande futuro em todos os sentidos”, reforçava a posição da revista como um epicentro de poder onde o futebol e a alta política se encontravam.

Contudo, o reconhecimento mais politicamente carregado aparece na seção “A quem há que agradecer”, da página 44. Embora o texto distribua louvores a João Havelange, ao elenco e ao povo argentino, o destaque institucional recai inequivocamente sobre o contra-almirante Carlos Alberto Lacoste. A revista o credita explicitamente como o homem que “tomou a seu cargo a organização nos momentos mais difíceis”, elogiando sua “vontade férrea” para tirar o Mundial do papel, por meio do EAM 78, quando muitos duvidavam. E, para coroar a simbiose entre o triunfo no gramado e o poder nas tribunas, a edição traz o registro definitivo nas páginas finais, onde o ditador Videla é destacado em primeiro plano, gritando o terceiro gol argentino

³⁵ Essas edições em questão foram lançadas para complementar a cobertura dos jogos, essencialmente. Ainda que não tenham sido consideradas para a análise final, também foram lidas. São elas: Extra 1, de 08/06/1978; Extra 2, de 15/06/1978 e Extra 3, de 23/06/1978.

de “boca cheia”. Naquela imagem, a fusão estava completa, com a vitória da seleção sendo, visual e narrativamente, uma vitória do Regime.



Figura 11: reportagem especial “A quem há que agradecer”

Fonte: reprodução Revista *El Gráfico* - Edição 3064, 27/06/1978.

Desta maneira, o apito final para o Mundial sonhado e a consequente chuva de papéis serviram para muito mais do que encerrar um torneio. Juntos, eles concretizaram, nas páginas da revista, a fusão definitiva entre a paixão nacional e o poder vigente. Se a fase de preparação foi marcada por cobranças técnicas, o período do Mundial em si trouxe a figura de Videla para o centro da narrativa visual, permitindo que o ditador transitasse da frieza dos gabinetes para o calor íntimo dos vestiários e a euforia desmedida das tribunas. Nesse mês de êxtase, *El Gráfico* viveu seu momento de maior exposição ideológica. Ao celebrar a eficiência dos militares, fabricar “cartas de amor” para contrapor denúncias externas e validar a presença dos mesmos como parte da torcida, entre outros pontos, a publicação, intencionalmente ou arrastada pela maré do ufanismo, terminou por contribuir indiretamente com o governo em questão. Ali, a isenção jornalística foi, enfim, derrotada por goleada, transformando a vitória esportiva de

Menotti na prova definitiva de que, naquelas páginas, a ditadura e a pátria torciam, sofriam e ganhavam como um só corpo. Foram todos Argentina, de fato, para o bem e para o mal.

3.4. Do êxtase da conquista às cobranças pelo legado

Como em toda grande celebração, chega o momento inevitável em que a música cessa, as luzes se apagam e os convidados retornam às suas casas, deixando os anfitriões a sós com a própria realidade. Passado esse êxtase, o segundo semestre do “ano mágico” impôs à *El Gráfico*, e ao país, o desafio de lidar com a ressaca da vitória. Se até junho a missão era garantir que o evento acontecesse da melhor forma possível e blindá-lo contra críticas, o período pós-título exigia uma nova postura editorial. Era hora de verificar se o “Mundial da Paz” deixaria o legado de eficiência e modernidade prometido pelo Regime ou se os velhos vícios da gestão esportiva, anestesiados pela euforia do mês anterior, voltariam a bater à porta assim que a taça fosse guardada na estante. Com o mundo não mais olhando, a revista precisava decidir como gerir a herança de Menotti e se o “novo país” que ajudara a vender nas bancas sobreviveria à rotina do dia a dia.

O assunto ainda estava em alta –assim permaneceria por alguns meses –, e a Edição 3065, de 4 de julho de 1978, deixa claro logo em seu editorial que a exploração do fenômeno estava longe de acabar. Sob o título “O Mundial segue na El Gráfico”, a revista não esconde o caráter comercial de sua operação, celebrando seus próprios números superlativos, onde a tiragem histórica que se esgotou em horas, atingiu a impressionante marca de um exemplar para cada 43 habitantes do país. Em um movimento claro de aproveitar o momento favorável do mercado, a publicação anuncia que continuará abordando o tema através de edições extras de fotos e do lançamento de livros, evidenciando que, para além de qualquer contexto político, a revista era uma empresa ciente de que a euforia nacional era um produto altamente lucrativo.

Essa capacidade de navegar entre o interesse comercial e as relações de poder, o que já era bastante claro desde o início de nossa análise, fica patente na matéria principal da mesma edição. Logo nas primeiras páginas, a revista traz uma entrevista exclusiva com o tenente-general Jorge Rafael Videla. A imagem que ilustra o encontro é significativa, já que longe da rigidez protocolar dos gabinetes oficiais, mostra o ditador sentado confortavelmente em uma poltrona, ao redor de uma mesa de centro, em uma conversa de aparência informal com a presença do secretário de informação pública, contra-almirante Rubén Franco, e da alta cúpula *do Editorial Atlántida*, nas figuras de Constancio C. Vigil (diretor executivo), Ernesto Cherquis Bialo (chefe de redação) e Héctor Vega Onesime (subdiretor). A composição visual sugere

intimidade e acesso privilegiado ao poder, ainda que o conteúdo da conversa revele a via de mão dupla dessa relação.

Figura 12: encontro e entrevista especial *El Gráfico* com o presidente Videla



Fonte: reprodução Revista *El Gráfico* - Edição 3065, 04/07/1978.

Se por um lado a revista cede espaço para capitalizar politicamente sobre o “êxito organizativo” e a “imagem de paz do país”, por outro, os jornalistas aproveitam a abertura para pautar interesses próprios do veículo. As perguntas não se limitam a celebrar o Mundial, e se direcionam a atenção do presidente para os “graves defeitos de organização” do futebol local e cobram uma postura do governo sobre o futuro do esporte interno agora que os holofotes internacionais se apagaram. Era, em essência, a dinâmica de disputa hegemônica em ação, mais uma vez, com a revista oferecendo o palco da vitória e ao mesmo tempo cobrando atenção às suas pautas fundamentais. Acerca da entrevista em si, destacamos algumas perguntas e respostas, que como de costume, falam por si só e não requerem nenhuma análise extra:

- Aparentemente uma pergunta que se lhe faz tem uma resposta óbvia, contudo EL GRÁFICO deseja que sejam seus leitores que ouçam o que significa o Campeonato Mundial para a Argentina.

R: O significado do Campeonato Mundial de Futebol é múltiplo. Em primeiro lugar representou, ante todos os países do mundo, uma imponente demonstração de capacidade organizativa. Tudo o que se fez, em tão curto tempo e com tanta eficácia, é uma amostra do que os argentinos nos podem dar, na parte técnica e na humana, quando se propõem e o fazem juntos. Em segundo lugar, toda a população, sem exceções, brindou o espetáculo de sua

alegria e seu legítimo fervor, mostrando-se também hospitaleira e amiga dos visitantes. Eles serão, sem dúvida, os fiéis testemunhos de nossa verdadeira realidade frente a seus países, sem a intencionada deformação de uma campanha internacional de falsidades. Em último lugar, quero assinalar o conteúdo emocional e patriótico dessa comunhão que se viveu nos lares e nas ruas, ao grito de “Argentina!”. O esportivo foi, nesta oportunidade, o caminho para expressar, como nunca se havia visto antes, o sentimento de união nacional e comuns esperanças de paz, união e fraternidade. Estas esperanças abrem um grande futuro para a realização de toda a comunidade.

- Poderia recordar-nos uma frase, um diálogo, ou algum detalhe que possa citar de suas visitas ao vestiário argentino?

R: Sim, recorro a uma circunstância que ficou profundamente gravada em meu espírito. Foi antes de uma partida, quando ao ingressar ao vestiário encontrei a todos os integrantes da equipe rezando com fervor. Essa situação me tocou muito fundo e me somei como um a mais à prece.

- A partir do Mundial, será o esporte em geral e o futebol em particular uma atividade à qual o governo prestará maior atenção?

R: O Governo presta atenção e apoio a todas as manifestações esportivas. Considera que constituem uma verdadeira escola de virtudes e habilidades, onde o físico e o espiritual se unem para a formação de homens sãos e cavalheirescos. O futebol tem, nesse marco, um papel muito importante. E justifica, como o tem demonstrado a organização e os resultados do Mundial, a sustentada preocupação das autoridades.

- O senhor está em conhecimento de que, à margem do Mundial, o futebol argentino adoece de grandes defeitos de organização?

R: Os defeitos a que alude a pergunta são parte, em todo caso, da crise dos últimos anos nas diversas ordens da República. Mas estamos vivendo uma hora de recuperação, à base do esforço de todos. O positivo impacto do Mundial '78 nos está dando o rumo para um renovado impulso que, desde logo, gravitará sobre nosso futebol, que é, como expressão esportiva, uma realidade viva do país.

- Senhor presidente, lhe pedimos uma consideração final.

R: Temos sido, durante semanas, o foco de atração mais importante do mundo. Os meios de difusão massiva, especialmente os audiovisuais, projetaram uma autêntica e pujante imagem do país. Nos reconforta tudo o ocorrido e os resultados obtidos. Mas mais que nada nos alenta a demonstração – a nível universal – de um povo maduro, capaz das maiores empresas sobre a base da união e o esforço compartilhado. Que essa união e esse esforço prossiga, de hoje em diante, em todas as instâncias do caminho comum que os argentinos nos temos proposto.

(Entrevista El Gráfico, Edição 3065 (páginas 3-6), 04/07/1978)

“Que vergonha, senhores!”. Há exato um mês da grande decisão do Mundial e a posterior consagração argentina, esse foi o título do editorial da Edição 3068. O motivo claramente não era positivo, já que a realidade do futebol local voltou a bater à porta e os velhos fantasmas voltaram a assombrar. De uma hora para a outra, a mesma revista que celebrava a ideia de modernidade e uma suposta conscientização popular geral, entre outras mudanças positivas, agora se vê diante do que classifica como “uma minúscula prova dos horrores QUE

HÁ UM MÊS (com bandeiras e cantos) CREIAMOS DEFINITIVAMENTE SUPERADOS”. O texto expressa a decepção de quem acreditava que, passado o evento, se respiraria o ar puro de algo novo.

Para ilustrar o retrocesso – ou na verdade a volta à normalidade –, o editorial aponta para a desorganização estrutural, usando como exemplo a invasão de campo no estádio do Atlanta, descrita como “bichinhos (crianças) povoando o campo de jogo em VERGONHOSO EXEMPLO DE DESORGANIZAÇÃO”, e os corredores inundados no estádio La Bombonera, em Buenos Aires. A indignação é reforçada por uma comparação direta com outra esfera do entretenimento *porteño*, onde a revista afirma estar segura de que “se no Luna Park caísse uma garrafa ou um café haveria alguém para impedir que o líquido incomodasse a qualquer espectador”. Esse descaso é atribuído diretamente aos dirigentes, com a publicação sentenciando que “O MUNDIAL SENSIBILIZOU E CONSCIENTIZOU A TODO O PAÍS, MENOS A ALGUNS IMPORTANTES HOMENS DO FUTEBOL”. Diante disso, o texto encerra com uma promessa de mudança de postura, avisando que será “rigorosa e implacável para marcar, de agora em diante, erros e responsáveis”, pois não querem “SER CÚMPLICES DE QUEM TÃO RAPIDAMENTE SE ESQUECEU QUE AQUI HOVE UM MUNDIAL DO QUAL TODOS NOS SENTIMOS ORGULHOSOS”.

Seguindo a mesma linha de denúncia e desencanto, a Edição 3071, de 15 de agosto de 1978, aprofunda o diagnóstico do momento seguinte, focando agora nas decisões administrativas que ameaçavam arruinar o legado recém-conquistado, o editorial “Isto acontece 51 dias depois de haver ganhado a Copa do Mundo” aponta contradições flagrantes no uso da infraestrutura e na gestão dos próprios clubes. De um lado, questiona-se o desperdício de ver o Estádio José Amalfitani, do Vélez Sarsfield – definido como um “modelo para qualquer capital do mundo e fruto de uma imensa fortuna investida” –, permanecer vazio e fechado em um domingo de futebol, um luxo que o país não poderia se dar. Do outro, a crítica se volta para a postura do Huracán, que abandonou a disputa do campeonato local, onde jogava sua permanência na primeira divisão, para realizar uma excursão pela Europa. Para *El Gráfico*, tal atitude beirava o “suicídio interno” e, pior ainda, colocava em risco a imagem externa do país, já que ao apresentar-se sem força máxima no exterior, o clube estaria “rifando o prestígio bem ganhado” pelo argentino, manchando a reputação de suposta excelência que o Mundial havia custado tanto a construir.

Se um estádio fechado já era preocupante, a realização de uma partida com menos de 30 pagantes acendeu todos os sinais de alerta e foi classificada pela revista, na Edição 3074 (05/09/1978), como “um exemplo patético”. O editorial relata com incredulidade os números

daquele jogo entre Independiente e Estudiantes, onde 27 ingressos de arquibancada e 2 de plateia foram vendidos, gerando uma arrecadação irrisória que confirmava a “marcha inexorável rumo à autodestruição” do futebol local.

Inevitavelmente, o paradoxo de uma nação que lotou o Monumental de Núñez com mais de 70 mil vozes em êxtase patriótico, e agora produzia um cenário de abandono absoluto, provocou fortes questionamentos. Sem querer equiparar a magnitude incomparável de uma Copa do Mundo com uma rodada de campeonato local, a questão levantada pela *El Gráfico* tocava na essência do legado vendido: se a paixão pelo futebol era tão visceral e identitária como pregava o discurso oficial, para onde ela havia desaparecido? Para validar seu diagnóstico de terra arrasada, a publicação cita manchetes e reportagens de outros veículos, como “O futebol argentino morre”, da *Somos*, e “O futebol à beira do precipício”, do *Clarín*. Contudo, a crítica mais contundente e reveladora aparece em um interpretável diagnóstico político da situação, onde a revista dispara uma frase que resume a relação instrumental do governo com o evento, percebendo que o país havia passado, sem escalas, “do sobre protecionismo e aproveitamento demagógico do esporte ao desamparo e à orfandade”.

Enquanto para o futebol o legado deixado pelo evento sediado no país parecia ter sido uma mera ilusão, para *El Gráfico* tudo caminhava de vento em polpa. Além dos produtos comerciais lançados, a revista continuava a receber seguidas distinções especiais devido ao trabalho realizado. Na Edição 3072, de 22 de agosto de 1978, o editorial “Nos sentimos orgulhosos e felizes” destaca a entrega da estatueta “*Santa Clara de Asís*” à publicação, concedida pela “Liga de Mães e Pais de Família”. A premiação não foi apenas um reconhecimento técnico, mas serviu também como validação moral da linha editorial adotada, chancelando a narrativa de que a cobertura serviu para revelar a “verdadeira realidade argentina”. Como prova desse alinhamento e orgulho, a revista reproduziu as próprias palavras da homenagem:

Nos permite apreciar, há muitos anos, os autênticos valores do esporte. Foi o meio que refletiu no extraordinário acontecimento do Campeonato Mundial 1978, com sincera e extraordinária técnica gráfica, o clima de verdadeira festa que vivemos todos os argentinos; que nos disse em suas páginas que este Mundial permitiu a exaltação do esporte e que, para além do super profissionalismo, importa a lealdade e o jogo limpo, que o talento continua sendo o fundamento do êxito e que este serviu para demonstrar a verdadeira realidade argentina, em maior aproximação e compreensão entre os povos. Fundada em 30 de maio de 1919 por Constancio C. Vigil, faz 59 anos que, desde suas publicações semanais, nos informa sobre todos os acontecimentos esportivos de nosso país e do mundo. Junto ao emocionado 'obrigado', expressamos: um novo motivo de satisfação e um novo compromisso perante o futuro. (Reprodução Editorial El Gráfico, Edição 3072, 22/08/1978)

Para a direção, no entanto, o prêmio não significava um ponto de chegada, mas um combustível para manter a máquina girando. Sob o lema “para *El Gráfico* o futuro é hoje”, o restante do texto reafirma o compromisso com a excelência logística e a onipresença da cobertura. A revista faz questão de listar seus enviados especiais espalhados pelo mundo – acompanhando as estreias de Villa e Ardiles na Inglaterra ou competições em Munique, por exemplo – e detalha a complexa operação para trazer fotografias da Europa para Buenos Aires em tempo recorde. O jogo continuava sendo jogado, tendo aliados ou não.

Pouco mais de um mês se passou, e a máquina da revista continuava a todo vapor para manter sua excelência operacional, com a narrativa sobre a civilidade nacional também precisando de combustível externo para não enguiçar diante da realidade doméstica. Assim, o paradoxo entre o discurso e a prática ganhou um novo capítulo na Edição 3078, de 3 de outubro de 1978. Enquanto semanas antes a própria publicação denunciava a violência e a desorganização nos estádios locais, agora ela celebrava com pompa uma distinção vinda da Europa, na qual a *Association Internationale Contre la Violence dans le Sport* (AICVS), sediada em Mônaco, havia concedido um troféu excepcional ao público argentino, como enunciava o texto.

A contradição era flagrante, mas funcional para a linha editorial. O prêmio servia como a prova definitiva contra as “campanhas insidiosas” do exterior, validando a tese de que a imagem de paz, hospitalidade e civilidade projetada durante a Copa não era uma maquiagem do Regime, mas a “verdadeira face” da nação. Esse episódio consolida a percepção de que o suposto legado de modernidade do evento funcionou perfeitamente como um produto de exportação, blindando a reputação do país lá fora, mesmo que internamente os “autênticos valores” fossem desmentidos a cada rodada do Campeonato Metropolitano, se pensamos estritamente no futebol. Para a revista, contudo, o troféu era um triunfo moral que deveria ser usado como espelho, e o editorial encerra com um apelo quase pedagógico para que aquela imagem de exportação se tornasse, enfim, um hábito interno:

A notícia nos permite rememorar um momento auge da Argentina futebolística. Um momento no qual todo um país – não só os 'torcedores de futebol' – se uniu atrás de um compromisso assumido perante o mundo para permitir uma realização que a todos nos encheu de legítimo orgulho. A resposta do público argentino ante esse reclamo foi de uma calidez, uma sinceridade, uma espontaneidade e um sentido fraternal da hospitalidade tão significativos que através do futebol a imagem argentina goleou a insidiosa campanha montada no estrangeiro contra nosso país.

É importante recordar aquilo tão bom que passou há três meses, ao recebermos esta distinção inesperada que nos chega da Europa, para compreender que o compromisso segue de pé. Se em junho de 1978 fomos capazes de mostrar ao mundo a melhor torcida, a mais fervorosa, a mais vibrante e ao mesmo tempo

a mais correta, nossa obrigação é manter viva essa decorosa imagem esportiva. O compromisso de ser melhores, de alentar com limpeza, de vibrar com correção, não terminou em 25 de junho de 1978. O compromisso segue. E esse troféu que entregará proximamente o príncipe Rainiero III nos serve como recordatório para manter no alto a limpa imagem conquistada. (Reprodução Editorial El Gráfico, Edição 3078, 03/10/1978)

Com a distinção europeia servindo para blindar a moral, a confirmação prática dessa suposta nova era esportiva viria das quadras, ampliando o horizonte de otimismo para além dos gramados. Na Edição 3084, de 14 de novembro de 1978, o editorial “O hóquei emocionou o país” celebra a conquista do Mundial de Hóquei sobre Patins, realizado em San Juan, tratando-a como mais uma prova de que o espírito daquele junho mundialista havia contaminado positivamente outras esferas. Segundo a publicação, este título obtido em um estádio lotado não era fruto do acaso, era benefício colhido de um “processo sério, profundo e rigoroso”, validando a tese de que a organização e o planejamento – bandeiras do Regime e da própria revista – eram a chave para o sucesso nacional.

A publicação ainda aproveita o gancho para estabelecer uma simbiose direta entre as modalidades, relatando que ajudou o técnico da seleção de hóquei, Santos Álvarez, nas tratativas de aproximar Menotti aos jogadores, visando transmitir suas experiências e unir os dois mundos sob uma mesma “filosofia esportiva”, baseada no esforço e no amor ao objetivo. Mais do que a taça em si, o texto também celebra a consolidação da “SENSAÇÃO DE QUE ESTAMOS, REALMENTE, TRANSITANDO POR UMA NOVA ERA DO ESPORTE ARGENTINO”. Ao final, o discurso assume um tom de proteção ao legado conquistado, comparando o passado recente com o presente vitorioso, enfatizando que se quatro anos antes o técnico da seleção nacional de futebol era o “homem no vazio mais absoluto”, agora havia “algo para defender” e já projetavam a Copa da Espanha 82’.

Essa injeção de ânimo serviria, contudo, como o último respiro de esperança e validação antes que a revista voltasse suas baterias contra a inércia estatal, cobrando energicamente que esse “algo” – tido como construído com extremo esforço coletivo – não fosse, mais uma vez, abandonado à própria sorte. O que terminou acontecendo.

Assim, na Edição 3080, de 17 de outubro de 1978, em meio a uma crise política onde os clubes do interior ameaçavam romper com a AFA devido ao formato do Campeonato Nacional, a publicação já diagnosticava o colapso institucional. Diante do impasse, o editorial não hesita em convocar o Regime como o único capaz de impor ordem. A sugestão é explícita, evidenciando que para que as soluções de fundo aparecessem, o Estado deveria “meter suas mãos limpas e sua inteligência orientadora”. A escolha das palavras não é acidental, já que ao atribuir “mãos limpas” à ditadura em contraposição à “sujeira política dos dirigentes”, a revista

reforçava a legitimidade moral dos militares para intervir em todas as áreas da sociedade civil que deles precisassem.

Essa demanda por uma tutela governamental ganha contornos programáticos na Edição 3085, de 21 de novembro de 1978. Dirigindo-se diretamente ao contra-almirante Jorge A. Fraga, recém-empossado ministro do bem-estar social, o editorial tenta equilibrar-se em um malabarismo semântico para justificar seu pedido de permissão para opinar e, em letras garrafais, estabelece uma distinção conceitual crucial: “NÃO QUEREMOS POLÍTICA NO ESPORTE, MAS SIM POLÍTICA ESPORTIVA” – tal qual aconteceu dias depois do golpe de 76, convém recordar. Sob essa retórica, a publicação cobrava que o governo transformasse o sucesso efêmero das medalhas em infraestruturas que durassem por muitos anos, apontando uma contradição dolorosa, mencionando que o país possuía os melhores atletas, mas carecia de pistas, piscinas e quadras. Entre as remarcações e lembretes feitos durante o texto, algumas chamam a atenção:

Tenha bem presente o que significou o Campeonato Mundial de Futebol. Ganhamos aos detratores, aos conspiradores e aos inimigos mostrando nossa realidade. Não foi só um feito de êxito esportivo com a obtenção do texto, se não, ao mesmo tempo, um definitivo tchau para as versões deteriorantes. (...) (...) O Prode dá ao Estado mais de 900 milhões de pesos a cada semana. O que o Estado poderia dar ao esporte?

Sabemos que a saúde, a moradia e outros temas que lhe incumbem devem ter sua maior preocupação. Mas nos permitimos lhe sugerir isso: ESTAMOS PREPARANDO HOMENS PARA O ANO 2000. Homens com vocação de família, de amor e de dignidade. O Esporte ajudará a conseguir essa geração. Senhor ministro, nunca se esqueça disto: O ESPORTE, A CADA INSTANTE, PULSA E VIBRA EM CADA CANTO DO PAÍS; E, EM ÚLTIMA INSTÂNCIA, DEPENDE DO SENHOR.

(Editorial El Gráfico, Edição 3085, 21/11/1978)

O clímax dessa tensão ocorre no apagar das luzes do tão esperado “ano do esporte argentino”, na Edição 3090, de 26 de dezembro de 1978. Diante da iminente saída de Menotti do comando da seleção por falta de acordo financeiro com a AFA, a revista lança uma dramática “Carta Aberta ao País”. O texto é um ultimato. Nele, a publicação detalha o interesse de outros países com números precisos, revelando, por exemplo, que a Associação Uruguaia de Futebol havia oferecido – com o apoio do governo uruguaio e o respaldo econômico de empresas como a Coca-Coca e o *Diario El País* – um milhão e cem mil dólares, por quatro anos, para preparar a seleção celeste visando o Mundial da Espanha em 1982. Para expor ainda mais a vergonha da situação interna, a revista compara a incapacidade da AFA de “fazer dinheiro” com o fato de que clubes estrangeiros, como o Valencia, cobravam “100.000 dólares livres de impostos por amistosos” apenas para exibir o campeão e artilheiro da competição, Mario Alberto Kempes.

Neste momento derradeiro, a máscara da autonomia cai definitivamente. Ao perceber que a AFA não teria força para competir com os dólares uruguaios, o editorial apela para a instância suprema que realmente detinha o poder. Com uma frase que resume toda a relação de dependência construída ao longo de 1978, a revista dispara: “SE O GOVERNO NACIONAL SALVOU O MUNDIAL, POR QUE HOJE NÃO SALVA SUA VIGÊNCIA?”. O questionamento encerra o ano expondo a lógica circular que aprisionou o futebol argentino, já que para a linha editorial, o sucesso esportivo não era mérito dos clubes, e sim uma obra do Regime. Assim, o que que poderia ter caráter de celebração de independência, termina com um pedido de socorro, onde a imprensa esportiva implorava para que o poder continuasse a exercer sua autoridade absoluta sobre a bola:

Nos dói ver como se desintegra algo tão querido sem escutar uma voz autorizada que diga BASTA. Basta à autodestruição e ao auto aniquilamento. O Mundial não deve ficar na história como um esforço isolado e obrigado pelas circunstâncias. Resgatemo-lo como ponto de partida de uma nova maneira de pensar e sentir dos argentinos.

(Editorial El Gráfico, Edição 3090, 26/12/1978)

Figura 13: editorial “Carta aberta ao país”



Fonte: reprodução Revista *El Gráfico* - Edição 3090, 26/12/1978.

Desta forma, 1978 se encerrava sob o signo de um paradoxo cruel, que não era novidade e de certa forma acompanhou todo o período. O mesmo ano que entregou à Argentina a sua maior glória esportiva e projetou ao mundo uma imagem de eficiência organizacional termina

com a revelação de sua fragilidade estrutural e o pensamento de que talvez a Copa tenha sido realmente “um sonho ou uma aparição mágica” que não condizia em nada com aquela realidade. Com isso, a revista, que iniciou o período atuando como fiadora do novo governo e profetisa de uma “nova mentalidade”, vê-se obrigada, no apagar das luzes, a clamar pela intervenção estatal para salvar o próprio legado que ajudou a construir. Ao implorar que o governo “salve a vigência” do que foi conquistado assim como “salvou o evento”, a revista admite, tacitamente, que a modernidade celebrada em junho não criou raízes nas instituições civis. A festa havia acabado, e a conta, política e esportiva, parecia acabar de chegar. E, em caso de demora, os juroz poderiam ser altos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar o exaustivo – e prazeroso – percurso investigativo proposto por este trabalho, fica evidente que analisar a atuação da revista *El Gráfico* entre 1976 e 1978 exige ultrapassar as fronteiras tradicionais do jornalismo esportivo. O que se desenhou ao longo destas páginas não foi o relato de uma cobertura jornalística sobre um campeonato de futebol, e sim uma espécie de cartografia de uma operação jornalística-política complexa, na qual um veículo de comunicação de massa atuou decisivamente na disputa pela hegemonia simbólica em um dos períodos mais sombrios da história argentina.

O objetivo central desta pesquisa, que buscou investigar as estratégias discursivas da publicação e suas convergências com o Regime, conduziu a conclusões redimensionadas das hipóteses iniciais. Se, a princípio, partia-se da premissa de que a revista serviu estritamente aos propósitos da última Ditadura Militar argentina, assim como outros veículos de comunicação, tanto neste quanto em outros contextos de governos de exceção, a análise empírica dos 57 editoriais selecionados e algumas outras matérias complementares revelou uma relação muito mais simbiótica e menos verticalizada do que o senso comum poderia sugerir.

Longe de ter sido uma instituição “covardemente tomada” ou coagida a replicar o discurso oficial – uma narrativa que muitas vezes convém à memória de empresas jornalísticas no pós-ditadura –, *El Gráfico* demonstrou ter sido um sujeito ativo, um “ator político” na plena acepção de Héctor Borrat. A revista não foi meramente usada. Ela se deixou usar, encontrando no projeto do chamado Processo de Reorganização Nacional pontos de contato com sua própria ideologia liberal-conservadora, sobretudo de mercado, baseada na valorização da ordem, da hierarquia e de uma modernização autoritária.

A aplicação dos conceitos operatórios de Stuart Hall e Mayra Rodrigues Gomes permitiu desvelar as engrenagens dessa adesão voluntária. Sob a ótica das práticas discursivas e da teoria da articulação, foi possível perceber que a revista trabalhou para conectar dois significantes que não possuem relação natural: o êxito esportivo e a eficiência administrativa do Estado. Sendo assim, a revista foi a grande artífice da sutura que convocou o leitor argentino a se identificar com a imagem de um país novo, sério e organizado. Ao celebrar a “eficiência” do *Ente Autárquico Mundial 78* (EAM 78), *El Gráfico* legitimava, por tabela, a capacidade de gestão da Junta Militar, ajudando a construir um “regime de verdade” onde a paz dos estádios funcionava como prova irrefutável da pacificação social, tornando invisível e, portanto, inexistente no debate público, a realidade dos campos de tortura e dos desaparecimentos.

Neste sentido, a publicação operou como um dispositivo disciplinar pedagógico. Mais do que informar sobre táticas e gols, a revista assumiu a tutela do comportamento social. Ao longo do ciclo mundialista, seus editoriais funcionaram como “palavras de ordem”, ensinando o torcedor a não vaiar hinos estrangeiros, a tratar bem os turistas e a celebrar de forma civilizada. A revista ajudou a forjar o “bom argentino”, aquele que, através do futebol, respondia à chamada “campanha anti-Argentina” com a demonstração de uma normalidade encenada – em vez de pedras na mão, “fuzis que atiravam flores”, replicando a destacada carta falsa. A narrativa da “modernização” e da “seriedade” foi o cimento ideológico que uniu a redação da revista e os gabinetes da Casa Rosada.

Contudo, a análise também expôs as fragilidades dessa articulação dentro da disputa hegemônica simbólica. O período pós-título, abordado na fase final da investigação, demonstrou que a identidade nacional forjada na euforia da vitória era contingente e instável. Quando as luzes do *El Monumental* se apagaram e a crise econômica voltou a bater à porta, a revista encontrou dificuldades em sustentar a narrativa do “país potência”. O retorno gradual das críticas à gestão esportiva no final de 1978 sinaliza que a aliança com o governo, embora profunda, não era incondicional, e sim pragmática, sustentando-se enquanto o projeto de poder militar servisse aos interesses de modernização do esporte e da sociedade defendidos pelo *Editorial Atlántida*.

Do ponto de vista pessoal e acadêmico, a realização desta pesquisa representa um marco de amadurecimento intelectual. Pensava que sabia muito sobre essa Copa em questão, dado todo o meu interesse pela Argentina e sua história desde muito novo. Porém, com o mergulho nas páginas da *El Gráfico* e o confronto com teorias densas sobre discurso e poder, me foi proporcionada uma maior compreensão de tudo que envolve este objeto de estudo, assim como a percepção da responsabilidade ética de um pesquisador diante da memória.

A satisfação em concluir esta etapa da graduação é ampliada pela perspectiva de continuidade na pós-graduação, já com a encantadora notícia da aprovação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), para a turma de Mestrado em 2026.

Com o “contrato” e as esperanças renovadas para essa nova etapa, ainda que sem cair na real, almejo seguir contribuindo para o fortalecimento e a legitimação do crescente campo dos estudos sobre futebol na academia. Espero que este trabalho, que busca desmistificar o velho mito de que o esporte seria apenas o “ópio do povo”, seja o pontapé desta grande história, já que, muito pelo contrário, a análise da *El Gráfico* comprovou que o futebol é uma arena cultural densa, atravessada por tensões e disputas de poder. Longe de ser uma cortina de fumaça

que esconde a realidade e com isso traz uma irrelevância acadêmica, este fenômeno cultural ajuda a explicar muitos acontecimentos cruciais da história e do cotidiano de diversas sociedades, servindo como uma chave interpretativa privilegiada para compreender as dinâmicas políticas e sociais.

Para estudos futuros, já que estamos, vislumbra-se a potencialidade de expandir esta análise em duas direções principais, amparadas nessa convicção da relevância do objeto. Primeiramente, investigar os desdobramentos dessa relação imprensa-regime nas Copas seguintes (1982 e 1986), observando como a transição democrática e a Guerra das Malvinas reconfiguraram o discurso esportivo nacionalista. Em segundo lugar, e talvez ainda mais instigante, propor o estabelecimento de estudos comparativos com o nosso contexto brasileiro – algo que, por meio de uma Iniciação Científica, já foi feito abordando a questão da construção/representação de herói nacional/exemplo de cidadão simbólico do jogador Pelé nas páginas da Revista *Manchete* e contribui para esta monografia. Quem sabe também uma aproximação com o Uruguai, que é outro país que me desperta sentidos.

Embora alimentem uma rivalidade histórica dentro das quatro linhas, suas trajetórias políticas no século XX guardam semelhanças perturbadoras. Analisar como a imprensa esportiva brasileira cobriu a Copa de 1970 sob o governo do ex-presidente General Emílio Garrastazu Médici (1969 – 1974), em comparação com a cobertura *El Gráfico* em 1978 sob Videla, por exemplo, pode revelar padrões transnacionais de legitimação autoritária através do futebol. Entender como regimes ditatoriais vizinhos utilizaram o mesmo expediente da paixão popular e como as mídias hegemônicas de ambos os lados da fronteira atuaram como correias de transmissão de ideais de “ordem e progresso” (ou “paz e reorganização”) é uma tarefa urgente – que felizmente percebo estar sendo realizada – para a historiografia, tanto social quanto da comunicação, na América Latina.

Encerro este trabalho, portanto, com a certeza de que olhar para o passado não é um mero exercício de nostalgia. É uma ferramenta crítica para compreender o presente e, de certa forma, até projetar futuros próximos. Em tempos onde o discurso de ódio e o autoritarismo voltam a rondar as frágeis democracias contemporâneas, muitas vezes cooptando símbolos nacionais e esportivos, entender como *El Gráfico* ajudou a construir a “festa de todos” sobre os escombros da democracia argentina permanece uma lição dolorosamente atual. A revista cumpriu seu papel de narrar o jogo, mas, ao fazê-lo, jogou também o jogo do poder. Por isso, cabe a nós, pesquisadores e cidadãos comuns, nunca deixar que um apito final silencie essas memórias. Estamos, e seguiremos aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

AGOSTINO, María José Moyano. **From Perón to Menem**: political culture in Argentina. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2002.

ÁGUILA, Gabriela. A repressão e a construção do inimigo interno. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 62, p. 589–609, 2011a.

ÁGUILA, Gabriela. Testemunhas e vizinhos: a ditadura na Grande Rosário (Argentina). In: ROLLEMBERG, D.; QUADRAT, S. V. (Orgs). **A construção social dos regimes autoritários**: Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b.

ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria**: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinidades**: fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2003.

ARCHETTI, Eduardo P. El mundial de fútbol de 1978 en Argentina: victoria deportiva y derrota moral. In: **Memoria y Civilización**, Buenos Aires, v. 1, n. 7, p. 175-194, 2004.

BORRAT, Héctor. **El periódico, actor político**. Barcelona: Gustavo Gili, 1989.

BORRELLI, Marcelo. Periodismo, política y dictadura: el caso de Clarín en la Argentina (1976–1983). **Question**, La Plata, v. 1, n. 34, 2012.

COMISIÓN DE MEMORIA HISTÓRICA. **Argentina**: memoria y derechos humanos. Buenos Aires, 2007.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes**: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011.

DANTAS, J. G. Espetáculo para além das quatro linhas: as interfaces entre, futebol, autoritarismo e propaganda nas Copas do Mundo de 34 e 78. In: JÚNIOR, A. J. R. (Org.). **Comunicação e Esporte**: Copa do Mundo de 2014. São Paulo: Intercom, 2014.

DI TELLA, Torcuato S. **História Social da Argentina**. Brasília: FUNAG, 2010a.

DI TELLA, Torcuato S. **Historia de los Montoneros**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010b.

DUCROT, Oswald. **Dizer e não dizer**: princípios de semântica linguística. São Paulo: Cultrix, 1977.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. **Brasil e Argentina**: um ensaio de História Comparada (1850/2002). São Paulo: Editora 34, 2004.

- FIGUEIREDO, Janaína. **¿Qué pasa, Argentina?**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2023.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2024.
- GASTALDO, Édison. A Pátria na "imprensa de chuteiras": futebol, mídia e identidades brasileiras. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006.
- GOMES, Mayra Rodrigues. Jornalismo: poder disciplinar. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v. 12, n. Especial 6, 2010.
- GOTTA, Ricardo. **Fuimos campeones: la dictadura, el Mundial 78 y el misterio del 6 a 0 a Perú**. Buenos Aires: Edhasa, 2008.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GUEDES, Simoni Lahud. De criollos a capoeiras: notas sobre o futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26, 2002, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização de Arthur Ituassu. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- LEVITSKY, Steven; MURILLO, María Victoria (Eds.). **Argentine Democracy: The Politics of Institutional Weakness**. University Park: Penn State University Press, 2005.
- LLONTO, Pablo. **La vergüenza de todos: el dedo en la llaga del Mundial de 78**. Buenos Aires: Asoc. Madres del Plaza de Mayo, 2005.
- LÓPEZ, Andrés; LÓPEZ, Mariano Hernán. Primeros apuntes de la historia del periodismo deportivo en Argentina. **Cuaderno de Cátedra - EPC**, La Plata, n. 20, 2011.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. O Jogo e a Ditadura: Reflexões sobre a Copa de 1978 na Argentina. **Revista Mestrado História**, Vassouras, v. 13, n. 2, p. 83-96, jul./dez., 2011.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. A memória da ditadura através do futebol: Brasil, Argentina e as Copas do Mundo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA: MEMÓRIA, TRAUMA E REPARAÇÃO, 1, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2012.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina.** 2013. 239 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones.** Barcelona: Gustavo Gili, 1993.

MATTELART, Armand. **La information politique et les régimes autoritaires en Amérique Latine.** Paris: Éditions Anthropos, 1978.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Do Golpe de Estado à Restauração Democrática.** São Paulo: Edusp, 2007.

NASCIMENTO, Greyce Falção. **A Imprensa a serviço do golpe.** A repercussão do AI-5 nas páginas da revista Manchete. Recife: Faculdade Maurício de Nassau. 2015.

O'DONNELL, Guillermo. **Contrapuntos: ensayos escogidos sobre autoritarismo y democratización.** Buenos Aires: Paidós, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

PALACIOS, Ariel. **América Latina Lado B: O cringe, o bizarro e o esdrúxulo de presidentes, ditadores e monarcas dos vizinhos do Brasil.** Rio de Janeiro: Globo Livros, 2024.

REIN, Raanan. Solidaridad internacional y protestas transnacionales contra la Copa Mundial de 1978. **Avances del Cesor**, Rosario, v. 16, n. 21, p. 105-123, 2019.

ROCHA, Max Filipe Nigro. **Em busca do feitiço perdido: a revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corintiana (1979-1984).** 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ROLDÁN, Diego. La espontaneidad regulada: Fútbol, autoritarismo y nación en Argentina '78. Una mirada desde los márgenes. **Prohistoria**, Rosario, v. 1, n. 11, pp. 125-147, 2007.

ROMERO, Luis Alberto. **A História contemporânea da Argentina.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

STEINKE, Sabina. Apontamentos sobre a transição democrática Argentina. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ANPUH, 26, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH-SP, 2011.

ULANOVSKY, Carlos. **Paren las rotativas: historia de los grandes diarios, revistas y periodistas argentinos.** Buenos Aires: Emecé, 2011.

VARELA, Mirta. **La televisión criolla: desde sus inicios hasta la llegada del hombre a la Luna 1951-1969.** Buenos Aires: Edhasa, 2005.

ZELIZER, Barbie. **Taking Journalism Seriously: News and the Academy.** Thousand Oaks: Sage Publications, 2004.